ALMANACH DO
"O TICO-TICO"
1930
Preço:
5$000
Pelo Correio:
5$500

CINEARTE-ALBUM
1930
A MAIS LUXUOSA PUBLICAÇÃO ANNUAL CINEMATOGRAPHICA BRASILEIRA.
EDIÇÕES ESGOTADAS EM 6 ANNOS SEGUIDOS
A mais completa collecção de retratos de artistas de ambos os sexos.
A VENDA EM TODO O BRASIL
A unica publicação nacional do seu genero e com as mais deslumbrantes tri-
ORIGINALIDADE - ARTE - BOM GOSTO
Faça desde já o pedido do seu exemplar, enviando-nos 9$000 em dinheiro em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do correio.
SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"
TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO

"LEITURA PARA TODOS" Publica:

NOVELLAS MARAVILHOSAS de aventuras e de amores, fundadas na mais perfeita moral;

VULGARIZAÇÕES SCIENTIFICAS pelas quaes todas as descobertas modernas se tornam comprehensiveis a todos;

BIOGRAPHIAS CELEBRES de sabios, cantores, musicos, escriptores, estadistas, inventores, artistas theatraes e cinematographicos;

HISTORIA E DESCRIPÇÃO de todos os povos antigos e modernos, particularizando as suas artes e os seus costumes;

VIAGENS E CAÇADAS por turistas e desbravadores em todos os continentes.

"LEITURA PARA TODOS" E' UMA PEQUENA ENCYCLOPEDIA QUE SE PUBLICA MENSALMENTE E DEVE SER LIDA EM TODOS OS LARES.

Lindas photographias e artisticos desenhos!

Preencha e remetta-nos hoje mesmo o coupon abaixo:

Snr. Director-Gerente da "LEITURA PARA TODOS"
Travessa do Ouvidor, 21--Rio.

Junto remetto-lhe a importancia de Rs......$........ para uma assignatura registrada da "LEITURA PARA TODOS" pelo praso de

6 MEZES 16$000	12 MEZES 30$000

*Nome*______________________________

*Rua*______________________________

*Cidade e Estado*______________________________

NOTA: Corte com um traço o quadro que indica o periodo de assignatura que NÃO deseja. — Os subscriptores juntarão a este coupon a importancia em cheque, dinheiro em carta registrada, vale postal ou em sellos do Correio.

Foi escondido na sombra
De um copado João-melão
Que o Juquinha encontrou,
Chorando, o mano Janjão.

— Não chores, meu irmãozinho,
Que eu aqui estou a teu lado,
Vim buscar-te para a escola,
Para o estudo adorado.

— Mas eu não quero ir á escola
Sem ter lapis e caneta,
Quero um livro, alguns cadernos,
Quero uma linda maleta.

— Pois vaes ter tudo que queres
Por preços mais que baratos,
Porque papae faz as compras
Na popular Casa Mattos.

ATTENDER-VOS-EI NA

O presente de Natal

Era noite de natal. Nas casas ricas festejava-se animadamente o nascimento de Jesus.

Em um dos bairros mais pobres de Paris, havia uma casa, talvez a unica que n'aquella vasta cidade não festejava o nascimento de Jesus. Dentro della reinava a mais completa miseria: era uma sala immunda, com uma mesa no centro, duas cadeiras ao redor, um armario e uma cadeira de balanço toda quebrada, perto de um miseravel fogão enferrujado. Sentada na cadeira de balanço uma velha com os cabellos em desalinho, roupa cahindo aos pedaços, bebia... E, no canto junto do armario, um menino todo encolhidinho, chorava...

Pensava, talvez, nos brinquedos que n'aquella hora estariam ganhando as outras crianças, ao passo que elle, um pobre infeliz, orphão de pae e mãe, acolhido n'aquella miseravel casa, por aquella velha ebria, que o maltratava a valer, nada podia esperar.

Ainda n'aquelle momento elle, queixando-se de não ter ganho nem um brinquedo, a velha lhe batera. Estava engolphado nos seus pensamentos, quando a megéra o mandou deitar-se. O pobre pequeno, chorando levantou-se e correu para o cubiculo onde o esperava um monte de palha que lhe servia de cama.

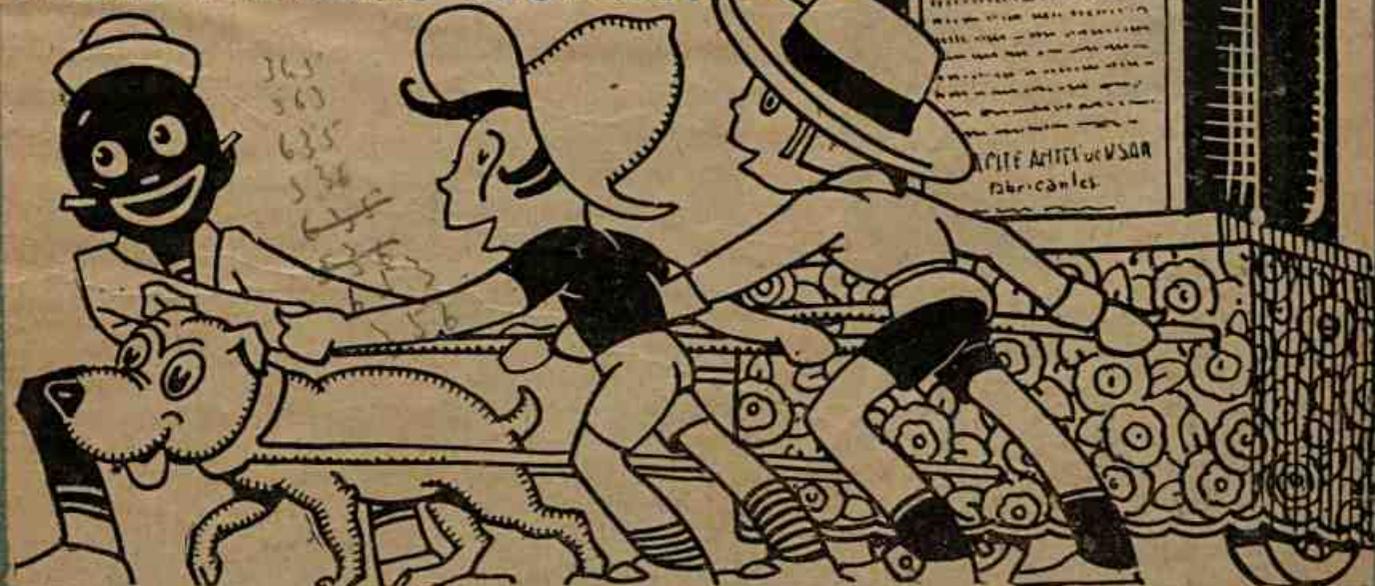
Com o estomago a roncar, pois nesse dia o seu alimento resumira-se n'uma caneca de café com um pedaço de pão, deitou-se.

Duas horas depois, deviam ser onze, levantou-se e foi direito ao armario, não que tivesse a esperança de ali encontrar qualquer cousa para comer, pois sabia que, nada havia no armario; entretanto, uma força sobrenatural o forçava a lá ir! Qual, porém, não foi a sua surpreza, quando ao abril-o encontrou-o cheio de iguarias. Nada disso existia lá, a fome o fizera ver aquillo tudo. Quando voltou a si e viu que aquellas iguarias não eram sinão uma triste illusão da fome, tornou a cama e ali ficou como petrificado. De repente Jesus lhe appareceu e disse:

— "Vem meu filho, commigo, que lá na minha casa encontrarás comida de sobra, e serás immensamente feliz". Dito isto Jesus lhe abriu os braços e o pequeno com um sorriso de alegria nos labios atirou-se á elle, e os dois voaram em direcção ao céo!... Na manhã seguinte o sino da igreja tangia tristemente, annunciando o desapparecimento de um novo mortal. Era pelo pequeno infeliz que o sino assim tangia!

Foi o presente de Natal que Jesus lhe offereceu!

(*Heloisa Cavalcanti Soares dos Santos,* 10 annos)

XAROPE
DE
GOMENOL
formula do Doutor
MONTEIRO VIANNA
O GRANDE
ESPECIFICO DA
COQUELUCHE
INFALLIVEL EM TODAS AS TOSSES
DEPOSITARIO: Pco F. JANNARELLI
R. DAS PALMEIRAS 12. S. PAULO
Xarope
DE
GOMENOL
Modificado
Pelo Emo
Sr. Dr.
Monteiro Vianna
COQUELUCHE
Bronchites da Crean
DOSES
fabricantes

O PINTINHO E A RAPOSA

N'um terreno de grande chacara pertencente a opulento capitalista, havia uma grande quantidade de aves de toda a especie. Destacava-se nesta multidão de aves um patinho muito magro, pequenino e teimoso que disse, aos seus companheiros, que havia de levar uma carta a El-Rei. Todos caçoaram muito delle e o aconselharam de não ir, porque seria devorado pelas raposas. O nosso pintinho, riu-se convencido e falou: Irei e hei de cá voltar rico. Os gallos, as gallinhas, os patos, etc. deram uma gargalhada formidavel, e disseram uns aos outros: Deixemos este maluco, elle verá o que lhe vae acontecer.

Viraram as costas ao pintinho, e cada um foi se retirando. O pintinho vendo que já estava a escurecer e que não poderia andar na estrada á noite, sahiu pelo portão a fóra sem ao menos lhes dizer adeus, e partiu em direcção ao palacio real.

Depois de muito andar, quasi tres kilometros, ia descansar da jornada, quando deparou com uma velha raposa que lhe disse com bons modos: Bons dias, Sr. Pinto; por aqui por estas alturas! Onde vae a estas horas? "Ki-ki-ri-ki", respondeu o pinto, vou levar esta carta a El-Rei. Como vaes passar este rio? disse a astuta raposa que estava com vontade de comer pinto. Eu te levo aqui na bocca, eu sei nadar, e quando chegarmos á outra margem, eu te deixo lá e sigo o meu caminho.

— Pois está bem, mas não me engulas, retorquiu o pinto meio desconfiado.

— Entra de uma vez, disse a raposa, que não te farei mal nenhum.

O pintinho entrou. Quando a raposa o viu nos seus dentes, fechou depressa a bocca e o devorou.

EDESIO ESTEVEZ

A JOIA UNICA

Um dia, atravessando o deserto, viu um viajante inglez um arabe pensativo, ao pé de uma palmeira. A' pequena distancia descansavam os seus cavallos, pesadamente carregados, o que logo revelou ao viajante que se tratava de um mercador de objectos de grande preço, que ia vender suas joias, perfumes e tapetes á alguma cidade vizinha.

Como havia muito que não falava a pessoa alguma, approximou-se do pensativo mercador, dizendo-lhe:

— Bom amigo, saude! Pareces muito preoccupado. Posso ajudar-te em alguma cousa?

— Ah! disse o arabe com tristeza. Estou muito afflicto, porque acabo de perder a mais preciosa das minhas joias!

— Ora! respondeu o outro. A perda de uma joia não devia ser grande coisa para quem, como tu, leva sobre seus cavallos tão grandes riquezas. Ha de ser facil substituil-a

— Substituil-a! Substituil-a! exclamou o arabe. Bem se vê que não sabes o valor do que eu perdi!

— Mas que joia era essa? perguntou ao viajante.

— Era uma joia, — respondeu-lhe o interlecutor, — como não se fará outra. Estava encravada num pedaço de pedra da Vida, e havia sido feita na ourivisaria do Tempo.

Adornavam-na vinte e quatro brilhantes, ao redor dos quaes se agrupavam sessenta menores.

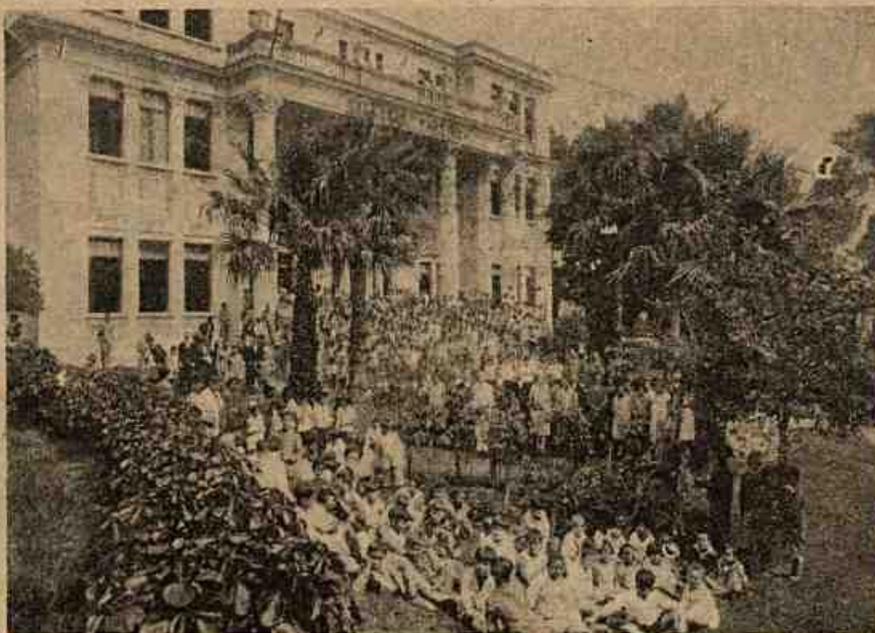
Vês assim que tenho razão de dizer que outra egual ninguem fará.

— Por minha fé, disse o inglez, devia ser de muito preço. Mas não crês que com muito dinheiro seria impossivel conseguir outra analoga?

— A joia perdida, respondeu o arabe, quedando a cabeça pensativo, a joia perdida era um dia, e um dia que se perde não se encontra mais.

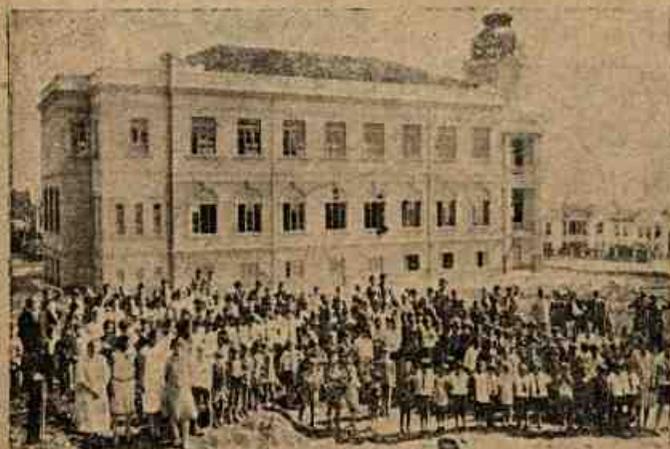
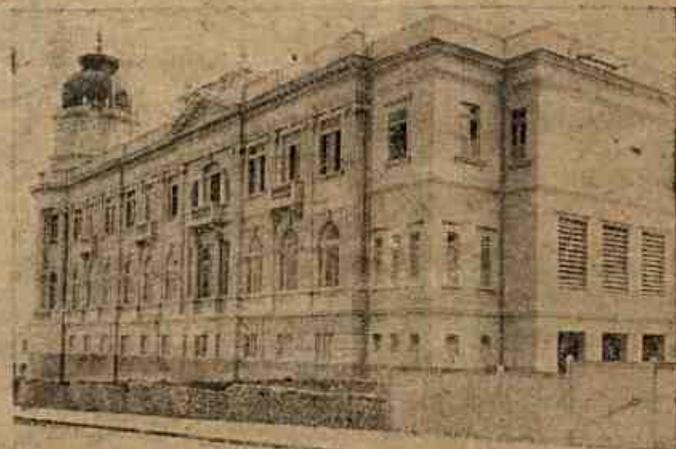
Sönksen
o chocolate preferido das crianças

COLLEGIO BAPTISTA
RIO DE

Localidade — Situado no saudavel bairro da Tijuca, nas encostas de lindas montanhas, no meio de paysagens de incomparavel belleza, accessivel a todos os bairros por numerosas linhas de bondes electricos, o Collegio occupa um logar saluberrimo, de vantagens hygienicas inexcediveis. O Collegio tem tambem serviço proprio de transporte de alumnos, em auto-omnibus.

Edificio Principal com o grupo geral de alumnos do Departamento Masculino

Terrenos — Os grandes edificios modernos desta instituição occupam duas enormes chacaras, ambas as quaes mais modernos norte-americanos.

Edificios — Seis edificios bem espaçados, todos da propriedade do Collegio e quatro dos quaes foram construidos pedagogicamente para os fins do estabelecimento, têm accommodações amplas para mil alumnos.

O ideal dos fundadores deste collegio é proporcionar á mocidade uma educação solida, edificar a personalidade dos seus alumnos robustecendo seus corpos, desenvolvendo seus intellectos e incutindo-lhes a moral sã.

Grupo de alumnos do Departamento Primario com a Directoria

Edificio da Escola de Applicação (Rua Andrade Neves)

Aula de gymnastica para menores

Uma aula nos cursos elementares

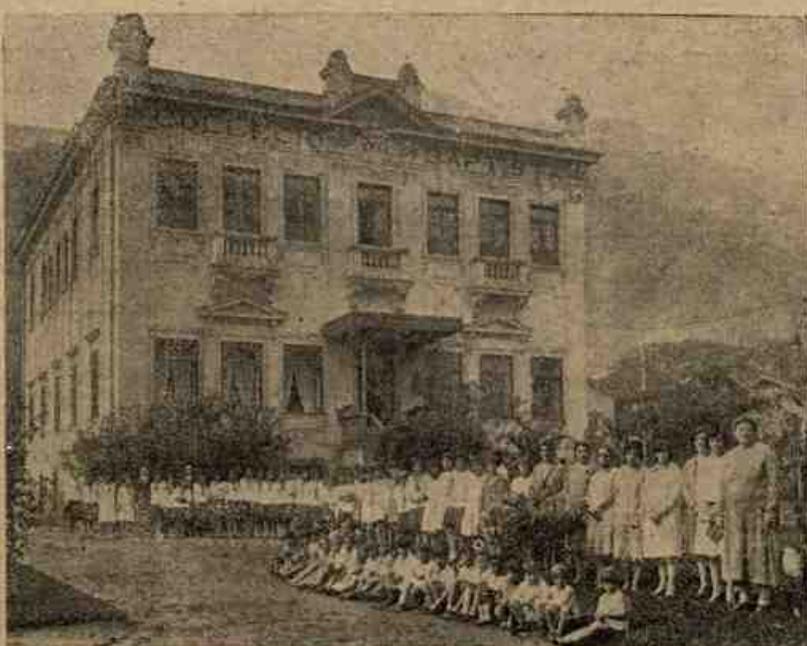
sendo da sua propriedade e que, bem arborizadas, proporcionam os vastos campos para a organização da Cultura Physica, empregando-se para este fim, os methodos dos

Corpo Docente — A alma de um collegio é o seu Corpo Docente. Desde a sua fundação a Junta Administrativa deste collegio tem usado o maximo de criterio na escolha de pro-

AMERICANO BRASILEIRO
JANEIRO

fessores. Quasi todos os professores dos Cursos Secundarios são formados por varias universidades e as professoras dos Cursos Elementares pela Escola Normal.

O Corpo docente é composto de mais de setenta docentes, technicamente preparados e de ampla experiencia.

EQUIPARAÇÃO — *Os Cursos Secundarios desta instituição são equiparados ao Departamento Nacional do Ensino com bancas examinadoras, que funccionam no proprio Collegio.*

O Collegio para o Sexo Feminino (Rua Conde de Bomfim, 743)

O Curso Fundamental de seis annos é organizado exactamente para preparar alumnos para prestarem os exames perante as bancas examinadoras do Departamento Nacional de Ensino. Completando este curso o alumno recebe o diploma official da Republica dando direito ás matriculas em todas as Escolas Superiores do paiz. Parallelo com este curso, mantemos um Curso Commercial de 4 annos, agora officializado.

Team de basket-ball de 1929

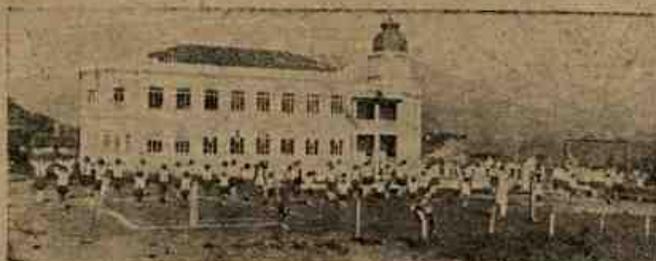
Nos exames os alumnos têm demonstrado o preparo tanto pelo lado moral e physico, como pelo lado intellectual, que reflecte grande honra sobre o estabelecimento e provoca o louvor espontaneo da parte dos examinadores

METHODOS — Os methodos praticos e os ideaes moraes evangelicos, constituem elementos poderosos na moralização e efficiencia do ensino. Procuramos incutir nos nossos alumnos o espirito de pesquiza independente, creando assim personalidades capazes de tomar a vanguarda no movimento para o melhoramento social e desenvolvimento material, intellectual e moral do povo.

Team de foot-ball de 1929

SECÇÃO FEMININA — O Collegio foi especialmente feliz na compra da linda chacara, tendo frente para a rua Conde de Bomfim, 743, onde se acha installado em edificio proprio, construido para o fim, — o Collegio para o Sexo Feminino.

CURSOS — Além dos cursos: Jardim da Infancia, Primarios e Complementares, o Collegio proporciona tres cursos facultativos completos que são parallelos

Aula de gymnastica (Secção Feminina)

Aula de gymnastica e edificio da Escola Normal

INFORMAÇÕES — Desejando informações mais amplas, queiram pedir propectos nas secretarias do estabelecimento na séde geral do Collegio á rua Dr. José Hygino, 350, no Internato e Externato para o Sexo Feminino á rua Conde de Bomfim, 743, ou pela Caixa do Correio 828, Capital Federal.

J. W. SHEPARD,
Director.

O Echo

Em geral, gostam as crianças de ouvir certas explicações que, depois, em liberdade, commentam e reproduzem com interesse accentuado.

Estão, nesse caso, as explicações sobre o echo.

A titulo de curiosidade, offerecemos as seguintes notas que podem ser aproveitadas para uma lição attrahente.

Dizem os autores que hão se occupado, mais especialmente, desse assumpto que quasi todos os physicos têm attribuido a formação do echo a uma repercussão do som, semelhante á que experimenta a luz quando cae sobre um corpo polido; mas não é fundada essa explicação, como observa Alembert, porque, para a producção do echo, seria preciso, então, que houvesse uma superficie polida, o que não confirma a experiencia, porque observam-se echos diante de rochedos, florestas, etc. E' o echo, pois, produzido por um ou muitos obstaculos que interceptam o som e o fazem voltar.

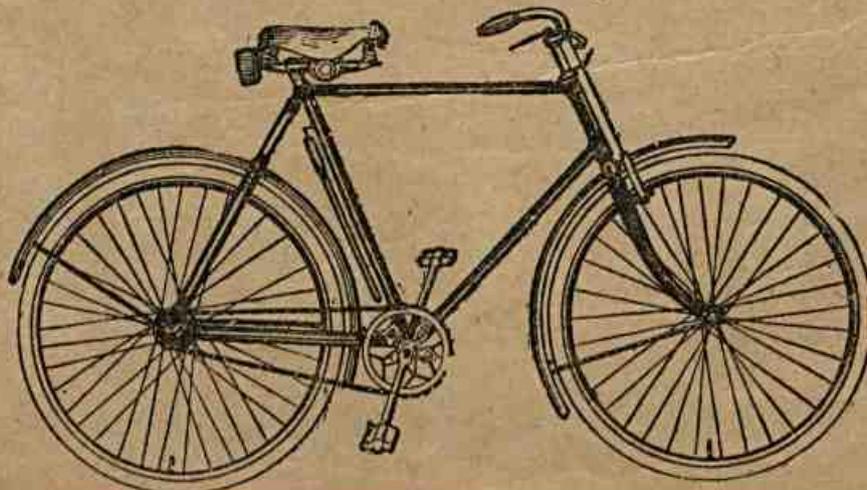
Ha echos simples e echos compostos. Nos primeiros, ouve-se apenas uma simples repetição do som; nos outros, duas, tres quatro vezes e mais. Ha alguns que repetem muitas palavras seguidamente, umas após outras, o que acontece todas as vezes em que se está a uma certa e determinada distancia do echo, de tal modo que se tenha tempo de pronunciar muitas palavras, antes de se ouvir a repetição da primeira.

Na grande avenida do castello de Villebertain, a duas leguas de Troyes, ouve-se um echo que repete duas vezes um verso de doze syllabas.

Alguns echos têm adquirido notavel celebridade. Misson, em sua descripção da Italia, fala do echo de Simoneta, que repetia quarenta vezes a mesma palavra.

Em Woodstock, em Inglaterra, havia um que repetia cincoenta vezes o mesmo som.

Poucas leguas distante de Glascow, na Escossia, ha um echo ainda mais singular. Um homem tóca uma ária de oito a dez notas; o echo repete todas ellas, mas reproduzidas uma terceira inferior aos sons emittidos, e isso por tres vezes, interrompidas por um silencio.

Havia com o echo dialogos assás interessantes, o que, aliás, pouco importa aos fins que têm em vista as presentes notas.

FALCHI
FALCHI
O MELHOR CHOCOLATE

DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

A TIRAGEM do "Almanach d'O Tico-Tico para 1930" é a maior de quantas já foram feitas nesta casa. A estas horas, em todos os lares de todos os Estados do Brasil, estará o Almanach enchendo de viva alegria o coração das creanças patricias. Essa alegria é a maior recompensa dos nossos trabalhos, é o estimulo para novos alentos em beneficio dos nossos amiguinhos — promessas risonhas de valorosos cidadãos — aos quaes enviamos cumprimentos de Boas Festas e votos sinceros de felicidade.

A ARVORE TRISTE

AQUELLES tres garotos que passavam a vida atravessando em todas as direcções a matta espessa do morro do "Burro Bravo", despojavam todas as arvores de seus fructos ainda verdes e derrubavam cercas invadindo os sitios mais sombrios.

Uma vez o vigia de um laranjal que ficava lá para as bandas de um velho açude disparou tres vezes a velha espingarda contra os tres vadios e só Deus desviara aquellas cargas de chumbo.

Mesmo assim os tres pequenos vagabundos não se compadeciam de uma arvore triste que erguia ao céo um feixe de galhos seccos, eriçados de varas de visgo e enfeitados de gaiolas e alçapões.

Aquella pobre arvore soffria, resignada, o vandalismo dos tres pequenos e era raro o dia em que não se quebrava mais um galho, vergado pela acrobacia daquelles malandros.

Uma vez, quando o sol descia por detraz do morro do "Burro Bravo", appareceu um anãosinho velho e de longas barbas brancas que falou aos tres meninos:

Uma arvore, meus amiguinhos, é um presente do céo que Deus mandou. A sua sombra protege o lavrador cançado, abriga a fonte contra os raios do sol. Ella abre a sua fronde em milhares de flores que abastecem as colmeias de mel saboroso. Depois vêm os fructos, alimento precioso que os mercados trocam por dinheiro, enriquecendo as nações. Ella soffre tambem o golpe que se lhe dá e fenece quando o homem é ingrato.

Não, meus amiguinhos!

De hoje em diante vocês vão deixal-a em paz. Quando ella for confortada pela bondade de alguem, ella, recamada de flores, triumphante e agradecida, pagará a sua divida, curvada ao peso de muitas coisas boas.

E o velho desappareceu na sombra humida da grota...

Fez-se um silencio de morte.

Os tres pequenos, disfarçando o mal que lhes fizera a censura daquelle velhinho mysterioso, trocaram palavras alheias ao caso. O mais moço, então, esticou o braço para a esquerda e falou:

— Naquelle lado ha muita goiaba.

— Basta! — replicou o mais sensato. Quem tem razão é o velho. Vamos cuidar dessa

arvore, adubando esse terreno, humedecendo essas raizes.

E os tres garotos, revestidos de um aspecto mais grave, combinaram entre si zelar eternamente pela vida daquelle triste feixe de galhos seccos, abandonados pelo destino.

Desde esse dia era frequente a visita dos tres garotos á arvore doente.

Fizeram-lhe em torno uma cerca protectora, renovaram-lhe a terra esteril e lhe trouxeram muitas latas d'agua apanhadas no corrego mais proximo.

O vigia do laranjal já tinha transformado o perfil carrancudo e sorria aos pequenos dizendo:

— Quando todos os meninos do mundo forem bons, o padeiro virá do céo num aeroplano.

Passaram-se varios mezes.

O zelo dos tres pequenos vagabundos pela vida da arvore triste augmentava embora uma sombra de desanimo começasse a se esboçar.

Uma vez, um dos garotos, depois de derramar uma lata d'agua em torno do velho tronco, murmurou:

— Parece que o padeiro continuará a vir a pé.

Depois os dias foram correndo, uns após outros. Veiu a primavera. A matta toda, exuberante, a derramar saude por todos os galhos, envolvem a varzea e a collina. Só a arvore triste emergia do meio daquelle tapete verde, erguendo ao céo o feixe de gravetos.

Vieram depois outros sóes, outras luas. Em Dezembro, na vespera feliz do Natal, o velho vigia do laranjal entrou a correr no barracão onde moravam os tres garotos. Vinha buscal-os, a offegar, gaguejante a sorrir.

A arvore triste amanhecera engalanada de flores, pejada de fructos, curvada ao peso de milhares de brinquedos...

O DESCOBRIMENTO·DO·BRASIL

Os navegantes portuguezes foram descendo o oceano Atlantico pela costa africana, até dobrar o cabo do extremo sul.

Em 1498 afinal, tendo sahido do Tejo, deu Vasco da Gama volta a toda a Africa, e chegou á India, na Asia.

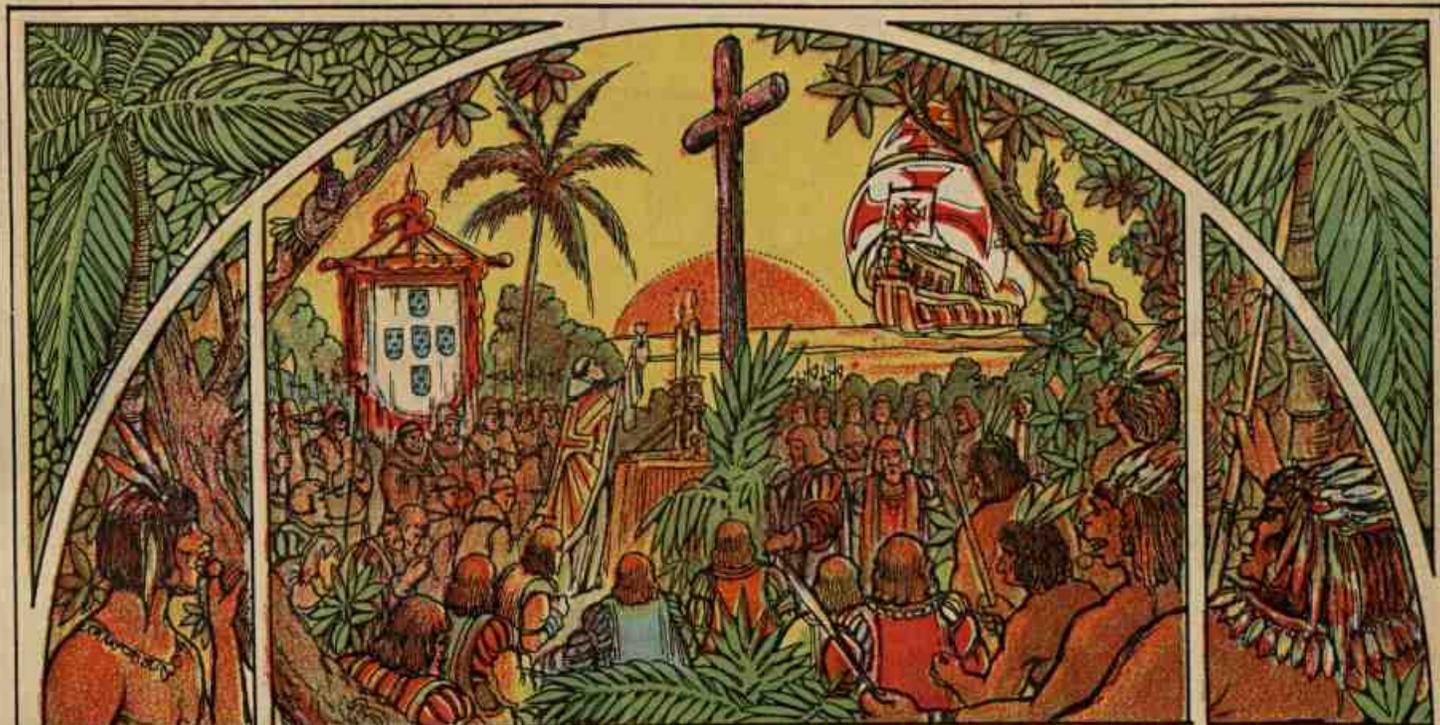
E' esta a viagem cantada nos Lusiadas, o grande poema de Camões.

Mas o Gama tinha levado pouca gente e poucas armas; por isso encontrou muita opposição da parte dos mouros, e foi mal recebido na India. Teve de voltar sem nada fazer.

Preparou, então, o rei D. Manoel uma frota mais poderosa para ir outra vez á India.

Deu o commando dessa nova expedição a Pedro Alvares Cabral; e recommendou-lhe que, ao descer o Atlantico se afastasse da costa da Africa por causa das calmarias e mesmo para ver si havia terra, do outro lado, como pensavam muitos.

Esta frota sahiu do Tejo em Março de 1500.

Seguiu Cabral o rumo que D. Manoel tinha

indicado; e com effeito, a cabo de quarenta e poucos dias de viagem, avistou terra para este lado, pelas alturas da Bahia actual.

Ali desembarcou com a sua gente para tomar posse da terra.

Ao logar do desembarque deu Cabral o nome de Porto Seguro; e celebrou-se ali a cerimonia, que foi muito festiva e tocante.

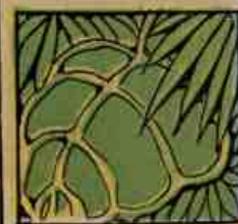
Ergueu-se na praia uma grande cruz de madeira, e junto a ella um altar, onde se cantou a primeira missa em terra da nossa America.

Diante de tudo aquillo, os indios mostraram-se muito espantados, imitando os portuguezes em tudo o que estes faziam.

Houve até um velho, entre os indios que no seu espanto apontava para o alto da cruz, como sentindo-se arrebatado de alegria á vista daquelle estranho signal que lhe falava ao coração.

Pensando que a terra fosse uma ilha, deu-lhe Cabral o nome de Ilha de Vera Cruz, e fez voltar para Lisboa um dos navios, a dar noticia do facto a D. Manoel.

Estava assim descoberta, a 22 de Abril de 1500, a terra que teve depois o nome de Brasil.

Ainda hoje se festeja esse facto como se tendo dado a 3 de Maio, mas por um engano em que se cahiu desde os tempos da colonia, e que o Imperio não quiz corrigir, nem a Republica.

A CREANÇA QUE ENSINOU O JUIZ

CONTO ORIENTAL — Desenhos de Cicero Valladares

Ali Mohamed, sentado em um tapete, como bom turco que era, medita, fumando seu bello cachimbo, sobre um sonho extraordinario que teve a noite passada: Appareceu um enviado de *Allah* e lhe disse:

— "*Ali Mohamed*, vives feliz. Mas, esquece-te dos teus deveres religiosos. Em nome do Propheta intimo-te a que vaes á Meca visitar o seu tumulo e *Allah* se sentirá contente com isso!" *Ali* não duvidou um só instante do...

...enviado de *Allah*. Foi procurar o seu melhor amigo que era *Mustaphá* e a elle confiou a guarda de um pote de azeitonas, sem que o mesmo soubesse que no fundo do vaso encerrara grande quantidade de moedas de...

...ouro, suas economias de muitos annos, e obedecendo ao chamado de *Allah*, partiu então para a terra santa. Os mezes foram passando sem que elle voltasse. Quando se completaram 7 annos delle ausente, *Mustaphá* disse...

...a sua esposa: — "*Fatima*, acabaram-se as nossas azeitonas. Vamos comer as de *Ali Mohamed?* Seu duvida elle morreu e não voltará mais. Podemos, pois, comer sem susto as que elle nos deu a guardar. Que acha?

— "Que devemos respeitar o que não nos pertence. E depois as azeitonas estão estragadas. Quem te diz que elle não voltará mais?" — *Mustaphá* olhou com desprezo a esposa, encolheu os hombros e foi, sem que ella o visse...

...descobrir o pote de azeitonas de *Ali Mohamed*. Destapando a bocca do pote começou a tirar a primeira camada de azeitonas que estavam já estragadas. E pegando na vasilha, derramou o conteúdo sobre a mesa. Mas, oh! surpreza extraordinaria, grande quantidade de moedas de ouro...

...espalharam-se sobre a mesa. *Mustaphá* era velhaco e por isso foi buscar umas azeitonas novas, que a mulher tinha comprado pela manhã; jogou fóra as podres e encheu o pote com as novas. Guardou em seguida as moedas de ouro num sacco que depois escondeu dentro do colchão da cama.

De repente circulou pelo bairro uma noticia terrivel para *Mustaphá*. *Ali Mohamed* não morreu. Voltou, e... na mesma noite da chegada foi reclamar o pote de azeitonas, de *Mustaphá*:

— Aqui o tens, disse-lhe o velhaco, tenho tratado delle com carinho e cuidado.

Em casa, *Ali* despejando as azeitonas, não encontrou o seu dinheiro. Correndo quanto podia, foi á casa de *Mustaphá* e disse-lhe:

— "Vizinho, escuta! Descobriste que, com as azeitonas, te confiei minhas economias e num momento de apuros, lançaste mão dellas. Eu t'as empresto de bôa vontade, marca porém o dia em que poderás me pagar. *Mustaphá* ficou indignado e jurou que não havia tocado em cousa alguma. *Ali* recorreu então á Justiça. Explicou ao *Cadi* (Juiz) todo o acontecido. *Mustaphá* affirmou, com juramento, que não abriu o pote de azeitonas. Não havendo testemunhas, o *Cadi* ficou sem saber o que devia fazer, e em seu palacio, quando meditava sobre o caso, viu, por dentre as persianas da janella, seu filhinho *Ahmed* brincando com seus amiguinhos. E a seguinte phrase, dita em voz clara, chamou sua attenção: — "Basta! Agora vamos brincar ao julgamento de *Mustaphá*...

— "Eu, disse *Ahmed*, sou Juiz. Tu, *Solimão*, és *Mustaphá* e *Abdi* fará de *Ali Mahomed*. O resto do pessoal fará de jurados e publico. Em seguida, sentando-se gravemente na calçada da rua, fez que o accusado expuzesse suas queixas.

Depois cedeu a palavra a *Solimão*, isto é *Mustaphá*, que negou tudo tão bem como se fosse o proprio ladrão.

— "Bem, disse *Ahmed*, o fingido juiz. Vamos descobrir a verdade. Tragam o pote de azeitonas. Um dos meninos trouxe uma lata cheia de pedrinhas. O "Juiz" pegou numa, fez que a mordia e disse: — Ricas azeitonas! Admiraveis!

Mamãe, hontem, abriu um pote guardado ha tres annos. Estavam todas mofadas. Como poude ser conservadas estas, tão frescas, durante sete annos. Explica, *Mustaphá!!*

O verdadeiro Juiz não quiz ouvir mais e immediatamente mandou citar o tribunal.

Reunido este e presente o accusado, appareceu o *Cali* (Juiz) trazendo seu filho *Ahmed* pela mão. — "Senhores jurados, este menino, disse elle, — vae falar por mim e verão todos que o queixoso não terá razão de queixa.

Renovou-se a accusação *Mustaphá* continuou a negar. O pequeno *Admed* mandou que lhe trouxessem o famoso pote de azeitonas, tirou uma e provou-a. — "Magnificas! Senhores jurados mercadores, os senhores que entendem disto — quanto tempo se conservam as azeitonas frescas em condições de serem comidas? — "Nunca mais de dois annos, affirmaram todos.

"Mustaphá! — disse o menino, adoptaste demasiadas precauções e isso te perdeu. Esvaziaste o conteudo do pote e o encheste de novo com azeitonas frescas! Ainda negarás?!"

Vendo-se descoberto, *Mustaphá* confessou o crime e arrojou-se ao pés do *Cadi*. — "Que o enforquem immediatamente!" disse o magistrado.

— "Papae... tiveste a bondade de me deixar falar em teu nome. Deixa que eu dite a sentença". — Concedido, disse-lhe o pae. E, então, *Ahmed*, virando-se para os jurados, disse:

— "Uma creança não póde ser mais que um juiz de brinquedo, sem crueldade. Concedo o perdão a *Mustaphá* se este no mesmo instante restituir a *Ali Mohamed* o que lhe roubou. *Mustaphá* restituiu o dinheiro roubado e os dous turcos sahiram do tribunal beijando a mão do pequeno juiz.

NÃO DESEJAR aos OUTROS

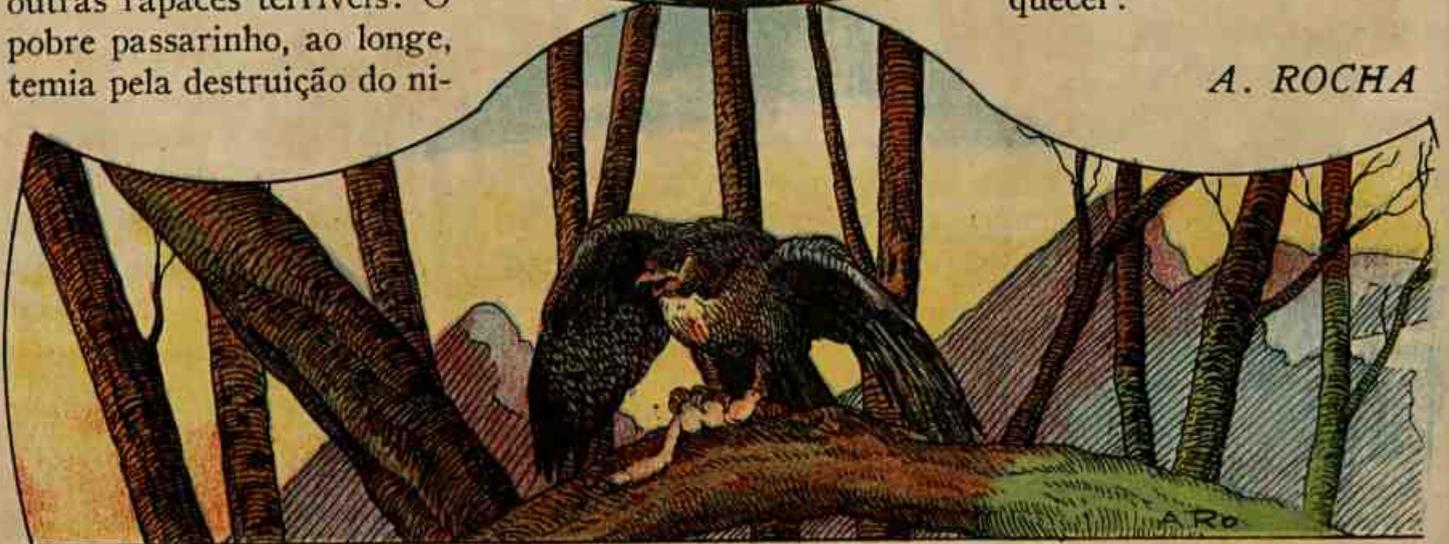
Não desejar aos outros o que não queres que te façam é um rifão bem cheio de verdade. A seguinte historia bem o prova.

Estavam pretendendo roubar os ovos de um ninho tres roedores famosos: um arganaz, um caxinguelê ou esquilo e uma marta.

Os tres dissimulavam não desejar a ninhada e distrahidos, não percebiam que sobre suas cabeças voavam milhafres, falcões, aguias e outras rapaces terriveis. O pobre passarinho, ao longe, temia pela destruição do ninho, da sua futura prole. De repente uma sombra annunciou a chegada de tres rapinas e cada um assenhoreou-se de sua presa: — do arganaz, do caxinguelê e da marta, carregando com ellas para devoral-as longe.

Então o pobre passarinho voltou desassombrado para o ninho.

Não desejar aos outros o que não queres que te façam. Eis o proverbio que pouca gente observa e que os leitores nunca devem esquecer.

A. ROCHA

O cantaro encantado

Conto medieval

Qualquer penna seria impotente para descrever as crueldades de que era objecto um senhor de uma comarca para com seus vassallos. Seu castello, erguia-se, inaccessivel e sombrio, numa rocha talhada a pico, dominando a pequena aldeia adormecida a seus pés. As miseraveis casinhas pareciam tremer á sombra das torres esguias do castello e seus habitantes soffriam a mais terrivel das oppressões, arrastando uma existencia lamentavel.

Annos faziam que o paiz inteiro vivia gemendo sob a oppressão do barbaro castellão, que todos evitavam. Um dia, fez o castellão arreiar seu fogoso corcel e passando altaneiro deante de seus homens em armas, sahiu do castello dirigindo-se para a fertil campina que se estendia aos pés deste. Dois obreiros trabalhavam no caminho e quasi foram pisados pelo corcel do barbaro senhor. Um menino, que parára fascinado pelo rutilo brilhar dos arreios do corcel, fôra afastado violentamente pelo tyranno. Ao lado do caminho percebeu uma mulher com uma creança, coberta de farrapos e esqualida pela miseria e pela fome. A mãe havia cahido esgotada e o filhinho pedia agua. O cavallo do máo nobre parou espantado de tão horrivel espectaculo. A mulher, num esforço supremo, supplicou:

— Senhor, meu filho vae morrer de fome e de sêde. Compadecei-vos delle pelo que de mais querido tendes na vida! Ide encher esse cantaro vazio na fonte proxima!

Um olhar de desprezo foi a resposta que o cavalleiro deu a tão angustiosa supplica.

Aquillo era demais. A medida das iniquidades do cavalleiro estava esgotada e sua crueldade merecia severo castigo.

Por que milagre esse se produziu? Não saberia dizel-o o autor deste conto, o facto é que de repente a aza do cantaro se atou ao braço do cruel senhor e o seu cavallo, como se fosse impulsionado por uma força invisivel, partiu num galope furioso, emquanto uma voz mysteriosa falou: — Emquanto esse cantaro permanecer vazio, continuarás errante pelo mundo!

O cavalleiro estremeceu. Preso de um terror sem limites, quiz voltar atraz e retornar ao castello, mas o animal, cégo ao governo das redéas, galopava, galopava. Cavallo e cavalleiro devoravam distancias..

Havia já muito que desappareceram as montanhas que circumdavam o castello, quando o máo se-

nhor conseguiu deter o animal na margem de um rio. Saltando em terra, o castellão tratou de mergulhar o cantaro na agua, mas esta entrava no interior do vaso e sahia pelo fundo mysteriosamente. E o castellão caminhou e parou em todas as fontes, em todos os poços, em todos os r i o s, sem nunca conseguir encher o cantaro que trazia preso ao braço. O desespero aturdia o máo senhor, que corria dia e noite. procurando encher o cantaro.

Correu a terra inteira e quando voltou á aldeia, deu dezenas de voltas em torno do seu castello, já em ruinas, com os campos talados pela secca e pela desolação, sem conseguir entrar. Ninguem o conhecia, ninguem mais parecia vêl-o.

Um dia, pela centesima vez, passou por seu castello, triste, com a aldeia coberta de um véo de luto. A' porta de um casebre, chorava uma creança. O cavalleiro sentiu o coração commovido.

— Onde está teu pae? — perguntou.

— Preso no castello, porque não pôde pagar os pesados impostos.

— E tua mãe?

— Foi ao castello pedir um pouco de pão para mim e meus dois irmãos. Mas ainda não regressou e eu penso que a mataram.

O cavalleiro não pôde dar uma esmola Nada possuia e nada, p.o r conseguinte, podia dar; mas seu duro semblante dulcificou-se. Quebrantada a dureza de sua alma na terrivel prova por que estava passando, comprehendia agora o soffrimento e pela ferida de sua alma penetrou então a compaixão.

— Piedade, senhor! — Tenho fome e frio, tenho medo dos soldados e do novo senhor do castello!

O cavalleiro experimentou então um sentimento desconhecido: — a piedade.

Uma lagrima subiu-lhe aos olhos e cahiu sobre o cantaro, enchendo-o até transbordar. E logo, sem difficuldade, o cavallo retomou o caminho do castello. A' porta de entrada, soldados embriagados espancavam pobres mulheres que pediam pão. Uma dellas, a mãe do pequenino que chorava á entrada da aldeia, insistia e o intendente atirou-a ao chão com um golpe de espada. O cavalleiro então avançou e deu-se a conhecer.

— Levanta com t u a s proprias mãos essa mulher e dá liberdade a todos os presos. Soldados! ponham esse homem encarcerado e convoquem todos os meus vassallos!

Quando todos estavam reunidos no pateo central do castello o senhor pediu-lhes perdão por suas crueldades passadas.

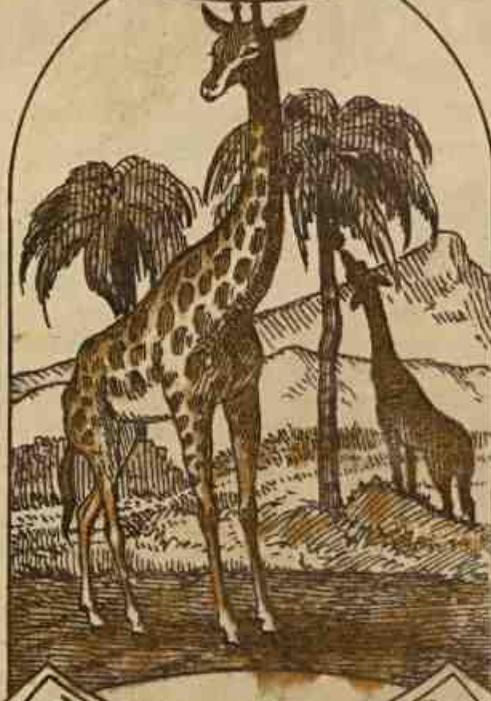
E o senhor máo, o castellão cruel, que se havia feito sensivel na escala da desgraça, comprehendia agora o soffrimento, porque já havia soffrido.

E todo o mundo ficou sabendo que o coração de pedra do castellão se transformou em generoso, caridoso e bom.

UMA DECEPÇÃO

JA o sol declinava e sobre o campo cahiam os ultimos reflexos do crepusculo.

Uma girafa, aproveitando o resto de luz daquella tarde, colhia as folhas verdes de uma palmeira.

Despreoccupada, não podia imaginar que a poucos passos de distancia um formidavel tigre fitava-a, prestes a atacal-a. As girafas têm um pescoço muito comprido e com a lingua muito resistente arrancam os galhos que lhe agradam. Quando se se deitam, ajoelham-se primeiro com os membros dianteiros e depois com os membros trazeiros e sobre esse cruzamento de pernas assentam o corpo. A corrida é esquisita porque o longo pescoço e a desigualdade entre os membros anteriores e posteriores obrigam-na a um jogar de pescoço para frente e para traz.

Assim, pois, o tigre contava com muitas probabilidades para apanhar a sua presa. Em dado momento, o tigre urrou e a girafa deitou a correr. O tigre partiu aos pulos e, distrahido, não viu uma armadilha, cahindo n'ella. Foi terrivel a decepção da féra, vendo a girafa fugir e tendo a mão presa na possante armadilha de aço.

O Cavalheiro Sem-Temor

POR Eutorgio Wanderley

Illustrações de Cicero Valladares

Foi no tempo das Cruzadas. Os rudes barões feudaes abandonavam seus castellos roqueiros cheios de setteiras, pontes lavadiças, profundos fossos, e iam em defesa da Cruz de Christo, combater o mouro infiel, de posse do tumulo do Nazareno em Jerusalém.

O barão da Rocha Escarpada, senhor do castello do mesmo nome, edificado no cimo de um inaccessivel rochedo, tinha um filho dos seus doze annos a quem todos chamavam de Sem, abreviatura do appellido de Sem-temor que lhe puzeram por ser elle um menino destemido, corajoso, não tendo medo ou temor fosse do que fosse a não ser Deus. O pae que havia acompanhado Godofredo de Bouillon na primeira cruzada, voltando da Terra Santa cheio de cicatrizes e de glorias, pretendia agora seguir tambem na segunda cruzada que se preparava. Seu filho demonstrou desejos de seguir tambem, acompanhando o pae naquella campanha aventurosa e onde se corriam tantos perigos

O barão negou permissão, objectando-lhe sua pouca idade.

— A idade é pouca, meu pae, disse o rapazinho; porém meu desenvolvimento é muito, assim como o desejo de estar ao vosso lado combatendo pelo Rei dos reis.

Com effeito, Sem-temor, embora tivesse apenas doze annos, parecia já um rapaz de dezeseis ou dezoito annos, e era dotado de grande força physica, manejando uma pesada lança, espada, ou montante com a maior facilidade.

Era tambem um agil e intrepido cavalleiro, montando com galhardia e segurança os mais ardegos corceis.

Sabendo que a resolução do pae era inabalavel, disfarçou-se com a roupa de um pagem que acompanharia a expedição e seguiu para o Oriente.

Após o primeiro combate com os mussulmanos o Barão e alguns outros cavalleiros da cruzada cahiram prisioneiros de um poderoso Emir.

Sem-temor pensou em lhes dar a liberdade. Para tal empresa, porém, era preciso penetrar no acampamento dos mouros Com o tanino de certas plantas conseguiu pintar de escuro o rosto, as mãos, os braços as pernas e os pés, parecendo um verdadeiro arabe. Fez-se mercador de tamaras e como era muito intelligente, durante a viagem aprendera com um marinheiro diversas phrases arabes, de modo a se fazer entender e a comprehender tambem o que lhe diziam.

Havia, assim, se approximado dos prisioneiros, e ia combinar com elles a evasão de todos, disfarçados tambem em arabes, como elle estava, quando seu estratagema foi descoberto, e Sem-temor levado á presença do terrivel Emir.

Ahi confessou que era christão, e desejando partilhar a sorte dos seus amigos prisioneiros, havia tomado aquelle disfarce para penetrar no acampamento. Occultou, porém, sua qualidade de filho do barão que aliás, ainda ignorava que elle houvesse acompanhado a cru-

zada contra sua ordem. Sem-temor havia levado comsigo para Jerusalém um falcão ensinado, e depois de examinar os pontos vulneraveis do acampamento escrevera num pedaço de pergaminho essas indicações: "Ataquem acampamento inimigo flanco esquerdo desguarnecido que a victoria é certa. Sem-temor."

Prendeu a mensagem a uma das pernas do falcão soltando-o. A ave regressou ao acampamento dos cruzados onde já reinava certo desanimo pelo aprisionamento do valente Barão da Rocha Escarpada e de seus bravos companheiros.

Aquella mensagem levada pelo falcão que foi reconhecido ser do corajoso pagemzinho que pelejava entre elles como qualquer peão valoroso, trouxe novo alento aos cruzados, que, de momento, se reorganisaram, atacando, com furor, o acampamento dos mahometanos pelo flanco esquerdo, emquanto uma parte desviava a attenção dos atacados para o flanco direito.

Estava o pequeno Sem-temor na presença do Emir que pretendia obrigal-o a dizer: "Deus é Deus e Mahomet seu unico propheta", quando se ouviu o rumor do ataque.

— Vaes ver, agora, ó Emir, disse o rapazinho, que Deus é Deus, realmente, e pela posse do tumulo sagrado do seu filho, Jesus Christo, nos batemos sem medo, porque, por fim, a Cruz vencerá o crescente da lua, vosso symbolo!

Realmente os mahometanos foram desbaratados, fugindo para o deserto, e quando o barão soube que aquella victoria fora devida á astucia e coragem do filho ficou muito admirado de que elle ali estivesse.

Chamando á sua presença Sem-temor apresentou-se, e, ajoelhando-se deante do pae, pediu:

— Perdoae-me, meu pae, por ter desobedecido ás vossas ordens de não vos acompanhar.

— Estaes perdoado, disse o pae erguendo-o do chão e abraçando-o. Mas de outra vez, para me não desobedeceres, vem, sem pedir permissão alguma, mostrando, assim, o valor de um verdadeiro e digno descendente do Senhor da Rocha Escarpada!

— Vosso pagem vos obedecerá, senhor!

— Meu pagem, não! Como recompensa á tua astucia e valor vaes ser agora mesmo, e na presença de todos que salvaste, armado cavalleiro das Santas Cruzadas.

E ali mesmo, o pequeno Godofredo recebeu das mãos do seu pae a pesada espada, a armadura de aço e as demais insignias de cavalleiro combatente pela fé e explendor da Cruz de Christo.

E. WANDERLEY.

Ha muitas centenas de annos reinava em Siracusa um tyranno conhecido na historia pelo nome de Dyonisio, o Joven. Despota, máo, exercia um poder sem limite sobre o seu povo. Havia necessidade de dinheiro? Pois decretava novos impostos e seu thesoureiro, acompanhado de homens armados, ia buscar tributos com ameaças e castigos. E desgraçado daquelle que ousasse reclamar!

Certa vez, um rico siracusano teve a desdita de reclamar uma estatua de grande valor que foi emprestada ao tyranno e, em vez da estatua que lhe pertencia, recebeu o castigo de ir trabalhar nas minas durante muitos annos.

O tyranno tinha como chefe de policia — Damoclos, que todas as manhãs lhe ia levar irformes sobre o povo.

Uma manhã, ao receber o chefe de policia, o tyranno tornou-se irritado por vêr numa prancheta a nota seguinte:

"Praxinoa, que vive no bairro de Accraduia, viuva de Gelon, official de cavallaria, vae todos os dias ao templo de Jupiter e pede aos deuses que conservem a vida de Dyonisio. Ainda hontem mandou celebrar um sacrificio com essa intenção".

— Por que não me informaram a mais tempo dessa acção nobre? — perguntou o tyranno. Tragam á minha presença essa mulher, que pratica uma acção digna de ser imitada! Quero interrogal-o.

O chefe de policia fez uma profunda reverencia e, retirando-se, foi procurar a viuva. Ao bater na porta da casa de Praxinoa, acudiu uma joven escrava que introduziu o visitante até uma sala onde se encontrava a senhora.

— Que os deuses immortaes cumulem de felicidade a vossa vida!! — disse Damocles, saudando a viuva.

— Se não me engano — disse Praxinoa, sois o chefe de policia da cidade...

— De facto.

— E que tem a policia a vêr commigo? Não paguei religiosamente todos os meus tributos?

— Não se trata disso. Venho á vossa presença na qualidade de mensageiro do divino Dyonisio, que deseja vos falar.

— Nada tenho a fazer no palacio de Dyonisio... E' uma ordem que estou recebendo?

— E' apenas um desejo do soberano!...

— Então, disse a velha — fazei saber a Dyonisio que desejo viver e morrer em paz, que sua côrte e os esplendores da mesma nunca me tentaram e que, a não ser para a visita ao templo dos deuses, não saio de casa para cousa alguma...

Damocles achou prudente não insistir e voltou para o palacio do rei, a quem deu conta do occorrido.

Dyonisio sentiu-se ainda mais intrigado do que antes.

Por que se negava Praxinoa a satisfazer um pedido feito em fórma tão gentil? Que poderia ella temer, tão ligada ao soberano, como indicavam as preces que fazia aos deuses pela conservação de sua existencia?

— Não estará, por ventura, louca essa tal Praxinoa? — indagou o tyranno do chefe de policia.

— Não, Majestade! Ella fala com acerto e segurança de uma mulher normal.

— Então volve de novo á casa de Praxinoa e, pelos meios mais gentis, fal-a sciente da minha vontade de lhe falar!

— E se, apesar de tudo, a velha se negar a seguir-me?

— Nesse caso empregarás a força, mas só depois de esgotados todos os meios suasorios.

Acompanhado de um pelotão de soldados, Damocles dirigiu-se ao bairro onde residia a mysteriosa viuva.

Nas ruas e praças por onde passava o pelotão de soldados, os grupos se dispersavam.

Devia tratra-se — pensavam — de algum arresto sensacional. Chegado á casa de Praxinoa, Damocles bateu á porta, recebendo-o a escrava, que o conduziu á presença da viuva. Inclinando-se deante da velha siracusana, Damocles pôl-a ao corrente da missão que levava.

Praxinoa, ante tal apparato de força e tal insistencia, cobriu os hombros com um manto e seguiu o chefe de policia.

Completamente intrigada, foi introduzida no salão de honra do palacio.

O soberano recebeu Praxinoa com toda consideração, manifestando-lhe, em phrases cheias de cortezia, que o unico fim que o havia movido a fazel-a ir a palacio era manifestar-lhe gratidão pelos sacrificios e preces fietas aos deuses pela conservação de sua vida.

— Tua gratidão... — exclamou a velha, em cujos olhos brilharam lampejos vivos.

— Sim, minha gratidão! — observou cortezmente Dionisio.

— Si soubesseis a verdade, não me darias certamente agradecimentos.

— Não vaes todos os dias ao templo de Jupiter pedir aos deuses que me conservem a existencia?

— Certamente. Hoje o fiz e amanhã o farei se me deixardes sahir livremente daqui!

— Não duvido, anciã, e por isso é minha intenção offerecer-te uma dadiva. Sou grato aos meus amigos...

— Quem vos disse que pertenço ao numero dos vossos amigos? — perguntou seccamente a velha.

— Teus actos...

— Meus actos! Escuta. Tenho mais de oitenta annos de idade e sois o terceiro soberano que me faz soffrer.

O primeiro foi atroz. Sem respeito aos deuses nem aos homens, mandava matar qualquer cidadão pela menor suspeita.

Seus espiões subornavam escravos e enriqueciam de alegria vendo morrer innocentes.

Naquelle tempo acreditei que não poderia haver cousa mais completa em materia de governo despotico. E do intimo d'alma pedi a Jupiter nos libertasse de monarcha tão injusto...

Praxinoa guardou silencio por alguns instantes. Dyonisio e sua côrte não moveram os labios, que o assombro havia sellado.

A velha proseguiu:

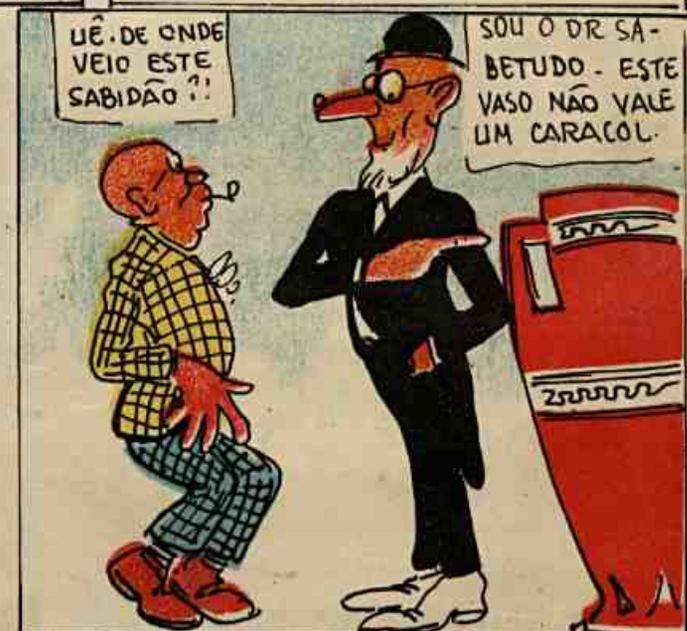
— Minhas preces foram attendidas. Dyonisio, o Velho teu pae, foi nosso seguinte soberano e se conduziu de maneira mais injusta e cruel. A elle devemos as horriveis prisões chamadas *cauterios*. Continuei pedindo aos deuses immortaes a morte desse tyramno que fazia bom o seu antecessor.

— Eu o succedi... — disse Dionisio com ironia.

— E como sois ainda mais iniquo e tyramno do que vosso pae, cheguei a convencer-me de que o mal não tem limite e que o dia em que morrerdes, é muito possivel que tenhamos um soberano ainda mais injusto e sanguinario. E' por isso que peço a conservação da vossa existencia e, assim sendo, não me podeis considerar como amiga. Dionisio reflectiu alguns instantes e depois, dirigindo-se a um dos presentes falou:

— Leve essa mulher ao intendente do thesouro, que elle deverá dar muitos talentos em ouro. As orações que ella faz valem como todas as outras, e oxalá todos os siracusanos me odiassem da fórma por que o faz Praxinoa.

Kaximbown, Pipoca & C

LINDO ESTE VASO ETRUSCO-ROMANO DE PINDAHYBA. DEVE VALER ALGUMAS DEZENAS DE CONTOS - QUE BELLO PRESENTE

HISTORIA DO PATINHO DESOBEDIENTE

Havia outr'ora, numa enorme floresta, cheia de grandes arvores, uma familia composta do avô, da avó, da mãe e de um patinho muito travesso.

Habitavam um claro que existia nessa floresta, num recantó alegre, com um pequeno lago na frente da casa que era toda pintada de branco e que de longe mostrava a chaminé vermelha e as venezianas brancas.

Numa radiosa manhã de verão, tendo a avó de ir fazer uma visita, o avô de ir ao correio e a mãe ao mercado fazer compras, resolveram deixar Patinho em casa. Antes, porem, de sahirem, recommendaram-lhe muito que não fosse á floresta, porque, além de ser habitada por animaes ferozes, lá vivia a astuta raposa que gostava muito de comer patinhos.

Patinho prometteu não affastar-se de casa e de ficar qüieto.

Deante dessa promessa, todos partiram, deixando o patinho que ainda da porta renovava a promessa de não ir á floresta.

Sozinho em casa, em plena liberdade de uma linda manhã de verão, Patinho começou a passear por toda a casa mexendo em todos os cantos.

Cansado de estar dentro de casa resolveu ir brincar lá fóra. E nadou durante muito tempo em torno do lago, deliciando-se com o banho.

Sahindo do banho, alisou todas as pennas, fazendo-as seccar ao calor do sol e, depois, correndo pelo jardim, começou a apanhar pequenas flores amarellas para fazer uma comprida corrente daquellas pequenas flores tão bonitas e de um amarello tão lindo. No afan de descobrir mais flores, afim de terminar a grande e linda corrente de flores, Patinho, desprezando as recommendações dos parentes, avançou irrefletidamente para a floresta.

Quando a apanha das flores estava quasi prompta, e distrahidamente Patinho contava o numero dellas, ouviu pelas costas uma risada de voz grossa e uma feia raposa com um sacco vermelho nas costas pulou na frente de Patinho.

— Ah! Ah! Ah! — disse a raposa—achei justamente o patinho que sonhava para o jantar de hoje. Vamos já para dentro do sacco.

— Quash, Quash! gemia Patinho, mas ninguem o podia ouvir Como fiz mal em ter-me afastado de casa!

A raposa, depois de collocar o sacco com o patinho nos hombros, encaminhou-se alegremente para a floresta.

Cautelosa, porém, como toda a raposa, lembrou-se de que com certeza o patinho devia ter familia, e disse comsigo mesma, — Agora é que me lembro de que este patinho, deve ter varios irmãos e, se assim

fôr, talvez eu tenha almoço e jantar para toda a semana.

E assim pensando, a raposa tornou a voltar ao bosque e approximando-se da cazinha branca, depositou num canto o sacco que continha o patinho. Este, encolhido, lamentava-se:— Oh! antes eu não tivesse ido ao matto, bem me aconselharam para que eu lá não fosse!

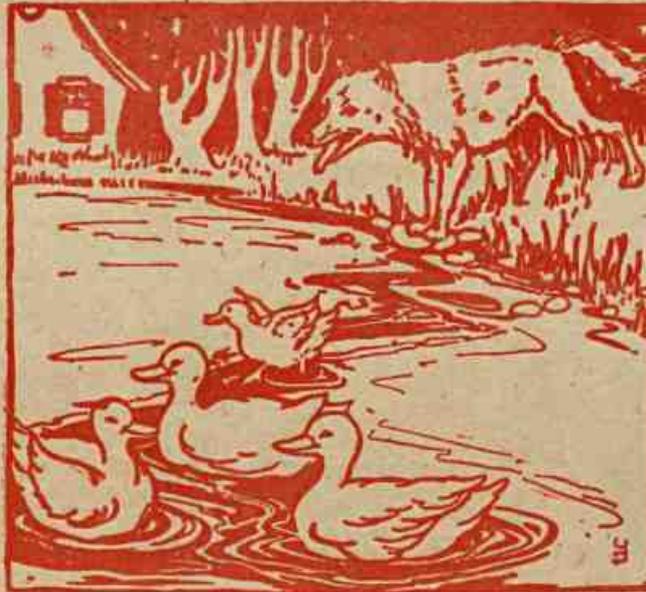
A raposa percorreu a casa, olhando pelas janellas, porem nada viu, porque os velhos ainda não tinham chegado.

Justamente emquanto a raposa olhava pela janella o interior da casa, eis que chegam todos e descobrem a raposa na janella e no canto, o sacco vermelho.

— Onde estará Patinho, perguntou a mamãe.

Alguem chamou ha pouco e creio bem que foi de dentro do sacco que alguem gritou.

Todos olharam então para o sacco sem saberem o que fazer, emquanto a raposa continuava a olhar para dentro da casa, farejando, outros patinhos.

— Eu tenho uma idéa! — disse então o vôvô. E expoz o plano a todos. Isso feito, começaram a fazer signaes afim de serem vistos pela raposa, que, com grande alegria disse: — Ah, Ah! tres lindos patos para meu jantar! Que belleza! *Mesmo para Segunda, Terça e Quarta-feira*, — e avançou para elles.

Durante a corrida, a mamãe passou perto do sacco e avisou ao patinho para que se aprompstasse e como a raposa continuasse a perseguir, mergulhou no lago, com grande pena da raposa que se lamentava de agora só lhe restarem dois patos com o do sacco tres. E correu para cima do vôvô que, após passar pelo sacco, disse ao patinho, "Aprompte-se que vaes ficar salvo".

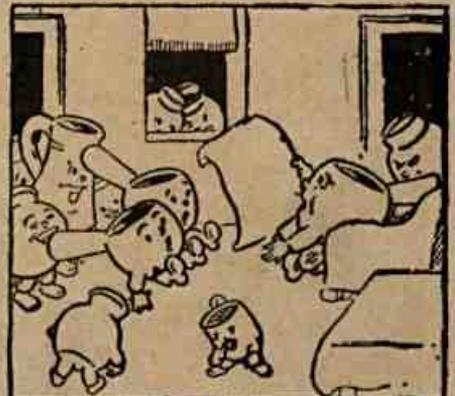
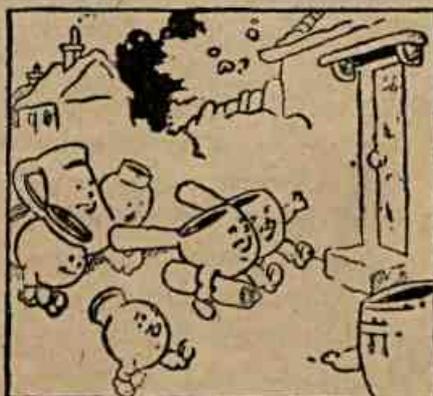
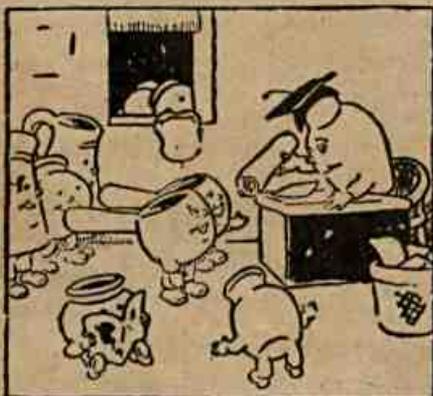
E dito isso mergulhou tambem no lago. A raposa então, esvaecida, quiz tambem perseguir a avó que, uma vez, perseguida já vinha com o bico descosido o fundo do sacco, deixando uma sahida para o patinho, que logo depois pulou tambem para dentro do lago.

A raposa então tristemente voltou para apanhar o sacco, muito triste por ter deixado escapar os tres lindos e gordos patos.

Ao levar o sacco aos hombros, sentiu que o mesmo estava leve e verificou que no momento de suspendel-o o patinho escorregara pelo furo feito pela *avózinha* e corria agora para o lago.

Em vão quiz correr tambem, era já tarde. Patinho chegára já na margem e mergulhára juntamente com os seus.

Então a raposa, mais triste ainda, disse: "Por querer comer mais de um, perdi todos tres! E Patinho, muito contente, promettia: —Nunca mais desobedecerei aos conselhos dos mais velhos!

OS COLLEGIAES-PANELLINHAS

O Mestre-póte — Meninos, levem esta mensagem para seu Tio. Elle ficará satisfeito! — No caminho, os irmãos panelinhas iam dizendo: — Ih! o nosso Tio Caldeirão vae ficar radiante.
Em casa: — Tio Caldeirão lendo a mensagem, que é uma enorme queixa dos máos modos, da indisciplina daquelles garotos, diz: — Mas vocês têm coragem de ser portadores disto? Esperem ahi, seus levados da bréca, vão apanhar!...

O SOL E A NUVEM

Os campos que estavam outr'ora tão verdes agora se viam sem sombra nem flor. O sol requeimara os arbustos e as arvores e as hervas ficaram em cinza tambem.

O bom sertanejo fitava os espaços, buscando uma aragem que fosse prenuncios de chuva longinqua; porém todo o céo, de um azul uniforme, não dava de chuva nem leve signal.

Um dia, entretanto, das bandas do oriente, eis surge uma nuvem pequena, branquinha que foi augmentando, crescendo, subindo, até que se espalha no céo quasi todo, querendo cobrir a carranca do sol, que, muito vermelho, com raiva da nuvem, de longe onde estava, pensou em manchal-a.

O sol tem "pintado os canécos e o sete", ficando durante mais de sete mezes sozinho nos ares queimando lavouras, bebendo riachos e rios correntes, e até nas cacimbas e poços profundos em que a agua, com mêdo, se foi esconder, elle entra invisivel, num raio dourado, e ali vae buscal-a levando-a em vapor.

Faz cousas assim das do "arco da velha"; e, antes que a nuvem pudesse alcançal-o, pintou-lhe na face com "rouge" e amarello, laranja, violeta, azul, verde claro, um arco perfeito por cima da serra que marcava o centro da linda figura. E o bom sertanejo ficou satisfeito; quiz ir lá no oiteiro juntar os seus bois; mas teve receio, não de um resfriado, e sim de passar por debaixo do arco pois, dizem as lendas, que, quem fizer isso, se vira em mulher...

A nuvem branquinha tornou-se cinzenta depois da "pintura" que o sol lhe arranjou, e quiz apagal-o, fundindo-se em chuva, nas aguas dos rios, dos poços e riachos que o sol já bebera. Mas elle, sabido, se esconde por traz dos montes do poente em que, á noite, se deita. A nuvem, lograda, desmancha-se em pranto de lagrimas grossas, em choro copioso. Os campos se alegram, se vestem de verde; os rios augmentam, correndo velozes e as aguas dos poços subindo, subindo, já deixam que a gente lhes toque com a mão. O inverno chegára e com elle a fartura. O bom sertanejo bemdiz a existencia e já não se lembra dos mezes passados em que todo o campo, do sol resequido, não tinha nem sombra de verde, de flor.

E. WANDERLEY

A CRUZ DO SUL

Uma menina vestida de azul claro, com uma estrella na cabeça, uma na barra do vestido, uma em cada mão e uma sobre o coração entra e canta:

Crianças, olhem-me bem:
Cinco estrellas lá no céo
Em mim brilham, pois' não
[vêem?
Vou dizer-lhes quem sou eu.

— Sou a Cruz do Sul; aqui vim
Contar um conto de fadas,
Tão formoso que, de mim
Ficarão como encantadas.

Fala: — Longe, muito longe, em logar por todos desconhecido, havia um paiz encantado. Frutos de ouro pendiam das arvores; pellucia brilhante e macia atapetava o chão. A gente dessa terra era bôa, forte e formosa. Os homens, corajosos, tinham do bronze a côr e a resistencia. As mulheres, morenas e graciosas, tinham cabelleira negra e dentes alvissimos. Vestiam-se todos de pennas e de pelles. O seu alimento sadio era a caça tenra e os frescos e saborosos fructos. A palavra com que se entendiam era musicada e sonora. Linda melodia era a conversação desse povo; vejam, pois, que delicia seria viver em tal paiz... era mesmo um paiz encantado.

Canta:

Cunhãs bellas e gentis,
Varonis, destros guerreiros,
E tambem seus corumis
Viviam dias fagueiros.

Neste paiz encantado
A vida corria amena;
Era um paiz bem fadado,
Sem males, tristeza ou pena.

Fala: — Mas num logar tão aprazivel, de gente tão bôa, Deus não era conhecido. Ignoravam de quem recebiam tantos beneficios, mercês tão excellentes. Não sabiam a quem agradecer a luz dourada e benefica do sol, a quem agradecer a propria belleza e a saude. Não sabiam quem lhes dava o sumo assucarado e fresco das fructas, quem lhes perfumava o ar com o delicado olor das flores. E viviam felizes, porque não pensavam em riquezas, não desejavam custosas roupagens, pedras preciosas, joias de ouro. Eram bem differentes, por isso, dos povos das outras terras. Os outros povos ambicionavam riquezas immensas e, principalmente, ouro, ouro... ouro... Por isso um rei poderoso e christão, mas tambem ambicioso, aprestou navios e mandou-os em busca de ouro que lhe dourasse o sceptro, o throno, o palacio e todo o reino.

Canta:

E vieram as caravellas
Mas, perderam-se no mar;
E os nautas, p'ra cruz das velas,
Contrictos, foram rezar.

Então no céo, forte luz
Chamou dos nautas o olhar;
De estrellas era uma cruz,
Cruz do Sul, linda a brilhar.

Fala:—Assim, brilhando sempre, vim trazendo, guiando a fróta lusitana. Se os navios queriam, ás vezes, tomar novo rumo, o mar seduzido pela luz tão forte que as minhas estrellas desprendiam, tambem o mar me ajudava. Arrastando os navios, que, deslumbrados, me seguiam, trouxe-os para o paiz encantado. Cá chegaram, e encantados tambem ficaram. Então, o commandante, interrogando o calendario, disse: 3 *de Maio,* dia de Santa Cruz. Depois olhou as velas dos navios, olhou-me, sempre brilhante no alto, e, pensativo, acrescentou: Cruz no céo, cruz nos astros, cruz no calendario.

Tomemos posse da terra... Mas não havia padrão. Levantou-se, então, uma cruz na praia e, rezada a missa, foi a terra baptizada: TERRA DE SANTA CRUZ.

Canta:

Sim, Terra de Santa Cruz,
Foi o teu nome primeiro
Oh! meu Brasil, pois que luz
Sobre ti jorra o Cruzeiro.

Depois — Brasil; és no entanto
O mesmo paiz sublime
Que no céo o signal santo —
Tem brilhando e o mal redime.

Sou a mesma Cruz do Sul
Que em Tres de Maio guiou
Portuguesa fróta exul
Que a este paiz chegou.

Está prompta a minha historia,
Sabem porque hoje é feriado:
Por mim, Brasil, terás gloria,
Serás — *Tres De Maio* — amado.

Luiza P. C. Branco.

O MAIOR EDUCADOR DO SECULO XIX

No dia 2 de Junho do anno que passou. Sua Santidade o Papa, em imponente cerimonia, realizada no Vaticano, declarou a beatificação de D. Bosco, o grande educador, fundador da immortal Obra Salesiana, que legou ao mundo a christianização da pedagogia em moldes que conduzem á beneficencia social.

D. Bosco tinha de receber de Deus as glorias da santidade. Sua vida foi toda devotada á gloria do reino de Deus pela educação dos pequeninos, pela formação do caracter, pelo aperfeiçoamento da consciencia humana. E se os homens valem pelas obras que deixam no mundo, D. Bosco tem excepcional valor, pois a Obra Selesiana vive, forte, util, realizando a magnifica tarefa de levar consciencias ás culminancias do bem e da perfeição. Quem deixa rastro tão luminoso na vida terrena attingirá, com a vontade de Deus, á gloria dos altares.

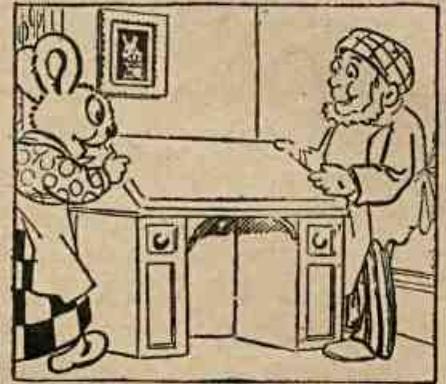
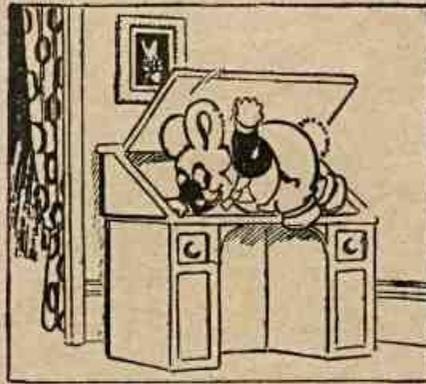
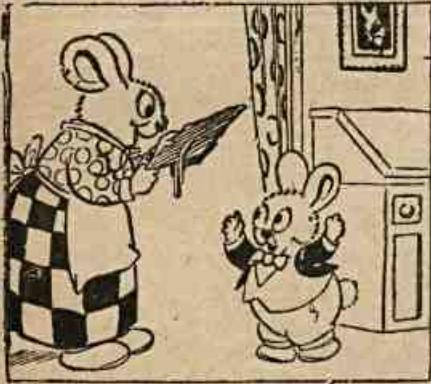
D. Bosco nasceu a 16 de Agosto de 1815 em Bocchi de Castelnuovo d'Asti (Turim). Foi quem ideou o Oratorio Festivo, as escolas profissionaes e o chamado Systema Preventivo de Educação, baseado especialmente na caridade, na razão e no temor de Deus.

Em 1824 teve D. Bosco o primeiro sonho revelador da sua missão no mundo. Em 1841 foi ordenado sacerdote em Turim e no mesmo anno deu inicio á Obra Salesiana, catechizando na sacristia da egreja de S. Francisco de Assis, naquella cidade italiana, o joven Bartholomeu Carelli.

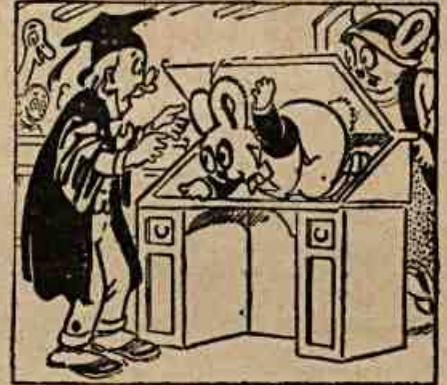
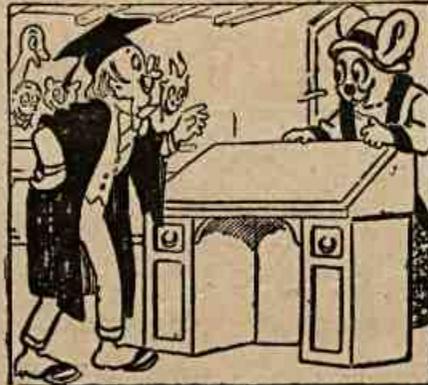
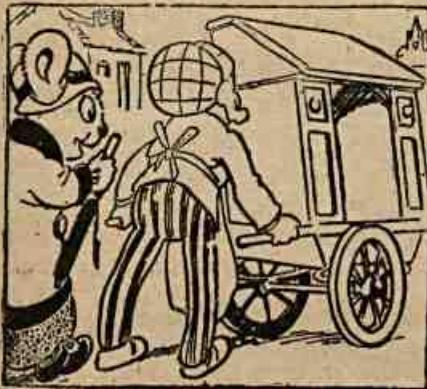
Sua primeira séde estavel foi um simples alpendre em Valdecco (então arrabalde de Turim), no logar onde agora se ergue a Casa Matriz dos Salesianos (via Cottolongo n. 32), com 700 alumnos internos e outros tantos externos.

Em 1847 começou o internato dando abrigo a um menino. Já em 1849 escolhia quatro entre os seus jovens para dar começo á Congregação Salesiana e em 1874 a Santa Sé approvava definitivamente as constituições da Congregação Salesiana.

D. Bosco falleceu a 31 de Janeiro de 1888. Depois da sua morte, ella continuou a desenvolver-se rapidamente. Deu á Egreja dois cardeaes (Cagliere já fallecido, e Hlend, actual primaz da Polonia): cinco arcebispos (dos quaes dois no Brasil; Marianna e Cuyabá): 19 bispos (quatro no Brasil; Petropolis, Goyaz, Corumbá e Campos); seis prefeitos apostolicos (dois no Brasil: monsenhor L. Giordani e monsenhor P. Massa), e dois delegados apostolicos (Filippinas e Haiti).

O CASTIGO DO GAZETEIRO

1) *Toma tua pasta, Zézé, e vae depressa para a escola. E' lá que aprenderás a lêr e a escrever.*

2) *Mas Zézé, que é um vadio, foi se esconder dentro de uma carteira que a mamãe vendeu ao professor.*

3) *O carregador veio buscar a secretaria para leval-a ao professor, no collegio.*

4) *Mamãe acompanhou o carregador. Ia até á escola vêr o filho estudando.*

5) *Eis a secretaria, Sr. Professor. Eu, agora, quero vêr meu filho estudando.*

6) *E a mamãe viu o filho escondido na gaveta da mesa. E' muito feio ser-se vadio.*

NATAL

VERSOS DE OLEGARIO MARIANNO

Dorme, dorme, meu filhinho...
Não vês? Lá fóra anda o luar
Entristecendo o caminho —...
Não chores. Por que chorar?

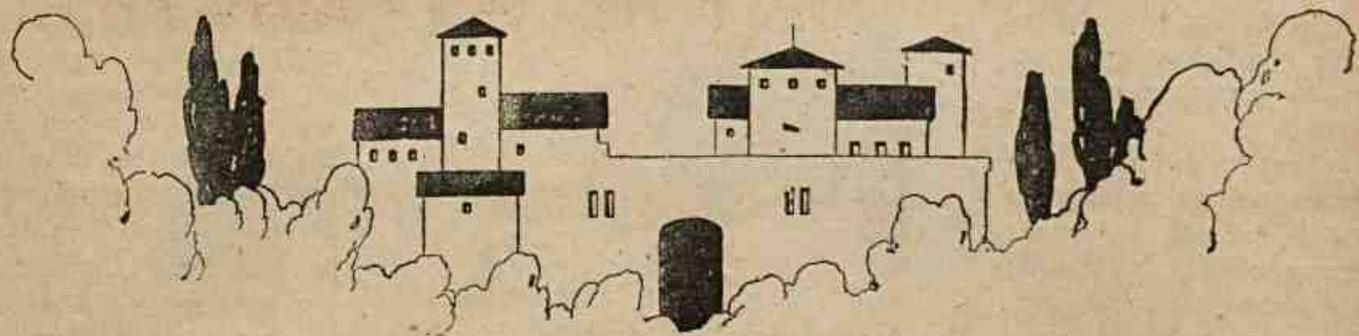
Guarda as lagrimas accesas
Com que tua alma se expande,
Para futuras tristezas...
Para quando fôres grande.

São dez horas. Muito breve
Entrará pelo telhado
Um vulto que pisa leve,
Cauteloso e com cuidado.

E deixará no teu leito
Entre o brocardo amarello.
Um lindo polychinello
Muito ancho e muito bem feito.

De manhã, quando acordares,
Elle ficará comtigo:
Vae ser teu maior amigo,
Vae rir quando tu chorares.

Sinto ainda a suavidade
Do meu Natal de menino:
Olha: eu sou como Aladino,
Minha lampada é a saudade.

Dorme, dorme, meu filhinho...
Ouves? E' o vento. Que açoite!...
— *Tou sem somno,* meu paezinho,
Deixa *batê* meia noite.

O CASTELLO DE OURO DO BRUXO

Havia bastante tempo que um bruxo tinha construido um castello em Portugal e o tinha suspenso entre a terra e o céo. A princeza Maria, filha unica do rei, foi a primeira a sahir a cavallo, para ver aquella obra encantada. Mas, quando ella o estava contemplando, o bruxo desceu e levou-a para o castello.

Quando o rei soube o que tinha acontecido, mandou que os seus soldados construissem uma escada de mão enorme e atacassem o castello, dizendo-lhes:

"Aquelle que salvar a minha filha, casará com ella".

Mas os soldados não conseguiram fazer uma escada tão grande que chegasse ao castello, e uns após outros foram abandonando o trabalho e regressaram ás suas casas. Finalmente, um tal Diogo, um mocinho lavrador, foi o unico que ficou: passava o tempo exercitando-se a atirar o arco.

Um dia appareceu-lhe um cigano que o viu atando centenas de metros de barbante ás suas settas.

"Fico para te ajudar", disse-lhe o cigano.

Diogo disparou as suas settas contra a porta do castello e, em seguida, torcendo os cordeis até formar uma corda, trepou por ella levando o arco ao hombro e entre os dentes a setta mais afiada que tinha.

"Quem está a atirar pedras?" perguntou o bruxo ao ouvir as pancadas das settas quando se crivavam na porta.

O bruxo sahiu para se inteirar do que estava acontecendo e quando Diogo o viu fixou no arco a sua setta mais afiada, apontou-lh'a cuidadosamente e matou-o. Depois entrou no castello e encontrou a princeza Maria. Levou-a á porta, passou-lhe a corda por debaixo dos braços e fel-a descer suavemente até chegar aos braços do cigano. Mas antes que Diogo tivesse tempo de descer, o cigano deitou fogo á corda e fugiu com a princeza.

"Queimei a corda", disse o cigano a Maria, "para que Diogo fique no castello e cuide delle em meu nome. E' o meu creado; eu puz a escada, matei o bruxo e mandei Diogo lá a cima para elle vos fazer descer até aos meus braços".

A princeza não o acreditou, mas, sim, o rei. Vestiram o cigano com um esplendido fato e começaram logo os preparativos para a boda. Entretanto, Diogo procurava o meio de se salvar e encontrou por fim uma roda que servia para dar movimento ao castello aereo, e outra para o descer á terra. Immediatamente se dirigiu para Lisboa e parou proximo duma egreja no mesmo instante em que chegava o cortejo real que para alí se encaminhava para se celebrar o casamento. Quando a porta do castello se abriu e que Diogo appareceu, o cigano, aterrorizado, saltou da carruagem e fugiu. Então a princeza Maria, voltando-se para o rei, disse-lhe:

"E' este o formoso moço que matou o bruxo e me salvou".

"Está bem", respondeu o rei, "que seja elle, então, o teu esposo".

E foi assim que Diogo e a bella princeza se casaram, e foram muito felizes. Passados poucos annos o pae de Maria morreu e o Diogo chegou, assim, a ser rei.

O BRUXO

Havia um rei e uma rainha que tinham uma filha muito bonita, chamada Ignez.

Uma tarde, a princeza estava sentada á porta do palacio, quando, parou uma carruagem, da qual sahiu um homem horroroso, que a agarrou e a poz dentro da sua carruagem, deixando um bilhete em cima da cadeira em que a princeza estava sentada, com os seguintes dizeres:

"Majestade, uma pessoa levou a filha de que tanto gostas, para o fundo do mar e quem for lá buscal-a morrerá — *O Bruxo.*"

Quando uma creada foi chamar a princeza não a encontrou, achando na cadeira apenas o bilhete.

Afflicta, levou-o a rainha, contando o que se passara.

Quando a rainha acabou de ler o bilhete ficou como louca!

O rei, furioso, mandou publicar em todos os jorcom ella, perguntando-lhe o que havia succedido!

A rainha não podendo falar de tão afflicta que estava, apenas mostrou-lhe o bilhete que a creada tinha achado na cadeira.

O rei furioso, mandou publicar em todos os jornaes o retrato da princeza dizendo que, quem conseguisse apanhal-a e matar o bruxo casaria com ella, receberia a corôa, e muito ouro.

Vieram muitos e muitos homens á presença do rei dizendo que iriam ao fundo do mar buscar a princeza; porém, todos que lá iam, não voltavam mais.

Um bello dia, appareceu no palacio um moço muito bonito, que se chamava Roberto, dizendo ao rei que ia fazer todo o possivel para conseguir a volta da princeza.

Roberto tinha uma madrinha que era fada.

Quando ia partir a madrinha chamou-o e disse:

— Toma este cavallo, encantado, esta corda e esta espada. Fico segurando na corda aqui em cima emquanto vaes descendo por ella até chegares ao fundo do mar. No fundo do mar verás logo um lindo palacio. E' ali que mora o bruxo e é onde está a princeza. Vaes, e entras pelo palacio onde encontrarás logo na porta um dragão; monta mais que depressa neste cavallo que, ficarás invisivel; pega nessa espada e passa pelas tres cabeças do dragão que elle logo morrerá. Continuarás andando... até que encontrarás um corredor e verás um quarto, que está com a porta aberta. Entra, no segundo quarto, a porta está fechada, ella é toda de ferro mas passa a tua espada nella que, logo se abrirá e dentro della está a princeza. Agarra-a, e põe-n'a em cima de teu cavallo. Entrarás por uma sala, e lá estará sentado o bruxo, tira a tua espada passa-a no pescoço do bruxo que elle logo morrerá e foge bem depressa porque na hora em que elle morrer dará um estrondo enorme e tudo desapparecerá. Si não fugires depressa tambem desapparecerás com a princeza... E, adeus.

Roberto foi descendo pela corda até que chegou ao palacio. Quando ia entrando appareceu-lhe um dragão!

O moço mais que depressa montou no cavallo e logo tornou-se invisivel. Pegou na espada matou o dragão e foi seguindo até que encontrou um quarto que estava com a porta aberta. Entrou nelle, e logo deu com a porta do outro quarto fechada. Com a espada abriu-a e encontrou a princeza que ficou muito admirada quando o viu.

O moço então disse-lhe que não ficasse com medo porque elle ia salval-a.

Elle agarrando-a pôl-a no cavallo e assim os dois tornaram-se logo invisiveis!

Chegaram á sala onde estava o bruxo. O moço mais que depressa tirou a espada e cortou a cabeça do bruxo, fugindo com a princeza.

Quando o bruxo morreu, ouviram um estrondo horroroso e uma massa enorme de fumaça!

Quando a fumaça acabou já nada mais havia do bruxo, nem do palacio.

Elles subiram pela corda que a fada estava segurando, e, em seguida foram para o palacio do rei.

Quando o rei e a rainha viram a linda filha, choraram de contentes. O moço teve de contar tudo o que se tinha passado com elles. O rei collocou rica corôa na cabeça de Roberto, acclamou-o rei de uns dominios e deu-lhe muito ouro. Depois de varias festas realizou-se o casamento de Ignez com Roberto. A noiva foi para a igreja num lindo carrinho de flores puxado por pombas brancas e nunca se soube de creaturas mais felizes do que Ignez e Roberto.

AMELIA SORIANO DE SOUZA

AVÓSINHA

por Cecilia Meirelles

SOB a sombra da tarde, a creança chorosa gemeu:

— Avózinha, está escurecendo e nós não temos oleo para a lampada ! Mas a avózinha era tão velha e tão pobre ! A avózinha balbuciou a tremer:

— Que é que se ha-de fazer, netinho ?

E a tarde foi se tornando muito escura, porque as nuvens negras alargando-se das montanhas alastraram-se por todo o céo.

— Avózinha, queres que eu vá lá em baixo ? Queres que eu te compre o oleo ?

E o pequeno, de olhos afflictos, contemplava a cidade accendendo-se na distancia...

— Está escurecendo tanto ! Vae ficar noite... E os santos sem luz, avózinha ! Tenho medo...

A velhinha suspirou desilludida:

— Tu não pódes ir lá em baixo, netinho... Ainda és muito pequeno...

— E tu, avózinha, por que não vaes ?

A avózinha, tremula, tremula, entristeceu mais e, baixando a pobre cabecinha branca, balbuciou:

— Ah ! netinho... netinho... Eu já não posso mais descer á cidade... o meu coração me diz que nunca mais tornarei lá...

O pequeno abraçou-se á avózinha, escondeu-se-lhe no peito que a velhice cavara e gemeu baixinho, com a sua innocencia, com a sua amargura:

— Não, avózinha, não diga isso, não... não digas mais... nunca mais...

Ao longe, a cidade scintillava toda accesa. Mas sobre a avózinha, sobre a sua casa humilde, sobre o seu menino cheio de medo, a noite baixou cada vez mais sombria e do céo, forrado de nuvens grossas, não vinha um raio de luz, uma claridade de estrella.

Mal se ouviu gemer outra vez o menino:

— Os santos vão ficar sem luz, avózinha...

E ella respondeu:

— Socega, meu filho, socega que os santos hão de nos perdoar... Elles bem sabem que esta pobre velha não os esquece nunca, tem-nos sempre no pensamento e no coração...

Como estavam sentados á soleira da porta, o pequeno, levantando o corpo, afundou o olhar no interior da casa, completamente silenciosa, toda negra, com uma expressão tão profunda de morte que elle de novo se affligiu... E voltou a chorar mansamente:

— Avózinha, tão triste, a casa assim ! Não podemos caminhar lá dentro... Temos de passar a noite aqui ?

E a avózinha com um fim de voz balbuciou, chegando-o para si:

— Descança, meu netinho, descança... Emquanto esta velha teve forças... forças para ir mendigar, nunca deixou de trazer oleo para os seus santos... Elles bem sabem disso...

— Ah ! Avózinha... Eu te ajudo ! Vamos... Eu mendigarei por ti...

Mas o céo escureceu completamente e a avózinha mal pôde balbuciar:

— Netinho, é muito tarde... Ninguem faz esmolas a esta hora... Encosta-te a mim... Não tenhas medo...

E o menino dizia:

— Já não te vejo, avózinha ! Como está escuro ! O céo não tem uma estrellinha, uma só !

A avózinha não respondeu mais.

Elle pensou que era o somno que a emmudecia; não disse mais nada e dormiu.

No dia seguinte, porém, quando acordou ella estava cahida, fria, sem olhar e sem voz.

E a creança clamou:

— Avózinha! Avózinha! Os santos são vingativos! Os santos mataram-te! Os santos querem luz; querem luz! Avózinha do meu coração!...

E precipitou-se para a cidade, lá longe, para mendigar uma gotta de oleo, uma gotta de luz e offerecel-a aos santos...

Murmurava, a correr:

— E' para a alma da avózinha... Para que os santos lhe perdôem... Para que os santos a recebam...

Intimamente, a sua grande esperança era acordal-a de novo, era fazel-a reviver. Mas ninguem lhe deu nada... Os santos ficaram sem luz... A avózinha ficou morta para sempre...

E elle nunca mais foi feliz...

A CARRIOLA E O PINHEIRO

(PARA MALBA TAHAN)

Quem não conhece a planta volante, cujo nome caracteriza a rapidez com que corre, como si tivesse azas para voar, galgando, em poucos dias, as mais altas cumieiras?...

O povo chamou-a: **"Bom dia!"**

E a razão desse appellido está no facto de abrir a sua corolla, como uma sombrinha japoneza, no momento em que os raios do sol vêm despertal-a, para fechar-se de novo, quando o sol se esconde e foge para a outra banda da terra.

Mas, por que deu para voar, a singela flôr?!

Será para chegar mais perto do sol?...

Não. A carriola ou volatina, tambem chamada consólvulo e volúbile, sentindo a sua fragilidade, procura um apoio; e, desde que o encontre, fiel e constante, como a mais pura amizade, semelhante á gratidão dos pequeninos e humildes, prende-se de tal modo ao esteio que a protege que parece guiada por uma intelligencia, para enfeitar e alegrar o tronco bemfazejo, que assim fica engalanado de estrellas multicôres.

Um dia, a Volatina, que nascera aos pés de um portentoso pinheiro, procurou arrimo no tronco da arvore excelsa, que espalhava, aos quatro ventos, miraculosa chuva de ouro.

E, satisfeita com a generosa acolhida, a pobrezinha começou a subir, a subir, apressadamente, na ansia de chegar ao alto, onde se espraiava a ramaria rendilhada daquella arvore preciosa.

O pinheiro, que vagarosamente attingira os seus trinta metros, não gostou da concurrencia, em que a impertinente carriola parecia querer mostrar a sua extraordinaria agilidade.

— Para que sobes tão alto?... perguntou elle agastado. Queres te comparar commigo?! — Olha: tudo o que é meu tem valor.

Estes pinhões, ricos em fécula, são muito nutritivos e muito apreciados, quer cozidos ou assados, quer reduzitos em farinha. Do meu tronco os industriaes tiram vinagre, terebentina, agua-raz, pixe, e até papel para escrever.

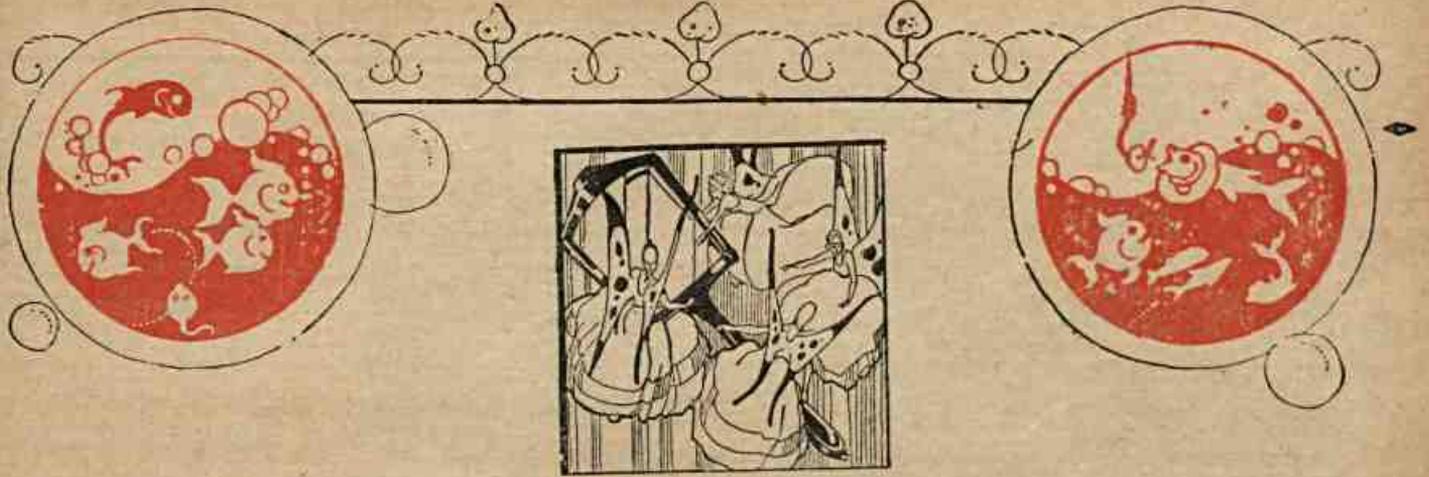
Não é tudo... A minha madeira é empregada na construcção das casas e das embarcações. Ha quem diga que foi d'ella que se fez a arca de Noé. Porém, o que mais me encanta, é vêl-a preferida nas fabricas de brinquedos para as crianças, e especialmente na feitura de um glorioso boneco da páu, a que deram, em minha honra, o nome de pinocchio.

E tu, para que serves?!

— Eu... respondeu a Volatina, abrindo ás suas corollas brilhantes, sobre as quaes batia em cheio o sol do meio-dia, dando á arvore esbelta uns ares de obelisco ornamentado com uma cupola de ouro e pedrarias... eu sirvo para educar o povo.

— Como assim?!

— Eu ensino a olhar sempre as alturas, quer no sentimento, quer nas acções. Chamáram-me o emblema da amizade. Eu sou tambem o symbolo da gratidão.

GEMMA D'ALBA

A Respiração dos Peixes

Não ha ser vivo que resista á falta do ar. Mas ha seres que morrem em virtude de excesso de ar. Os peixes, se lhes tirarem de dentro d'agua onde o ar tambem existe, embora escasso, morrerão quasi instantaneamente. Assalta-lhes a morte por asphyxia. E sabem vocês por que se verifica tal morte nos peixes? Por uma razão muito simples. E' que para respirar o ar directamente ou tal como existe na atmosphera é preciso ter pulmões ou qualquer outro orgão que substitua os pulmões, e os peixes não o têm. Para respirar o ar que está dissolvido na agua é preciso um apparelho que em nada se parece com os pulmões. Esse apparelho tem o nome de guelras.

Os peixes, ao contrario do que succede comnosco, têm guelras e não pulmões. Se um animal tivesse ao mesmo tempo guelras e pulmões, poderia respirar onde melhor lhe conviesse, no ar da atmosphera ou no ar dissolvido na agua e viver indifferentemente na terra ou no mar.

No Jardim do Coração...

Plantei num canteirozinho,
De diversas qualidades,
Para tratar com carinho...
Entre outras flôres, saudades.

Nascera a primeira flôr!
A flor que jamais se arranca:
Era tão pura na côr...
— Mimosa saudade branca!

Depois, brotára a segunda,
Mais linda que o manacá;
Era a saudade mais funda...
Mais tristonha... era a lilaz!

Emfim, — no mesmo canteiro,
A terceira, retardada,
Tal qual um sonho fagueiro,
Como se fosse encantada...

Germinára!... que velludo!...
Tão roxa... que commoção!
Era a saudade de tudo
Que pesa no coração!

ASTERIO DE ARAUJO.

ALTRUISMO

Isabel era uma modesta costureira que trabalhava dia e noite para auxiliar a sua pobre mãe enferma.

Era timida e fransina, tinha a humilde resignação dos simples

A sua infancia fôra repassada de desalentos profundos e soffrimentos angustiosos.

A sua mãe, de saude delicada e de alma ainda mais pura, tinha sido uma martyr com as amarguras impostas pelo seu pae, um infeliz alcoolico.

Um dia, allucinado pelas consequencias terriveis desse horrivel vicio, altercára com um companheiro de taberna e o matára inconscientemente. Condemnado e cumprindo sentença num presidio, fallecera roido pelos remorsos e vencido pelas doenças que o alcoolismo inveterado lhe proporcionára.

Desde então, mãe e filha começaram uma vida de amarguras.

Com os poucos recursos que possuiam tinham que morar nessas habitações collectivas onde se mesclam creaturas de todos os feitios e quasi nenhuma piedade; era então commum ouvir como um som lugubre e alvitante: "o marido fôra um assassino!"

A pequena Isabel quando ia á Escola as suas colleguinhas murmuravam em surdina o triste estribilho e então ella isolava-se do grupo como se sentindo manchada e indigna.

E assim estigmatisada pelo acto inconsciente de seu marido e pae, mãe e filha fundiram os seus corações nas mesmas dores, supportando resignadamente as decepções dolorosas da existencia.

Passaram-se os annos e moça, Isabel, era triste, timida e reservada no falar, observando a humanidade de um modo hostil e descrente.

Viviam quasi miseravelmente e encerradas dentro da sua angustia sem procurarem o lenitivo que as ternas affeições e a generosa amizade ás vezes offerecem

Num dia, em que o estado de sua mãe se tornára mais grave, Isabel faltou ao trabalho para poder tratal-a. Voltando para a officina, a "contra-mestra" despediu-a sem a minima consideração e sem querer ouvil-a.

Acabrunhada, Isabel caminhava inconsciente pelas ruas, tendo no seu cerebro um turbilhão de tristes pensamentos quando ouviu um grito lancinante que era mais uma expressão de dor:

—Salvem o meu filho!

Era uma senhora que de uma janella via o seu pequenino prestes a ser esmagado por um bond que vinha veloz.

Isabel, num gesto de altruismo, tudo esqueceu e precipitou-se para arrebatar o menino do horrivel desastre.

Foi o tempo necessario em que ella poude abraçar-se ao pequeno e receber um grande choque que a atirou a uma certa distancia ficando desacordada, mas a criança fôra salva.

Os paes do menino, radiantes e admirados pelo nobre altruismo d'aquella creatura franzina e pobre, levaram-n'a para sua casa, tratando-a com todo o desvelo e carinho.

Esse gesto de amor humanitario e fraternal captivou para sempre a familia do pequeno que abrigou sob seu tecto mãe e filha e desde então foram felizes, prestigiadas e queridas.

Vê-se nesta historia da pequena Isabel este solido principio:

Todas as creaturas encerram latentes dentro de sua alma como num precioso tabernaculo as possibilidades de sacrificio e amor pela Humanidade.

KHOUNG-CHI

LENDA CHINEZA

Ha uma porcellana chineza, trabalhada em côr azul, com uma paizagem representando uma casa, um rio, varias arvores e uma ponte pela qual caminham tres chinezes. Essa especie de porcellana vem realmente da China e a ella se attribue a seguinte encantadora lenda: Uma joven chineza, muito formosa e chamada Koung-Chi, enamorou-se do joven Tchang, secretario de seu pae. Este ultimo queria que a filha se casasse com um homem rico; mas como não desejava separar-se de Tchang, que lhe prestava bons serviços, mandou a filha morar sózinha, num lindo kiosque, situado no fundo de um jardim. A joven, muito triste, passava os dias olhando da janella de sua cazinha as aguas do rio e as cerejeiras em flôr. Um dia, Tchang escreveu-lhe uma carta, convidando-a para fugir de tão dolorosa prisão, mas não se atreveu a encaminhar essa carta por um portador qualquer, com medo que o pae de sua amada a apprehendesse. E ao amoroso Tchang occorreu, então, construir um botezinho com a casca de um côco, ao qual juntou uma véla de casca de bambú. Collocando a carta dentro do botezinho, soltou este, que foi levado pelas aguas do rio até o kiosque de Koung-Chi. A joven apanhou a carta, leu-a e respondeu ao seu querido que estava disposta a fugir se elle tivesse coragem de ir buscal-a na sua prisão.

Tchang foi e trouxe a joven. Mas o pae de Koung-Chi viu-os em fuga e perseguiu-os. Pensando terem escapado da perseguição, Tchang e Koung-Chi alojaram-se numa cazinha de xarão do outro lado do rio e ahi julgaram que pudessem viver felizes. Mas os máos emissarios do pae de Koung-Chi incendiaram a casinha e os dois infortunados jovens morreram dentro della.

Um veterano do Acre

— Cabo Velho!... Ei, Cabo Velho!... — gritava a garotada da rua, apoquentando o ancião tropego, que o paludismo amazonico levára precocemente á senilidade. A estes gritos de mofa não respondia o velho com máos modos. Impertigava-se no bengalão nodoso, de mofumbeiro, desfazia a corcunda e retomando o seu antigo porte marcial, encarava os gavroches com severidade. Seguidamente, mostrava-lhes as gengivas desbotadas num sorriso de tolerancia e, já novamente curvado, apoiando-se com ambas as mãos na bengala rude, balançava a cabeça de um lado para o outro, e lá se ia, rua a fóra.

A scena se repetia quasi diariamente, nos arredores do mercado de Fortaleza, quando por volta do meio dia fazia Cabo-Velho o seu giro de pedinchante, recolhendo da caridade publica as migalhas que lhe garantiam a subsistencia.

Ninguem sabia o seu nome de baptismo e, bem poucos, que fôra um soldado valoroso, quatro vezes ferido a serviço da patria. Fizera, sob o commando de Placido de Castro, a guerrilha gloriosa do Acre; tomára parte activa nessa epopéa titanica que talvez um dia a historia reconstitua entre as florestas fantasticas da Amazonia, collocando-a, quando menos, á altura dos mais brilhantes feitos das nossas armas nas campanhas externas do Sul.

Mas antes disto fôra seringueiro. Palmilhára, de rifle ás costas e machadinha em punho, as longas e misteriosas estradas, cortando a arvore do "ouro negro", levando a sua contribuição pessoal em favor da civilização aos extremos limites de nossa selva. Annos sobre annos, naquelle trabalho arduo, foram-no envelhecendo antes do tempo.

A natureza hostil tomava terreno, progressivamente, sobre o seu organismo gasto e desprevenido.

E já pensava, vencido, desanimado, tornar ás praias nativas do Ceará, quando Placido de Castro soltou o grito de guerra aos bolivianos.

O exhausto seringueiro foi dos que primeiro acudiram ao chamado patriotico. Intimamente, affligia-o a idéa de nada ter feito, de nada ter podido fazer na vida.

Alistou-se.

Naquella madrugada do seu primeiro embate com o inimigo, caia sobre a floresta verde-escuro uma nevoa importuna, incommoda, incitando os combatentes a se aquecerem ao fogo dos fuzis. E Cabo-Velho, então ainda não graduado, era um dos mais insoffridos por topar de peito com os bolivianos, entocados a poucos metros, na frente.

Só se avança de noite! — ordenou com voz energica o commandante, aos companheiros estendidos no solo humoso.

Uma coceira de impaciencia mantinha o pelotão irritado, todos anciosos por avançar.

— *Brasileros miedosos!* berrou distante, bravatoso, um boliviano, protegido igualmente pelo lençol escuro e frio do tempo.

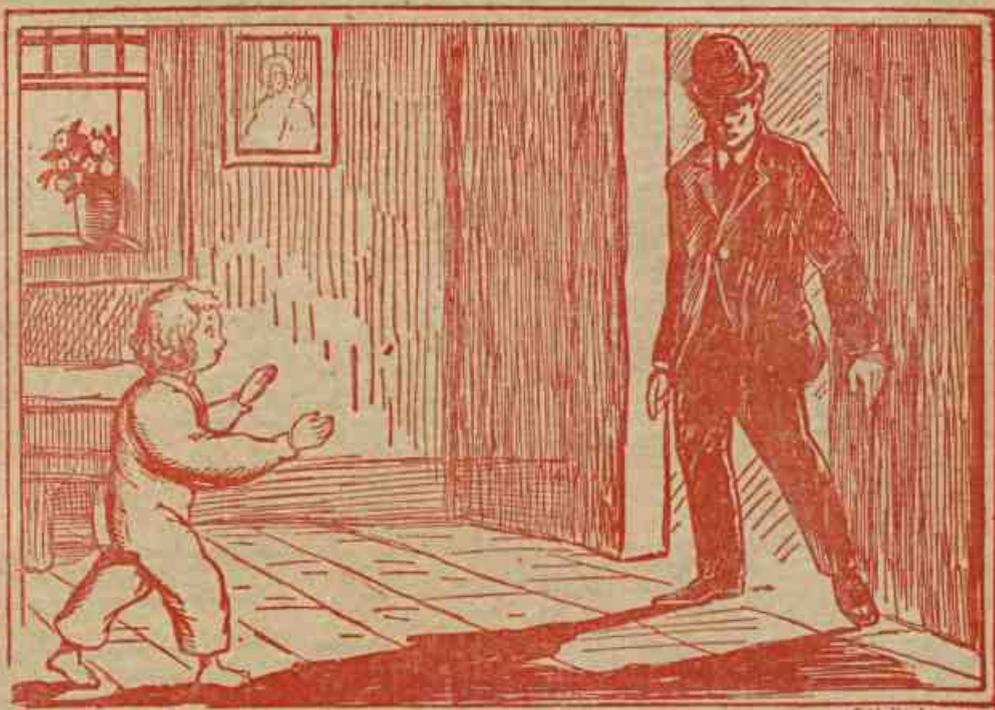
Cabo Velho não se conteve e prometteu:

— Agora não, seu desgraça... De noite!

A tréplica veio por uma bala, que se achatou num barranco proximo, escalavrando o chão.

— Ai! morri, companheiros!... — choramingou Cabo-Velho, limpando, com a manga da camisa, o barro que o chumbo lhe atirára ao rosto.

— Você já viu morto falar, cachorro?! — respondeu o commandante.

Uma onda de sadia e bôa gargalhada innundou a tropa, festejando o baptismo de guerra do Cabo Velho, que se curou do medo e se fez, dahi em diante, herói entre os heróes da campanha.

Ainda não se illuminára a noite da alegria cantante dos sinos de Natal, e tudo, nas grandes sombras, parecia desolação, pelo menos na alma dolorida da triste creança.

Havia dois annos que papae o abandonára, sem noticias de si, inesperadamente.

E era tão bom, dava-lhe tantos brinquedos, tantos beijos, tantos carinhos que lhe custava, áquella creança de 8 annos, acreditar nessa desgraça ou ingratidão.

Ingratidão não lhe parecia.

Papae não deixaria, assim, á toa, se não fora pela mão do destino brutal.

Mamãe não sabia explicar:

— Deixou-nos por uma tarde, com a promessa de logo voltar, e lá se vão dois annos, meu filho...

E as lagrimas, entremeadas de soluços, não na deixavam continuar.

Nos dias de Natal, o papae lhe trazia pão, nozes e fructas.

Aquelle palhacinho narigudo, de cara suja, fora o seu ultimo presente.

— Ha tantos meninos felizes, hoje, por ahi...

Não queria brinquedos, nem carrinhos, nem nada.

Mamãe não os tinha para lhe dar.

Queria sómente o seu papae.

Voltasse como voltasse, feliz ou infeliz, rico ou pobre; mas, que lhe trouxesse o seu sorriso e um beijo daquelles tão quentes, que costumava lhe dar, abraçando-o.

Mamãe se debulhava em pranto.

Tão sózinha, tão triste, não succumbia de dôr, por que era preciso velar pela creança.

O menino já estava crescido. Ia á escola.

Rabiscava umas garatujas á titulo de cartas, que não punha no correio porque não sabia onde papae estava.

— Eu li, mamãe, que Jesus de Nazareth é amigo das creanças, é verdade?

Por que não me traz hoje o meu papae, para lhe festejar o Natal?

Aquelle abandono cortava tanto como qualquer navalha. Era superior áquella miseria, quasi absoluta, e, se o amor e a coragem da pobre mulher não vencessem tanta angustia, triste creança, a voragem a teria levado para onde vão as outras, irmanzinhas de Cosette.

Desolado Natal!

Fazia frio lá fóra...

— Jesus, mamãe, é tão bom!

Bem que podia fazer papae voltar.

Sonho ardente de creança, que a pobre mãe alimentava, sem esperança.

Por que os abandonára?

Dizem que se entonteceu de paixão, e foi por ahi afóra, esquecido dos deveres.

O remorso, porem, tocou-o.

O arrependimento lhe nasceu n'alma, como nascem estrellas em noites de angustia, ás lagrimas de Jesus.

Cantavam os sinos da cidade ás missas do gallo.

De subito, por um desses milagres tão doces do Rabbi da Galiléa, a porta da rua, mal fechada, se abriu:

— Maria, Maria!

A creança poz-se da cama de um salto.

Aquella voz era do papae.

Seria possivel?

Os sinos da Cathedral estavam a rir, perdidamente.

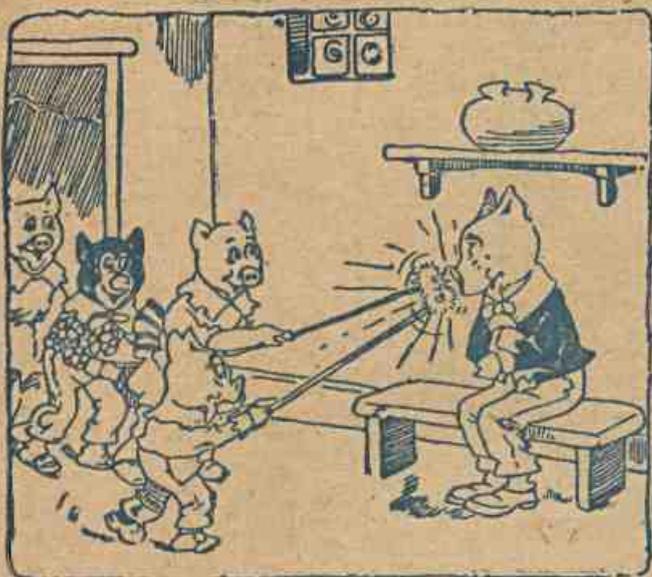
Faiscavam de luz egrejas e altares.

Meninas e moçoilas, cantando, faziam de pastorinhas.

Que noite maravilhosa!

E quem quizer saber da alegria da creança e da suave grandeza daquelle milagre, que fique ao abandono, orphãosinho.

Jesus de Nazareth faz tantos prodigios!...

D. PORQUITA E SEUS FILHINHOS

— Adolphinho está dormindo! — disse Totó. Vamos fazer-lhe cocegas no nariz. E com duas varas e dois pedaços de plumas começaram a tocar no nariz de Adolphinho, que fazia caretas horriveis.

Mas de repente Adolphinho acordou e, ao levantar-se, bateu na prateleira onde estava um pacote com feijão, que se derramou sobre os porquinhos. D. Porquita chegou mesmo na hora de castigar os porquinhos peraltas.

O caroço de um pecego

TRES meninos andavam passeando em um pomar abandonado, e o menor delles viu, em um pecegueiro, um unico pecego maduro e mostrou aos seus companheiros, e estes se promptificaram a subir na arvore para apanhal-o e dividirem entre si.

Acceita a proposta, os dois maiores subiram na arvore e apanharam o pecego, mas em vez de descerem, para repartil-o, comeram lá em cima e jogaram o caroço para o menor.

Este foi chorando para a casa e contou o caso á sua mãe.

Esta lhe disse:

— Então choras por uma cousa tão insignificante? Volta lá e traz-me o caroço do pecego.

— Ora! para que?

— Para mostrar-te que o caroço de pecego que desprezaste vale muito mais do que tu imaginas. Os outros tiveram um instante de prazer saboreando a polpa, e tu terás ainda innumeros dias de satisfação com o caroço que desprezaste.

O menino obedeceu.

Dahi a pouco voltava com o caroço do pecego, e sua mãe levou-o ao quintal e disse:

— Planta esta semente neste logar e cuida bem della, que logo começarás a sentir prazer com o resultado do teu trabalho.

Dias depois nasceu uma bonita plantinha, o menino ficou muito satisfeito e regava-a todos os dias.

A plantinha foi crescendo e uns annos mais tarde tornou-se uma arvore muito bella, que era o orgulho do seu cultivador, até que em uma primavera cobriu-se de flores que as abelhas e os beija-flor vinham saudar.

Após á quéda das flores começaram a formar-se os fructos, que foram crescendo, até que no verão, chegando ao seu completo desenvolvimento, amadureceram.

Muito satisfeito, o menino chamou sua mãe e disse-lhe:

— Olha, mamãe, como estão maduros todos os pecegos! e os mais bellos serão para vós, pois se não me ensinasses a supportar com paciencia o egoismo dos meus companheiros, e não me ensinasses que com trabalho e perseverança tudo se póde conseguir, eu agora não teria esta arvore carregada de fructos saborosos, que posso offerecer a todos os meus amiguinhos, e mostrar-lhes como o primeiro producto do meu trabalho. A minha satisfação é grande! O trabalho ennobrece o homem!

— Muito bem, filho! se a tua satisfação é grande, a minha é muito maior! pois vejo que, nem só ouviste meus conselhos, procurando no teu pequeno trabalho uma recompensa para o aborrecimento que tiveste com teus companheiros, quando te jogaram o caroço do pecego, mas tambem por ver que tens um coração generoso, offerecendo-me os mais bellos fructos da tua arvore e lembrando-se tambem de offerecel-os aos teus amiguinhos. Vejo com muito prazer que detestaes o egoismo! Procura fazer no trabalho honesto a tua prosperidade, e, fazendo a tua prosperidade, concorrerás tambem para a grandeza do nosso querido Brasil.

LÉO PARDO

O PASSARINHO FELIZ

Como naquelles felizes dias da minha meninice, aquelles venturosos dias que, fugazes, se fundiram na nebulosa do que jámais volta, mamãe mamãe, acolhe-me nos teus braços amorosos novamente e deixa que no teu santo peito eu verta as primeiras lagrimas de vencido! Mamãezinha! deixa que, em segredo, te narre as minhas penas, te conte as minhas maguas... Sou de novo um menino, cuja alma tremeu ao grasnar do côrvo da tragedia.

Mamãezinha, escuta!

II

Sabes?... Havia um passarinho que, trinando alegremente, saltava contente de ramo em ramo... Como lhe sorria, então, a vida, mamãe!... A Natureza toda o convidava a gosal-a e elle, na sua humilde linguagem, conversava com a Natureza. O sol... espaço... terra... plantas... flôres... fontes... lagos... Todos eram seus amigos e o seu coração abria-se para elles n'uma gloriosa explosão de ventura, de felicidade... Como lhe sorria, então a vida, mamãe!... Mas, um dia... sabes? a biblica serpente do mal sibilou a seu lado...

— E's feliz? — silvou ella.

— Muito!

— Conheces, então, tudo quanto ha de bello á nossa roda?...

— Tudo! Conheço tudo! — respondeu o passarinho batendo as azas.

— E a lua?

— A lua? — perguntou o passarinho admirado

— A lua, sim... Não sabes o que é? Quando o sol morre na longitude do horizonte, faz-se a obscuridade e surge um outro astro tão bonito como elle, com uma côrte de estrellas brilhantes. Dir-se-ia uma princeza com innumeros pagens. Nunca a viste?

— Não, nunca vi isso!

— Então, espera hoje que o sol se vá, e vê...

E a biblica serpente do mal afastou-se sibilando...

III

Pobre passarinho! O acicate da duvida e da anciedade havia-se-lhe cravado no pequenino coração... Não cantou em todo esse dia... Calado... Triste... Pensava na lua!... nas estrellas!

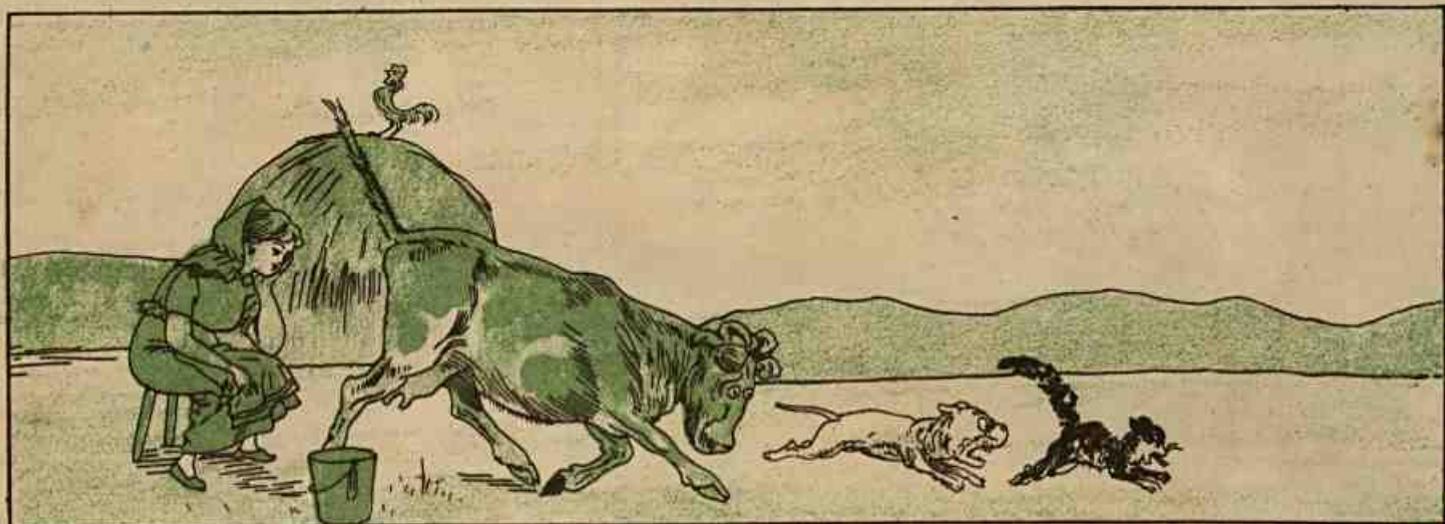
— Passarinho feliz — perguntou-lhe a fonte, que tens tú? Por que estás triste?

— Oh! Fonte amiga! Tu... tu... Não... não tenho nada!

E o seu canto fendeu o espaço suavemente, ternamente, dolorosamente... Chorava! Como elle nunca havia feito, mamãezinha, chorava cantando!

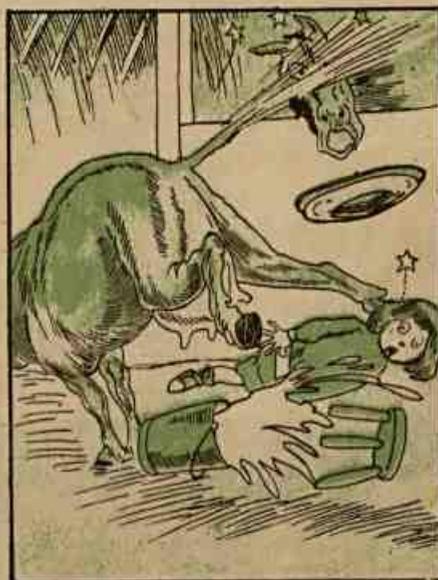
(*Termina no fim do numero*)

Cicero Valladares

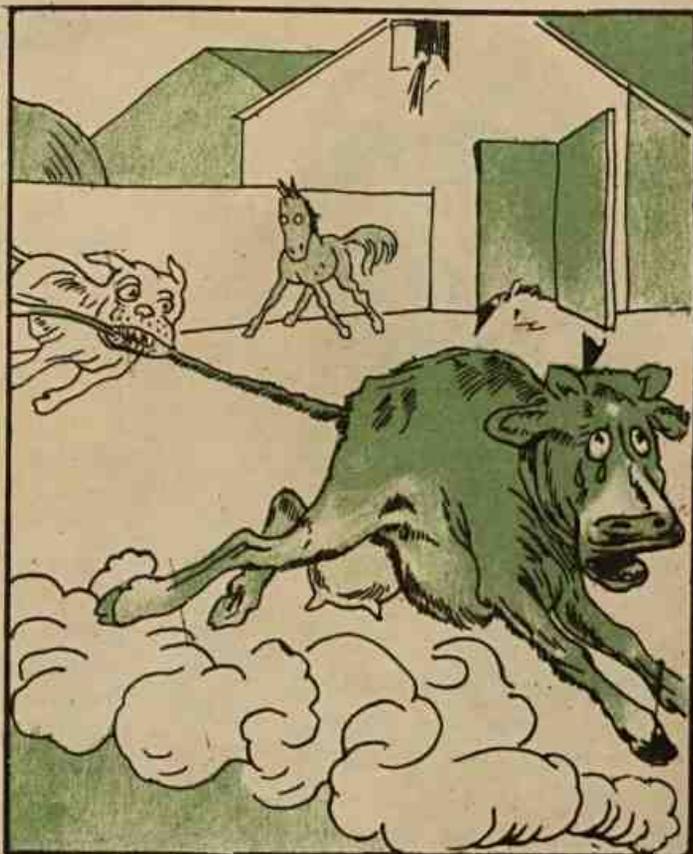
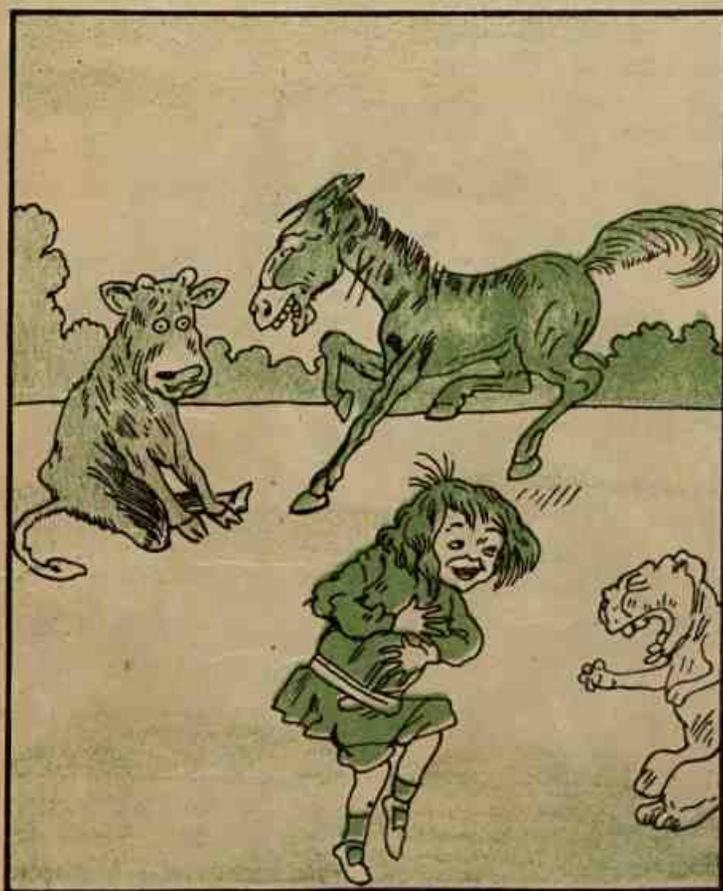
CHIQUINHO NA ROÇA

Quando Chiquinho era muito pequenino foi passar uns dias em uma fazenda nos arredores de Mendes, onde a vida era um céo aberto.

Chiquinho fez-se então um pequeno roceiro. Arranjou um banco,...

...uma latinha e foi para o estabulo tirar leite das vaccas.

Sem ao menos cumprimentar a "Estrella", uma vaquinha de aspecto sympathico, Chiquinho...

...metteu mãos á obra. Mas a vacca não estava pelos autos e deu-lhe um terrivel...

...ponta-pé que fel-o cahir sentado no chão com grande surpreza de "Jagunço".

A "Estrella" estava furiosa e escouceava até fazer Chiquinho sahir pelo telhado do curral.

Mas "Jagunço", irritado com a ousadia do animal, ferrou-lhe os dentes na cauda...

...e só largou-a depois de dar um grande passeio a reboque pelo campo da fazenda.

Chiquinho, então, com as carnes arranhadas e a roupa em farrapos escreveu, na parede: — Nunca serei leiteiro.

Os Lyrios

Nei-Noar — o imperador da China — estava furioso. Imaginem que, na vespera, uma velha, curvada e cheia de rugas, viera ao palacio pedir esmolas e, conversando com os guardas da porta, contára que, outr'ora, quando ella era môça, no tempo do avô do imperador, havia nos jardins do palacio lyrios negros lindissimos, que eram considerados uma maravilha sem egual.

Vieram os guardas dizer isto ao imperador, que immediatamente a mandou chamar e perguntou se era verdade o que dizia.

A velha disse que sim, e que até tinha em casa um papel explicando como é que se fazia os lyrios, que nasciam brancos, ficar pretos.

O imperador mandou buscar esse papel; mas quando o abriu ficou muito aborrecido por vêr que as taes explicações eram escriptas em linguagem que elle não comprehendia.

Mandou, então, chamar os sabios do imperio para lêr o papel. Os sabios vieram, olharam para o papel e tambem não comprehenderam. Ahi é que o rei ficou furioso.

— Como é isso? — exclamou elle — Pois os senhores são sabios e não sabem lêr essa explicação? Pois eu lhes pago ordenados enormes, porque são sabios — e os senhores não são capazes de lêr o que eu não leio. Pois fiquem sabendo que, se dentro de oito dias não conseguirem descobrir a explicação do cultivo dos lyrios negros, mando-os enforcar.

Os sabios ficaram desesperados.

Mas o imperador, não tendo paciencia para esperar os oito dias, mandou chamar de novo a velha para lhe pedir um conselho.

— Meu senhor — disse a velha — eu, no seu logar, em vez de consultar sabios, consultava os jardineiros, que devem entender mais d'isso.

— Bôa idéa — disse o imperador.

— Tanto mais, accrescentou a velha, que esse papel pertencia a um jardineiro.

— Onde está elle?

— Já morreu, meu senhor; era um velho, mais velho do que eu; mas deixou um filho chamado Bedúr.

— Onde está esse Bedúr? — perguntou o imperador.

— Está na prisão — disse o grão-vizir, approximando-se. Eu conheço este homem; foi preso ha dois annos, por ter falado mal de Vossa Majestade.

— Eu tambem o conheço — disse a velha.

— Pois vá procural-o — respondeu o imperador, — leve-lhe o papel e traga-me a explicação.

A velha foi logo para a prisão, muito satisfeita. Imaginem que Bedúr era filho d'ella, bom rapaz, mas muito tagarella, tanto que, quando não tinha com quem falar, falava sózinho.

Uma vez, vendo passar o imperador, na rua, não se conteve e, falando sózinho, disse que o achava feio.

Uns guardas ouviram isto e foram dizer ao imperador, que o mandou prender e tomar toda a sua fortuna.

Ficou a mãe de Bedúr sózinha e na miseria. Então

A velhinha foi á prisão.

Negros

inventou aquella historia de lyrios negros para poder vêr o filho.

No papel não estava escripto cousa alguma, ella é que riscára uns signaes a tôa.

— Está bem — disse Bedúr. Agora a senhora vá dizer ao rei que a explicação é esta. Para fazer nascer lyrios negros é preciso plantar em pó de ouro, dez brilhantes do tamanho de ovos de gallinha.

E essa plantação deve ser feita por jardineiro filho de jardineiro, dentro de uma casa fechada na qual não entre ninguem durante seis mezes.

O rei achou que essas flores iam ficar muito caras, mas como tinha grande vontade de possuir aquellas maravilhas, mandou entregar a Bedúr dez brilhantes enormes e duas barricas de pó de ouro; fechou-o na casa da velha e collocou sentinellas a porta para que, durante seis mezes, elle não sahisse d'ali.

Apenas se viu ali fechado, Bedúr começou a abrir no chão um tunnel que, passando por baixo de toda a cidade, ia dar nos campos, num logar já combinado com sua mãe.

Era muito trabalho, mas em tres mezes Bedúr terminou e partiu com a velha para a cidade de Cantão, levando os diamantes e o ouro do imperador em logar da fortuna que elle lhe tomára.

Os sabios ficaram desesperados.

Em Cantão, Bedúr mudou de nome e ficou vivendo muito feliz e resolvido a não correr mais mundo.

Mas, passados os outros tres mezes, espalhou-se a noticia de que o imperador mandára procurar por toda a parte um tal Bedúr, para mandal-o matar.

E o jardineiro dos lyrios negros, que não se corrigira da mania de falar sózinho, exclamou, na rua, muito satisfeito:

— Mal sabe esta gente que Bedúr sou eu.

E logo ficou horrorizado ao vêr que uma mulher, que ia passando, ouvira as suas palavras.

Felizmente a mulher tinha bom coração e não o denunciou á policia do imperador. E isso permittiu a Bedúr fugir para o Japão, onde então poude viver feliz e rico até o fim de seus dias.

Esse habito de falar sózinho, Bedúr não perdera, não obstante os esforços e os conselhos de sua bondosa mãe, a mendiga que com tanta habilidade conseguira do imperador da China ordem para soltar o filho.

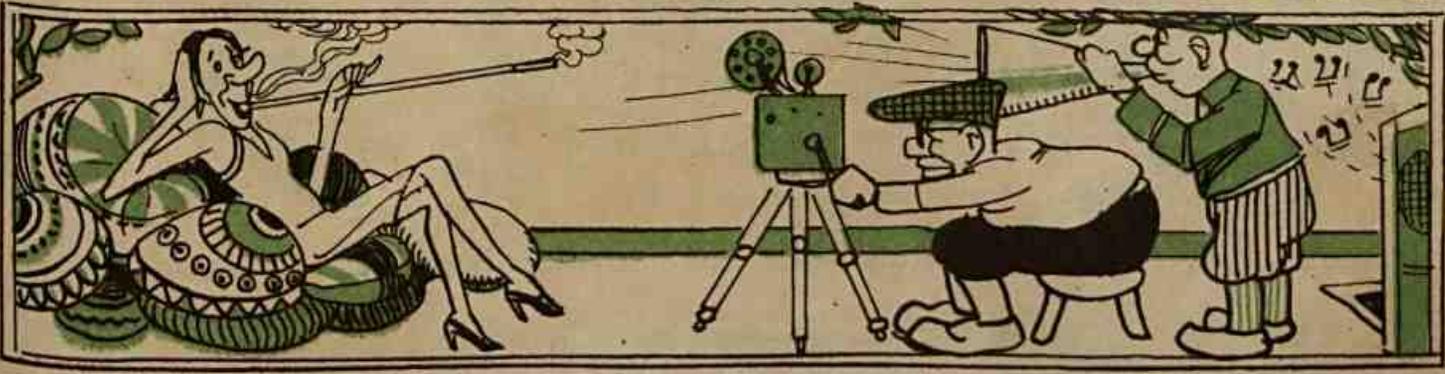
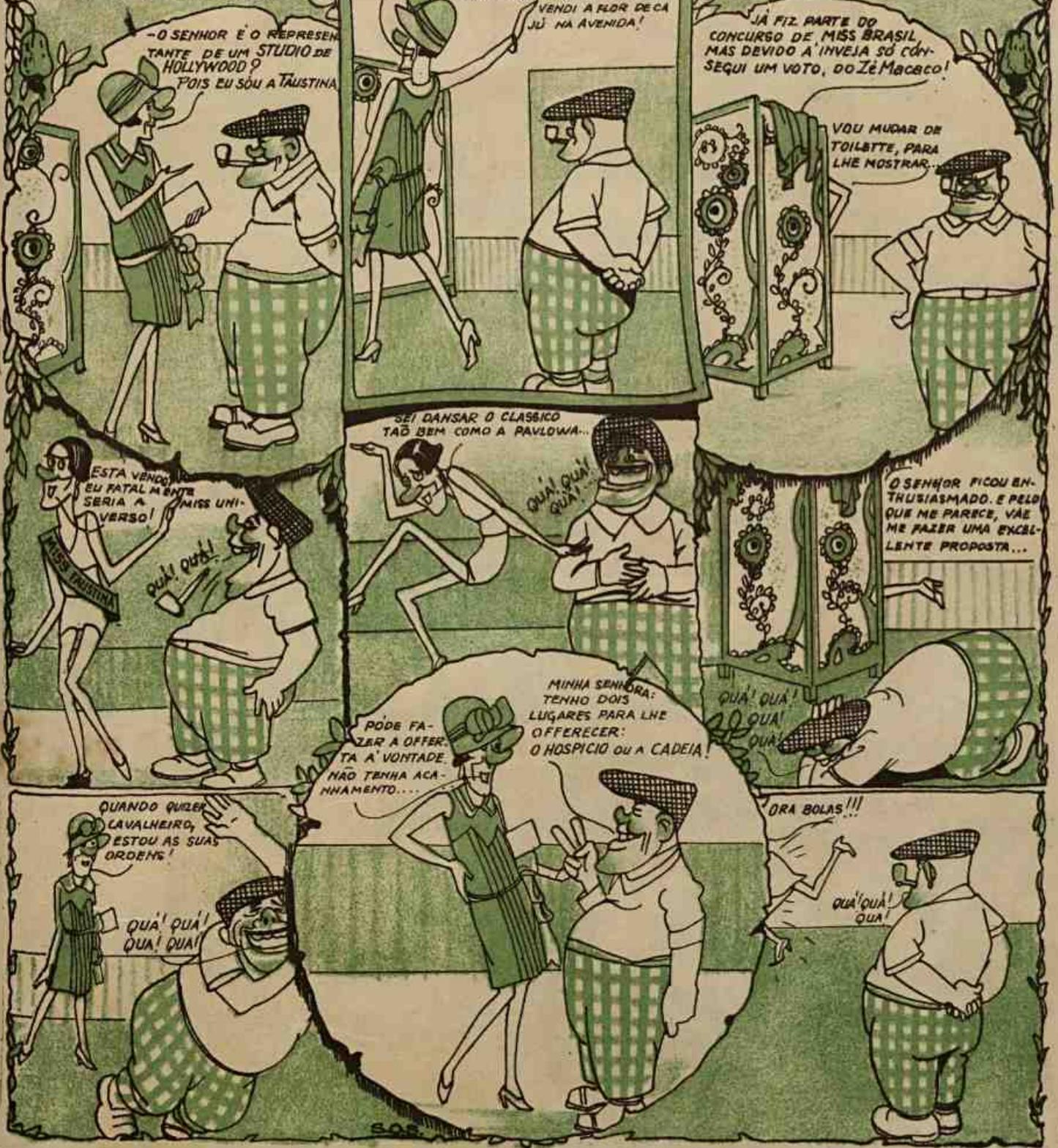
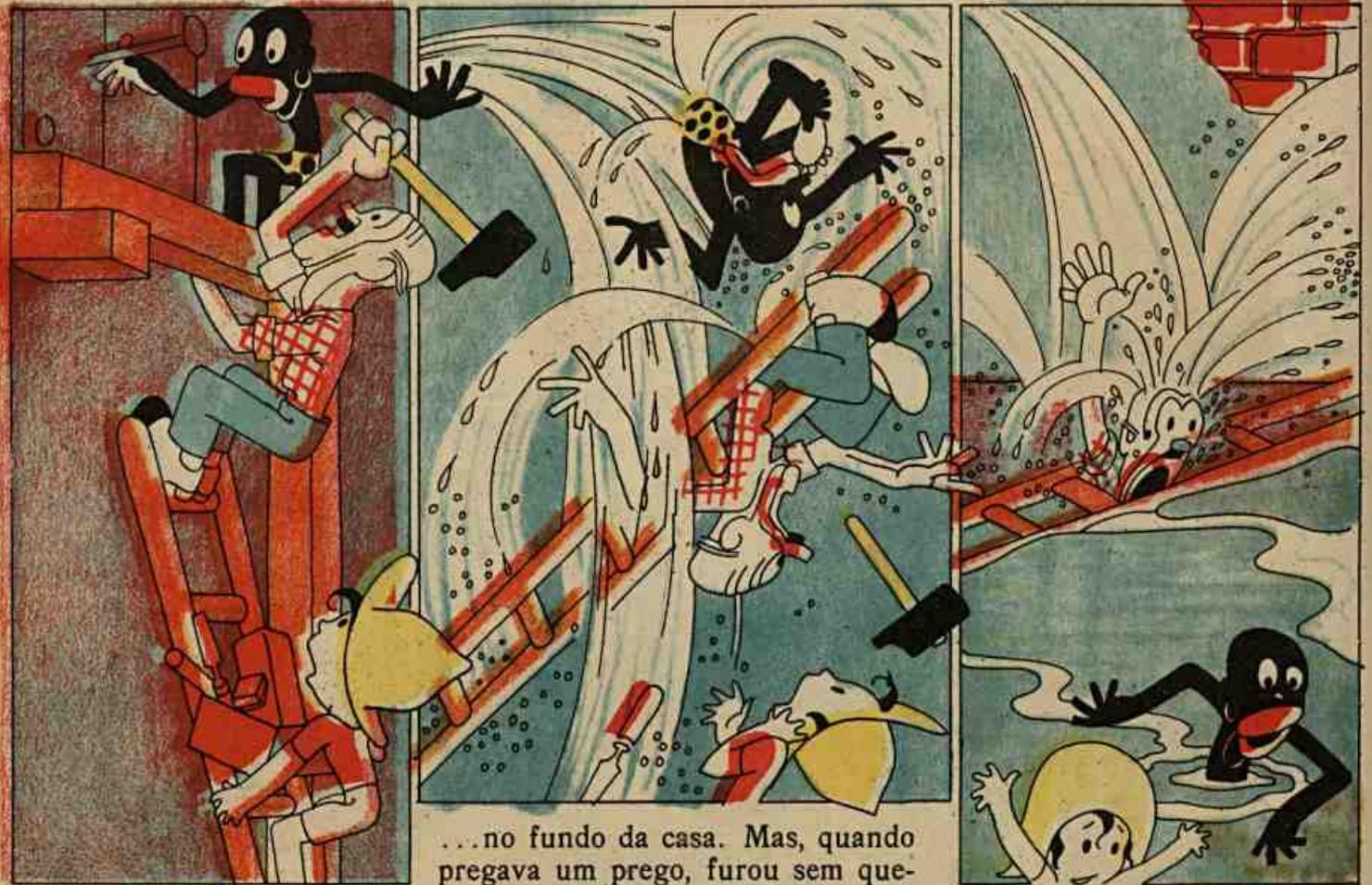
Como Bedúr, ha muitos meninos que têm o costume de falar sózinhos, dando, áquelles que os olham, a impressão de estarem deante de uma pessôa que não está sã do juizo.

Falar sózinho, como o Bedúr falava, é muito feio.

Os meninos que falam sózinhos — diziam as avós — estão falando com o Diabo e o Diabo não é entidade capaz de merecer palestra de pessôas que se prezem de ser normalmente ajuizadas.

— Ah! Você é que é Bedúr!...

FAUSTINA
NÃO GOSTOU DO BENGALOW...
FAUSTINA, TENHO UMA IDEA LUMINOSA!
VOU CONSTRUIR O NOSSO BENGALOW EM ESTYLO CUBISTA.
ESTÁ AHI, SENHOR CONSTRUCTOR FAÇA-ME ISSO BEM FEITO.
FIQUE DESCANSADO...
NÃO SE ESQUEÇA DE BOTAR A PORTA DA ENTRADA NO TELHADO!
ESTÁ BEM!
SENHOR ZÉ MACACO, A COZINHA VAE FICAR NA SALA DE VISITA?
SIM. E O FOGÃO DE PERNAS PARA O AR!
QUE TAL? É UM CONJUNCTO MODERNISSIMO! VAMOS VISITAL-O?
E GARAGE? É A QUE ESTÁ LÁ EM CIMA?
ESPLENDIDO!
A ENTRADA É POR AQUI.
- ESTE É O QUARTO DE DORMIR. A GENTE TEM QUE SE DEITAR ÁS AVESSAS!
- É BOM PARA QUEM SOFFRE DOS RINS!
?!
!
É A SALA DE JANTAR.
NÃO HA NADA MELHOR PARA QUEM SOFFRE DO ESTOMAGO.
- O BENGALOW É MUITO ENGRAÇADO E MODER..., MAS EU NÃO VOU MORAR LÁ NEM RACHADA!
- ESCUTA FAUSTINA, ESTOU COM VONTADE DE FAZER UM HOSPICIO COM ESSE PREDIO.

FAUSTINA QUIZ IR PARA HOLLYWOOD
MAS O DESTINO NÃO DEIXOU...
–O SENHOR É O REPRESENTANTE DE UM STUDIO DE HOLLYWOOD? POIS EU SOU A FAUSTINA
COMO VÊ, SOU ELEGANTE, GRACIOSA E VAPOROSA! SEI DECLAMAR, CANTAR, E JÁ VENDI A FLOR DE CA JÚ NA AVENIDA!
JÁ FIZ PARTE DO CONCURSO DE MISS BRASIL, MAS DEVIDO Á INVEJA SÓ CONSEGUI UM VOTO, DO ZÉ MACACO!
VOU MUDAR DE TOILETTE, PARA LHE MOSTRAR...
ESTÁ VENDO EU FATALMENTE SERIA A MISS UNIVERSO!
QUÁ! QUÁ!
MISS FAUSTINA
SEI DANSAR O CLASSICO TÃO BEM COMO A PAVLOWA...
QUÁ! QUÁ! QUÁ!
O SENHOR FICOU ENTHUSIASMADO. E PELO QUE ME PARECE, VAE ME FAZER UMA EXCELLENTE PROPOSTA...
QUÁ! QUÁ! QUÁ! QUÁ!
PÓDE FAZER A OFFERTA Á VONTADE NÃO TENHA ACANHAMENTO....
MINHA SENHORA: TENHO DOIS LUGARES PARA LHE OFFERECER: O HOSPICIO OU A CADEIA!
QUANDO QUIZER CAVALHEIRO, ESTOU AS SUAS ORDENS!
QUÁ! QUÁ! QUÁ! QUÁ!
ORA BOLAS!!!
QUÁ! QUÁ! QUÁ!
S.O.S.

POR CAUSA DE

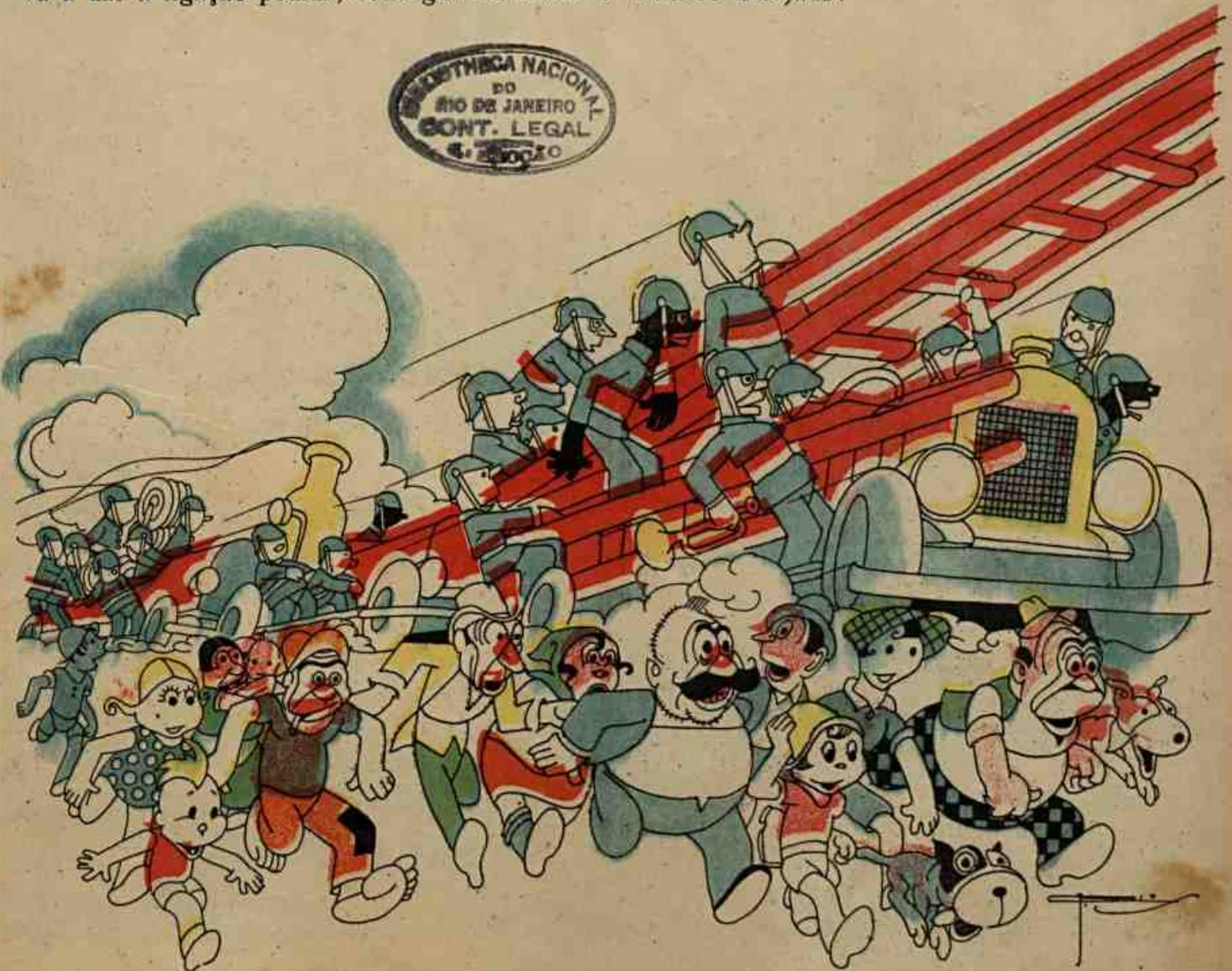
... corça ligeira, por valles e serras, pulando cercas,...

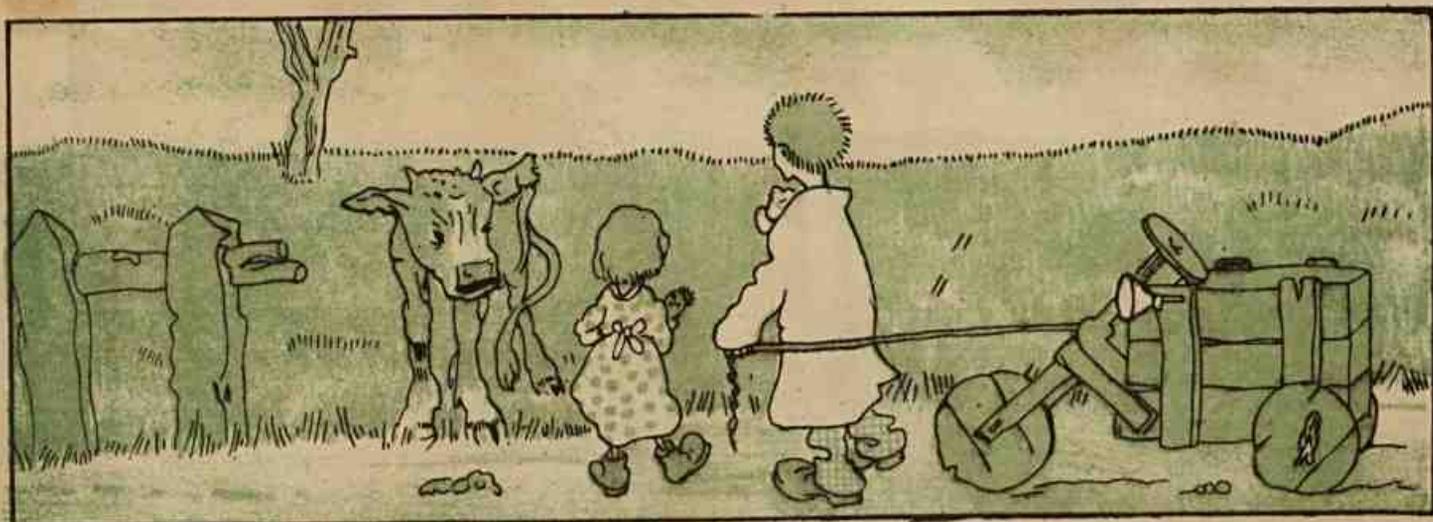
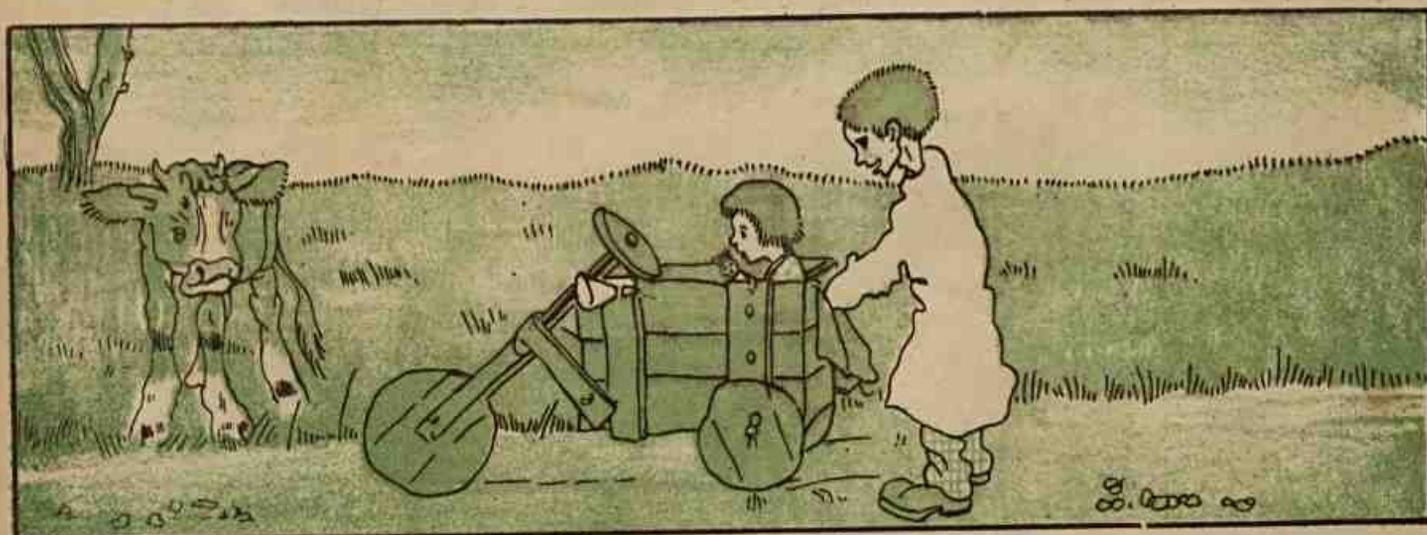
... transpondo todos os obstaculos, até chegar, offegante e exhausta, ao armazem de...

... seu Magalhães. Ahi, então, quasi sem forças,...

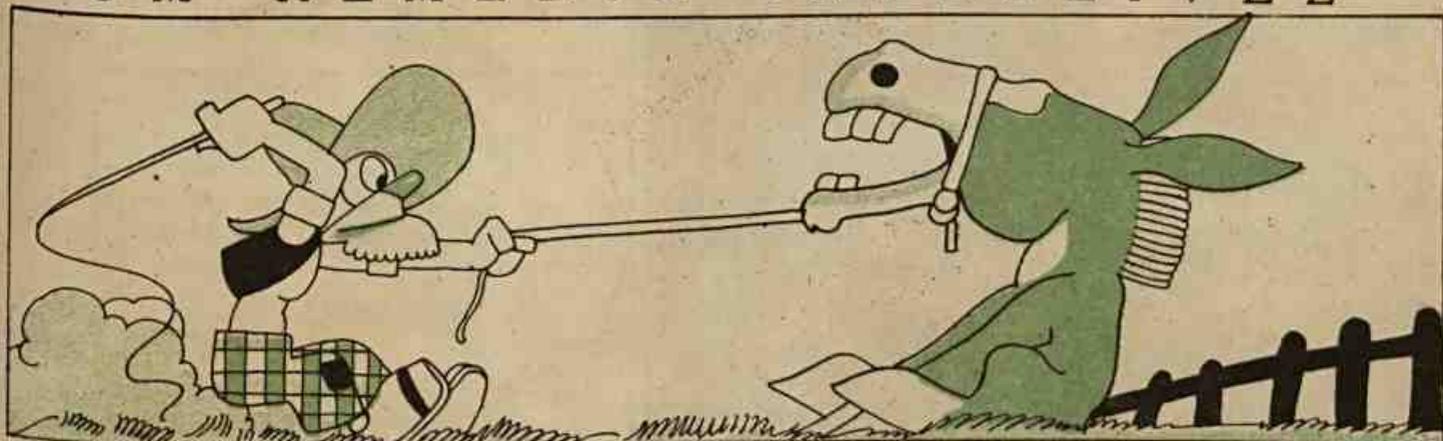
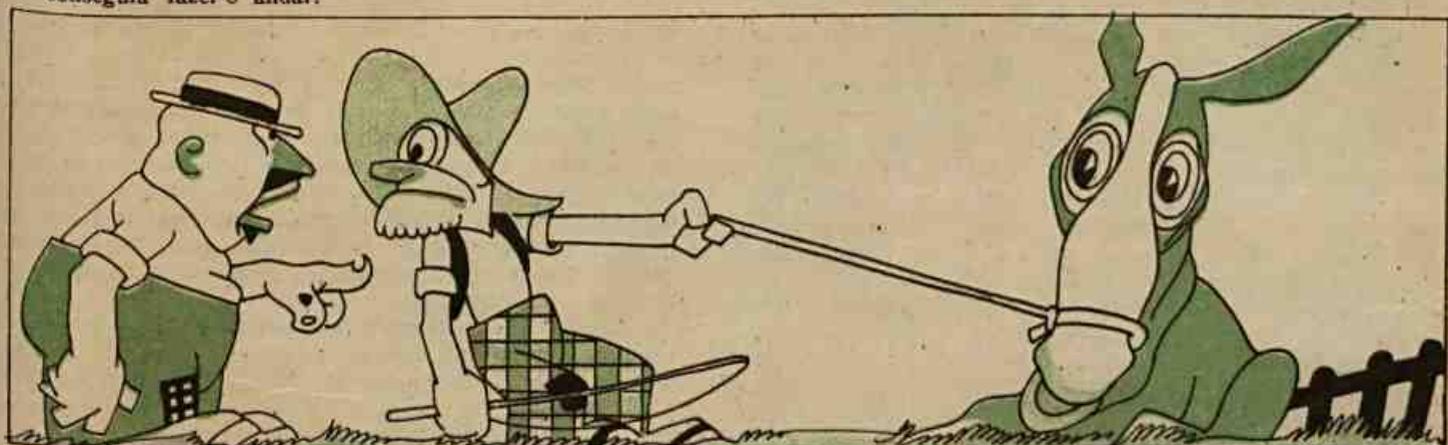
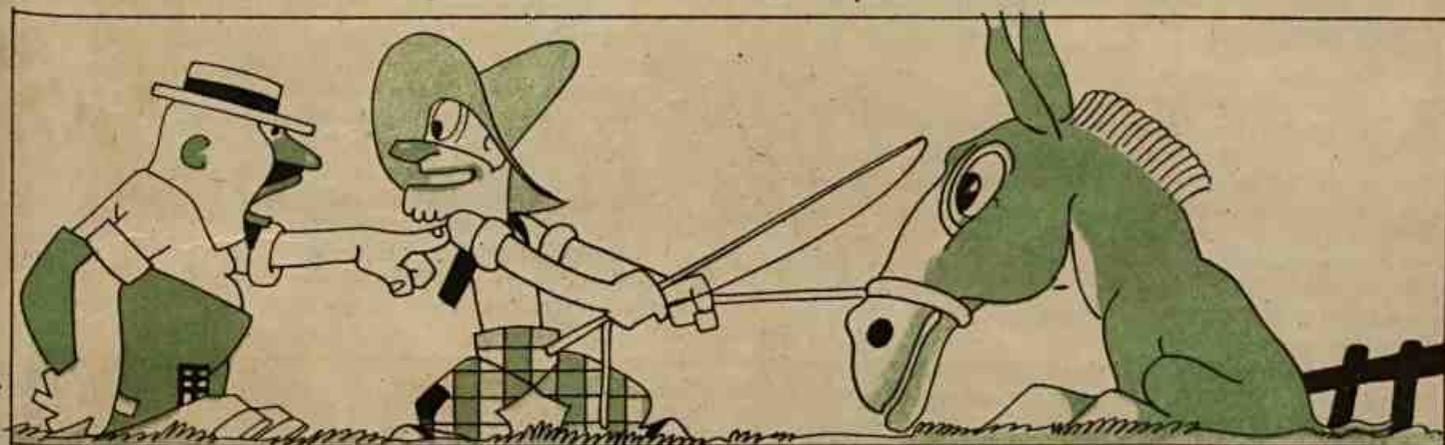
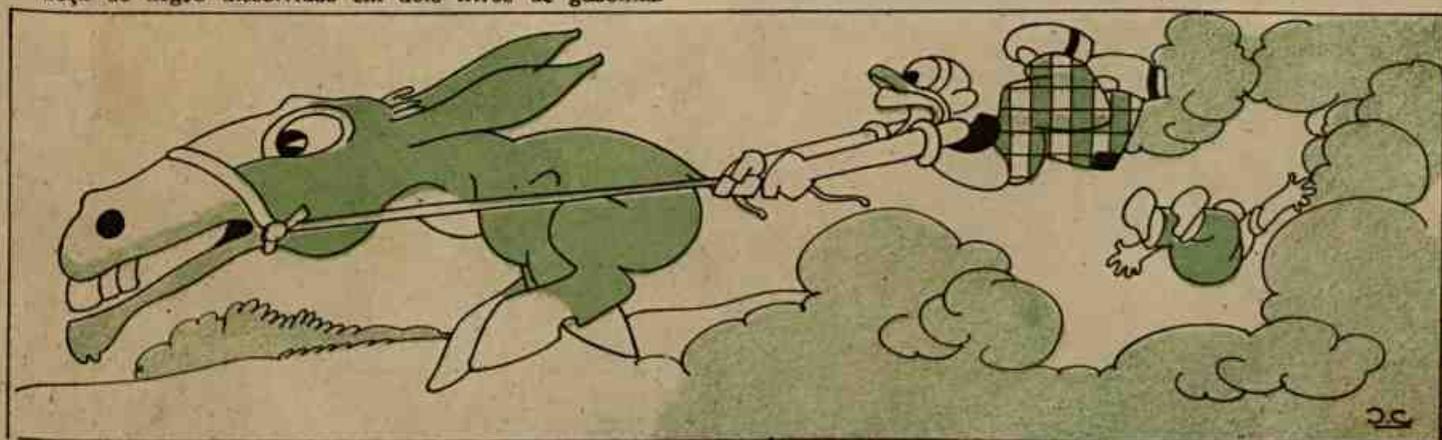
UM PREGO!

... só poude murmurar com difficuldade: — Bombeiro! Casa Carrapicho.

Seu Magalhães foi rapido ao telephone, impaciente, a brigar com a telephonista, que custava a dar a ligação pedida, conseguindo afinal o numero desejado.

Dentro em pouco, em vez de um bombeiro para soldar a caixa d'agua furada, atravessavam as ruas do bairro, em polvorosa, todos os carros do Corpo de Bombeiros.

UM AUTOMOVEL IMPROVISADO

Manduca e **Filoca** tinham muita vontade de andar de automovel; até tinham feito um com um caixote velho. Mas este automovel de taboas não andava sozinho.

Então **Manduca** teve uma idéa. Agarrou o avental de **Filoca**, que era encarnado, e prégou-o por traz do caixote.

Um boi que andava ali por perto avançou logo e começou a dar marradas no avental, com tanta força que, sem querer, fez correr o caixote, como um automovel de verdade.

UM REMEDIO INFALLIVEL

Mané Garapa tinha um burro que era um inferno! Quando dava para empacar nem o presidente da Republica conseguia fazel-o andar.

Uma vez o Zé Repolho encontrou o Mané Garapa atrapalhado com o burro e lhe disse:

— Eu tambem tinha um burro assim. Se tu queres fazel-o caminhar, dá-lhe todas as manhãs tres bombas cabeça de negro dissolvidas em dois litros de gazolina.

Foi um santo remedio. O burro abriu os olhos desmesuradamente, soltou um urro de pavor e partiu como um raio, arrastando na sua carreira Mané Garapa arrependido.

A PRINCEZA ESMERALDINA

MAGDA DONATO

Eram um rei e uma rainha que estavam muito tristes porque não tinham filhos. Por fim, receberam um dia uma menina preciosissima, sendo tal a sua alegria que o rei deu um salto tão grande que bateu com a cabeça no tecto, e a rainha adoeceu com a surpreza não tardando, porém, a restabelecer-se.

— E' necessario, disse o soberano, que a nossa filha seja um conjuncto de perfeições. Vamos dar-lhe por madrinha a nossa vizinha e amiga, a fada das esmeraldas para que lhe conceda toda sorte de dons.

Acto-continuo enviou uma importante delegação de ministros para convidar a fada a ser madrinha da princeza.

A fada das esmeraldas apressou-se a acudir, esplendidamente adornada e com soberba corôa de brilhantes verdes. Não obstante tanta elegancia e tanto luxo e apezar de vir commodamente sentada na sua carruagem de crystal verde, a fada não estava de muito bom humor.

— Tenho que me ir voando, disse, porque uma irmã minha, a fada Brilhantina, que vive na China, perdeu a sua varinha de condão e eu devo ajudal-a a procurar.

Não obstante, como queria muito aos seus amigos, os reis, dignou-se amadrinhar a recem-nascida.

Pôz-lhe o nome Esmeraldina, approximou-se do berço e murmurou algumas palavras rapidas. Depois, acceitou uns doces e um calice de vinho fino e desappareceu ao vôo do seu tiro de pombas verdes. Esmeraldina cresceu em idade, em belleza, em bondade e graça. Mas, ai! poucos annos eram passados e os paes observaram com espanto que a princeza era tão apalermada como bella, tão incongruente como graciosa, tão absurda como bôa.

As suas tropelias traziam assombrada toda a côrte. Tão depressa lhe accorria uma cousa, logo abandonava para pensar em outra, e ás vezes, punha em execução os mais estravagantes caprichos, sem reparar nas consequencias.

Suas majestades desesperavam-se.

— Esta nossa filha é parva, diziam.

Então, a ama da princeza que se achava junto ao berço quando a fada fez a sua visita, lembrou-se de a ter ouvido dizer:

— Dou-te a belleza, dou-te a bondade, dou-te a graça...

E algumas cousas mais, mas tinha a certeza absoluta de a não haver ouvido dizer:

— Dou-te o senso commum.

— Pois não procuraremos mais! — exclamou a rainha ante tão grave revelação. Esmeraldina não é parva, falta-lhe o senso commum.

— Parece mentira, expoz o rei com irritação, que a nossa amiga se tenha esquecido de uma cousa tão essencial.

— Deves-te lembrar da pressa que ella levava...

Enviaram uma nova delegação á fada para ver se havia maneira de arranjar aquillo, mas a fada estava na Conchinchina, onde havia sido chamada com urgencia pelas chapeleiras e chapeleiros do paiz, porque havia algum tempo que ali reinava uma epidemia perigosissima, a de nascer os meninos sem cabeça.

O rei, então, desesperado, procurou um ermitão seu amigo, que vivia no deserto. Esse homem passava por ser o maior sabio do reino, era tão velho que ninguem lhe sabia a idade, tinha sido amigo e conselheiro do pae do rei, do avô, do bisavô e até parece, que do tataravô.

O ermitão chegou ao palacio com um humor de mil diabos.

— Ha apenas cincoenta e seis annos, disse, que o teu pae se permittiu a liberdade de me mandar chamar para resolver não sei que conflicto de Estado. Agora, tu, voltas a incommodar-me. Comprehenderás que as minhas profundas meditações não podem ser interrompidas tão a miudo. Dize-me depressa o que desejas que não posso perder tempo.

— Grande sabio, disse humildemente o soberano, a minha filha não tem senso commum. Que devo fazer com ella?

O ermitão olhou attentamente a princeza, acaricando a barba, que lhe arrastava pelo chão. Franziu a sobrancelha, levou o dedo indice a fronte e, no fim em meio de um silencio, respeito-

so, disse com voz voz forte e solemne:

— Se não tem senso commum que o vá procurar!

Depois, retirou-se, deixando os soberanos e toda a côrte esmagados ao peso de tão profunda sentença.

Mas, Esmeraldina estava tão fresca, que fez uma pirueta e disse, a rir ás gargalhadas:

— E' boa! Vou procurar o senso commum.

— Estás louca? — gritou o rei escandalizado. Irás numa carruagem de gala, fechada e seguida por uma escolta de honra, outra que levará as provisões de bocca, outra que...

Mas, Esmeraldina não o ouvia. Colheu um pedaço de torta, metteu-a no bolso, sem duvida como demonstração do quanto que sabia ser previdente, e deitou a correr, tão rapida e ligeira, que foi impossivel alcançal-a.

Andou umas horas cantando e brincando, sem pensar em nada, segundo o seu costume, e chegou assim á margem de um rio. Sentiu, então, fome, e, tirando o pedaço de torta do bolso dispunha-se a leval-o á bocca, quando lhe cahiu uma migalha na agua. No mesmo instante uma centena de peixinhos acudiu logo a comel-a.

— Pobresinhos!... — murmurou Esmeraldina. Têm fome!

E, nem depressa nem devagar, migou toda a torta para o rio. Quando não tinha mais nada, notou que estava com mais vontade de comer que antes, e isto a surprehendeu. Não se demorou, porém, a pensar nesse phenomeno e pensou tão sómente: — Vou passar para a outra margem.

Como não tinha lancha, ou mesmo escaler ou bote, tirou um dos seus sapatinhos, deitou-o á agua, e sentou-se nelle.

Não se sabe se o sapato a levaria á outra margem. E' de suppôr que não. Felizmente, no mesmo momento, acudiram milhares e milhares de peixinhos em fileiras cerradas, rodearam a inculta princezinha e desceram-na sem damno algum ao fundo da agua, onde ella se foi encontrar perante um palacio de coral. Entrou resoluta, e viu, sobre um throno de perolas e sob um docel formado com algas marinhas um enorme e majestoso peixe.

— Sou o rei deste rio, disse o peixe. Ficaste sem a sua torta para dares de comer aos meus subditos. Em signal de agradecimento faço-te presente deste frasco. A agua que elle contém te alimentará como se fosse pão ou carne. Não a desperdices.

Em seguida, acudiram os peixinhos, rodearam-na e levaram-na até a margem opposta.

— Certamente, pensou Esmeraldina, tirando do bolso o frasco que o rei dos peixes lhe déra, ha de

(Termina no fim do numero)

O RATO E O CAXINGUELÊ

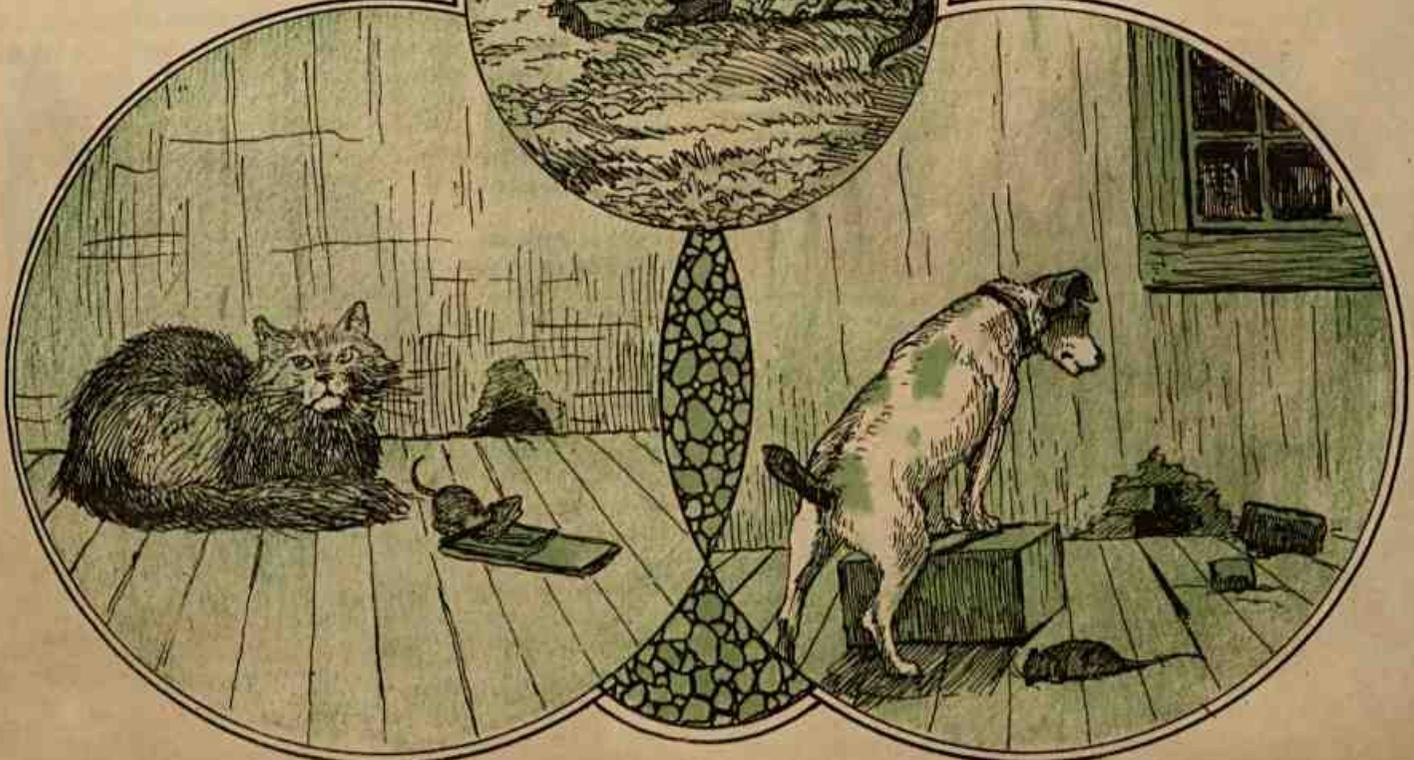
ESTAVA tranquillamente trepado um *serelepe*, caxinguelê ou esquilo, quando delle se approximou um rato domestico. O minusculo roedor vinha cansado, pois tivera de subir uma arvore muito alta para chegar ao serelepe. Este recebeu a visita do rato com certo agrado, porque nunca vira um rato em taes alturas. O rato, porém, admirou-se que o caxinguelê pudesse viver em tão *alta posição*, posto que, elle, rato domestico, vivia muito bem ao rez do chão...

— Não! — falou o caxinguelê, eu aqui estou livre do ataque dos inimigos, com a agilidade que possuo, salto de um galho para outro e mesmo de arvore em arvore e deixo o meu algoz de bocca aberta sem saber como perseguir-me; ao passo que tú, salvo os buracos onde te escondes, estás exposto a todas as desgraças!

— Não é tanto assim! — respondeu-lhe o rato. Lá por baixo onde vivo, tenho coberta enxuta, os buracos são excellentes habitações; salvo quando apparece a doninha ou o furão, que nos vae buscar lá dentro, sangra-nos o pescoço e... foi um dia um rato! Ha tambem os gatos e as ratoeiras, mas, cada um faz o que póde e escapa a tudo isso! O homem que tambem nos persegue inflinge a lei de Deus, que diz: "Não matarás"! Elle disfarça, pondo ao nosso encalço um gato, um cão rateiro ou uma armadilha, matando do mesmo modo, a nós, pobres viventes com direito á vida!

E como já vinha cahindo a tarde, o rato despediu-se do caxinguelê e voltou para a casa. Ao entrar, porém, para o buraco foi surprehendido por um "fox-terrier", que lhe esmagou as costellas.

O ARDIL DO SULTÃO

CONTO·ORIENTAL — DE·ALI·SADI

Como houvesse morrido Hassan, o grão-vizir do sultão Haran-Al-Raschid, deliberou este, certa manhã, escolher, em pessoa, um outro que o succedesse e lhe servisse tão bem, tão prudente e sabiamente como o seu fiel Hassan.

Porém, como?

Todos os seus subditos sempre lhe serviram com honestidade e maximo respeito e de nenhum o bom Harun-Al-Raschid tivera sequer a minima queixa.

Mas da bondade e disciplina á perspicacia e prudencia, grande é a distancia.

Certa manhã, entretanto, o sultão chamou tres dos seus tres servidores aos quaes, durante as suas observações severas, mais confiança lhe inspiravam.

E chamando cada um de per si, perguntou ao primeiro, apontando-lhe, em um tanque proximo, um objecto que ali fluctuava, o que vinha a ser.

O primeiro candidato olhou para o logar indicado e respondeu: — Aquillo, poderoso e magnanimo senhor, é uma laranja.

Despediu-o o sultão e chamou o segundo, a quem fez a mesma pergunta.

E o segundo candidato depois de olhar com mais attenção do que o primeiro para o objecto, respondeu:

— Saiba o portentoso e bom commendador dos Crentes que aquillo não passa da metade de uma laranja.

Com um gesto foi despedido o segundo candidato e o terceiro se approximou.

— Vamos vêr — disse o grande califa de Bagdad — se tu me respondes com acerto a pergunta que te vou dirigir.

E apontando com o dedo para o tanque como o fizera das outras vezes, perguntou-lhe:

— Que vês fluctuando dentro daquelle tanque?

O terceiro candidato olhou muito attentamente para o objecto e depois de algum tempo, em respeitoso gesto, respondeu:

— Sabio e poderoso Emil dos Crentes! aquillo "parece ser" a metade de uma laranja!...

— Allah Akbar! — Deus seja louvado! — exclamou o sultão. Estou satisfeito comtigo.

O primeiro candidato a quem eu fiz esta pergunta, me respondeu irreflectidamente: — é uma laranja.

Este homem seria um máo grão-vizir, porque não é observador nem prudente, e é precipitado nos seus julgamentos.

O segundo me garantiu que: — era a metade de uma laranja. Este é mais observador, mas é preguiçoso para analyzar e portanto para julgar tambem.

Agora o terceiro — que és tú — foi reflectido, prudente e sabio, porque não affirmou que "aquillo era"; disse apenas que "parecia ser"!

Encheste-me o coração de jubilo, juro-te pela santa pedra do Kaaba! Nunca devemos, meu filho, julgar tudo á primeira vista pela simples apparencia.

Das precipitações, nascem os grandes erros!

Muitas vezes um vulto no horizonte se apresenta aos olhos do máo observador como a sua felicidade ou a sua desdita e este vulto que o faz approximar ou fugir não passa de uma nuvem...

O homem prudente é um sabio, sempre está acompanhado, porque sempre está com a reflexão a seu lado!

A prudencia é para o homem discreto a chave da felicidade!

Vae, meu filho! Que Allah seja comtigo! E's de hoje em deante, o meu grão-vizir, o digno successor do meu saudoso Hassan!

E assim dizendo, o sultão Harun-Al-Baschid se retirou para os seus aposentos e em pouco tempo, transformado em mendigo, sahia para colher o que delle dizia o povo de Bagdad...

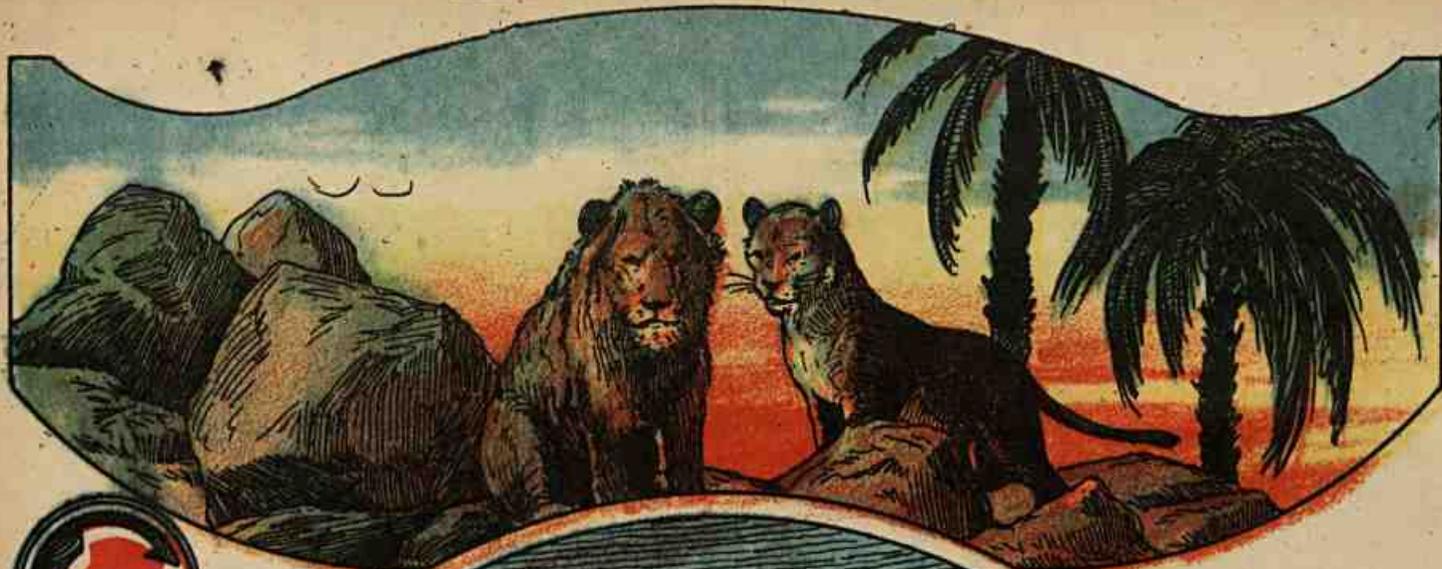
◆ ◆ ◆

A prudencia é uma virtude que se deve cultivar.

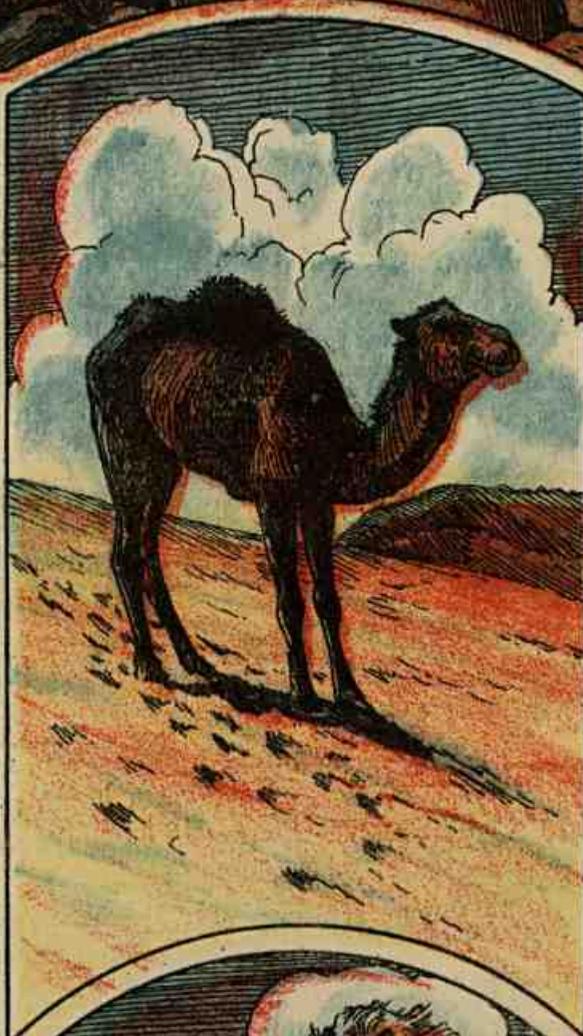
◆ ◆ ◆

Não julgues sem primeiro observar attentamente.

DESENHO de CICERO·VALLADARES

O ULTIMO CAMELLO

COM as orelhas empinadas, um casal de leões, do alto de uma pedreira, observava os gestos de um camello desgarrado nas areias do deserto. Este, despreoccupado, longe de imaginar o perigo que o ameaçava, caminhava descuidado, ora parava sobre as areias quentes e sob um sol ardente, ora sacudia os pellos para refrescar o couro do calor abrasador.

Ali perto havia um oasis e o camello receiava approximar-se delle com medo de encontrar inimigos.

Elle vinha de longinquas paragens e ali ficara, tendo escapado do Simonn onde morreram os outros camellos da caravana e seus guias.

Mal sabia elle que sobre as pedras já o casal de leões estava á sua espreita.

De repente, um formidavel urro fêl-o estremecer e sem que tivesse tempo de fugir, viu galopar para elle um leão. Por espirito de conservação, o camello fugiu e ainda por algum tempo julgou escapar da morte. O leão, porém, dando saltos formidaveis conseguiu alcançal-o, partindo-lhe o espinhaço com uma patada.

Dentro em pouco o casal de leões saciavam o seu instincto sanguinario nas carnes palpitantes do unico camello que escapára da caravana soterrada pelo Simonn, com as areias quentes do deserto.

A. ROCHA.

A. ROCHA

O NOVO ANIMAL

(Conto de Viriato Corrêa)

Foi o Sagui quem chegou com a novidade, na capital do reino dos bichos.

Havia um animal novo sobre a terra!

Nessa tarde commentou-se a nova, por toda a cidade; nas esquinas, nas pharmacias, nos cafés, todo mundo falava daquelle novo bicho que o Sagui dizia ter visto para além dos arredores, á sombra de uma arvore.

Um jornal da noite trouxe, em columnas abertas, com titulos garrafaes, uma longa entrevista com o Sagui, em que elle descrevia affoita e imaginosamente o novo animal que vira, cheio de surpresa e assombro, na manhã daquelle dia. A entrevista fez barulho, o jornal exgotou a sua edição naquella noite, rapidamente.

E, quando no club, o Sagui entrou, todos os bichos correram para elle, a pedir minudencias da noticia.

O Sagui não cabia em si de contente, vibrando pela commoção de ser o animal do dia.

— Conta lá isso, pediu a Onça.

E elle, pequenino, trefego, piscando muito os olhos, lambendo os beicinhos, saltou para cima de uma mesa e contou.

Pela manhã tinha ido ao campo respirar um pouco de ar, como lhe receitara o medico, para o pulmão. E, como o ar estivesse fresco, o dia alegre e azul, foi andando, até que se afastou dos arredores e, como se sentisse cansado, sentou-se á sombra de uma arvore para respirar. Ahi estava distrahidamente a mastigar uma fructa, quando os seus olhos descobriram lá numa outra arvore, sob a copa, um vulto qualquer que se não movia. Deixou a fructa, deixou tudo e esticou o pescoço, espiando.

O vulto não se mexeu. Concertou a garganta, fez barulho, moveu galhos de arvores. Nada — o vulto, nem um movimento. Approximou-se então e, como lhe viesse um certo receio, galgou o ramo de uma arvore e espiou. Era um animal exquisito, extranho, de um longo pescoço preto, fino, muito comprido, um animal como elle nunca tinha visto e de que nunca ouvira falar.

Então para saber o que era aquillo, atirou uma pedra. A pedra não o alcançou, mas cahiu perto. O bicho não se moveu.

— Para mim, elle ou estava dormindo ou estava morto, concluiu o Sagui.

A Preguiça fez considerações. Talvez o animal estivesse cansado e, alli á sombra, repousava da canseira.

— Talvez estivesse de tocaia, lembrou a Onça.

— Seja como fôr, meus amigos, disse o Tigre, pelo que nos conta o compadre Sagui, trata-se de um animal novo, um animal desconhecido. Precisamos conhecel-o.

— Sua magestade o Leão deve mandar pôr essa historia a limpo, considerou o Tamanduá.

Chegava ao Club uma missiva do palacio do rei Leão. Sua magestade tinha lido a entrevista do jornal da noite, e convidava o Sagui a dar-lhe esclarecimentos.

O Sagui não se fez esperar, estourando de contentamento por aquella distincção do paço. Todos os socios do club acompanharam-no ao palacio, a multidão das ruas acompanhou-o tambem.

Sua magestade havia dado grande importancia ao caso. O ministerio reunira-se em peso, palacianos, politicos, toda a côrte, lá estava em roda do rei, como si se tratasse de um acontecimento extraordinario.

E, quando o Sagui entrou, foi o Leão quem primeiro lhe falou.

— Ao que acabo de saber, viste um animal novo sobre a terra. Todos os animaes eu os conheço e me prestam obediencia. Não ha um só no mundo que tenha a coragem de desconhecer-me como rei. Conta lá o que viste.

O Sagui narrou a mesma historia que centenas de vezes naquelle dia havia contado na cidade, a mesma que contára no club, quasi a mesma que o jornal publicara.

— E como é esse animal? — perguntou o rei.

— Comprido, com pescoço muito longo e muito esguio.

— Tem pés?

— Não. Pescoço, apenas. Um buraco na extremidade que me pareceu ser a bocca.

— Só?

— Parecia ter um dedinho curvo que estava levantado, isso junto da base, perto da cauda.

— E tem cauda?

— Tambem não. Atraz é mais largo do que na frente, mas não tem nenhum signal de cauda.

— O Leão pensou, pensou e sentenciou:

— Não conheço nenhum animal assim. Precisamos pôr essa cousa a limpo.

E deu ordens para que no dia seguinte uma commissão de investigação partisse, guiada pelo Sagui, a ver que animal era aquelle tão desconhecido e exotico.

A commissão partiu pela manhã. Ao meio-dia voltou. A cidade esperava-a, ansiando de curiosidade. Mas a commissão pouco adiantara. Era verdade, sim, que o bicho existia tal o Sagui o descrevera, mas ninguem sabia qual o animal, porque não houvera quem tivesse coragem de approximar-se. Mas a commissão era unanime em affirmar que o bicho estava morto.

A' tarde os jornaes vinham cheios de noticias sobre o caso. Um delles dizia que o pescoço do animal tinha seis metros de comprimento e que o tal dedo curvo de

que faltava o Sagui era uma enorme tromba, em fórma de gancho.

O Leão assentou que ao outro dia uma commissão de naturalistas e sabios fosse ao logar indicado, estudar que especie de bicho era aquella. A commissão foi e, para grande espanto da cidade e da primeira commissão, trouxe a noticia de que não havia animal algum naquelle logar, nem nas visinhanças.

Era um signal evidente de que o bicho que existia, de facto, (porque não se podia duvidar da honestidade da primeira commissão) estava vivo.

Sua magestade ordenou que a commissão de sabios e naturalistas voltasse na outra manhã para procural-o. Mas no dia seguinte a *Tromba do Seculo*, jornal dirigido pelo Elephante, o mais importante do reino, em artigo de fundo, commentou sisudamente o acontecimento. Para a *Tromba*, o novo animal existia. Existia e estava vivo e, como não se lhe conhecia ainda a ferocidade, não era nada prudente o Leão arriscar a commissão de sabios a um perigo, que podia ser fatal. E o artigo concluia dizendo que, em vez de uma commissão de naturalistas, sua magestade devia enviar um exercito para dar caça ao novo habitante do reino animal.

Sua magestade ouvia sempre a prudencia da *Tromba do Seculo* e, nessa mesma manhã, ordenou que as forças que guardavam a capital do reino se preparassem para dahi a tres dias dar busca nas florestas.

A' tarde, o acontecimento tomou mais vulto. Soube-se que o Leão decidira-se a partir á frente das tropas.

E assim foi. Tres dias depois, ao clarear da manhã, cornetas e tambores enchiam a cidade de sons e, á frente do exercito, no seu carro, lá ia o Leão, de juba levantada, solemne e poderoso na magnificencia da sua realeza.

Perto da arvore que o Sagui indicava não havia animal algum. O rei então dividiu os batalhões por aquellas redondezas a procurar.

Foi para além do meio-dia que o Sagui veiu avisar que, a uns duzentos metros dalli, entre duas toiças, o novo animal dormia. Foram dadas ordens ás tropas para que cercassem as toiças e o Leão, descendo do seu carro, caminhou guiado pelo Sagui.

O ministerio e os palacianos vieram aconselhar-lhe que não se arriscasse assim a qualquer imprevisto. O rei dos animaes fitou-os com um grande gesto de quem está acima de tudo.

— Deixem-se de historias.

E seguiu para o logar indicado pelo Sagui.

— E' alli.

O Leão lançou os olhos para o que havia entre as duas toiças. O que havia era apenas uma espingarda, posta em armadilha pelo homem. Era a primeira vez que apparecia no reino; era a espingarda que os bichos estavam a pensar que fosse um animal novo.

E o Leão, encrespando a juba, deu dois passos á frente e, roncando dentro do seu valor de rei, gritou:

— Novo e exquisito animal, cá está o teu rei, vem prestar-lhe a homenagem que todo o reino deve á sua pessoa!

A espingarda não fez um movimento.

O Leão continuou:

— Não ouves? Estás zombando do meu poder, ou a morte acabou com teus movimentos? Estás vivo ou morto? Fala!

A espingarda conservou-se no mesmo logar, sem o menor estremeção.

O Leão fitou-a por muito tempo ainda como que á espera de uma resposta, e, depois, voltando-se para a sua côrte que o cercava, exclamou:

— Está morto e bem morto. Podem tocal-o.

A commissão de sabios e naturalistas approximou-se da espingarda. O povo, a soldadesca que acompanhava o rei, approximaram-se tambem. O Coelho, que no reino dos bichos creara nomeada com a publicação de uma memoria sobre os animaes pre-historicos, foi quem primeiro tocou o animal. Vieram os outros sabios: o Tatu', a Lebre, o Tigre, o Tucano, a Cobra, o Kagado, o Lobo, etc. O Coelho metteu o dedinho no cano da espingarda, voltou á culatra, examinou, examinou, e depois chegou-se aos collegas:

— E' uma especie inteiramente nova. Antes do diluvio não existia.

A opinião era de valor.

A multidão foi afastada alli de perto para não perturbar o trabalho dos sabios. Calculos foram feitos, mappas desenrolados, opiniões debatidas, mas até á tarde os sabios não sabiam ainda de que animal se tratava.

Ao cahir do sol, o Leão que o resto da tarde estivera a dormir á sombra, veiu até onde os naturalistas trabalhavam.

— Afinal de contas que bicho é? perguntou.

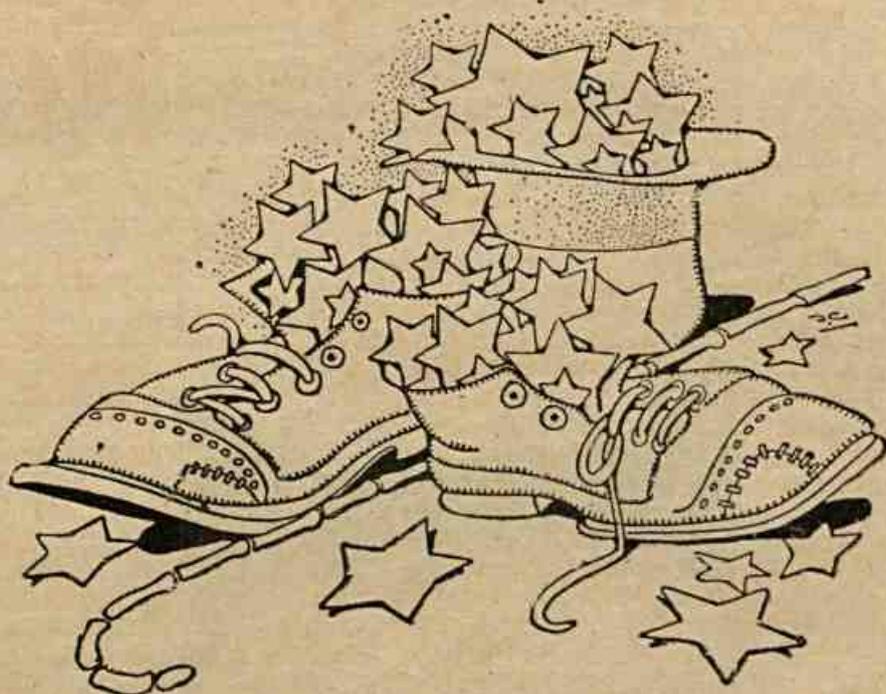
— Não sabemos ainda, magestade. Trata-se de um ser que não se conhecia na época ante-diluviana, respondeu o Tatú.

O Leão quiz ver o animal de perto. E approximou-se. Sentou-se nas patas de traz, baixou a cabeça, e poz-se a olhar pelo buraco do cano.

Nesse momento o Coelho, investigador, probo no seu saber, examinava minudentemente o tal dedinho curvo de que falava o Sagui. Era o gatilho.

O gatilho cedeu. Um estrondo, um susto, uma onda de fumaça pelo ar. O vulto enorme do Leão tombou para traz, ferido.

A multidão, os sabios, os exercitos, sahiram a correr, numa debandada tonta.

E pelo reino dos sabios espalhou-se que apparecera um novo animal na terra, tão temido e tão feroz que só com uma cusparada matara o Leão, elle o Leão, o rei, o soberano, o senhor de todos os bichos, e que por bicho algum tinha sido vencido ainda.

NATAL

Lentamente, passo a passo, por este velho caminho da vida, onde nos encontramos e onde nos perdemos, novas miragens e novas idéas vão acordando em nós, tornando-nos tão differente agora do que eramos ha pouco, do que seremos depois, que o nosso conto, o conto do nosso destino, é um romance longo, longo, já impossivel de ser bem lembrado...

Esquecer, eis a palavra do tempo.

Mas, ha alguma coisa que se fez saudade na nossa alma, e que volta sempre, quasi igual, com a mesma fórma, senão com a mesma luz; alguma coisa de mais longe, de um passado mais remoto, do milagre da infancia, do mysterio dos primeiros annos...

O encanto das vésperas do Natal, por exemplo.

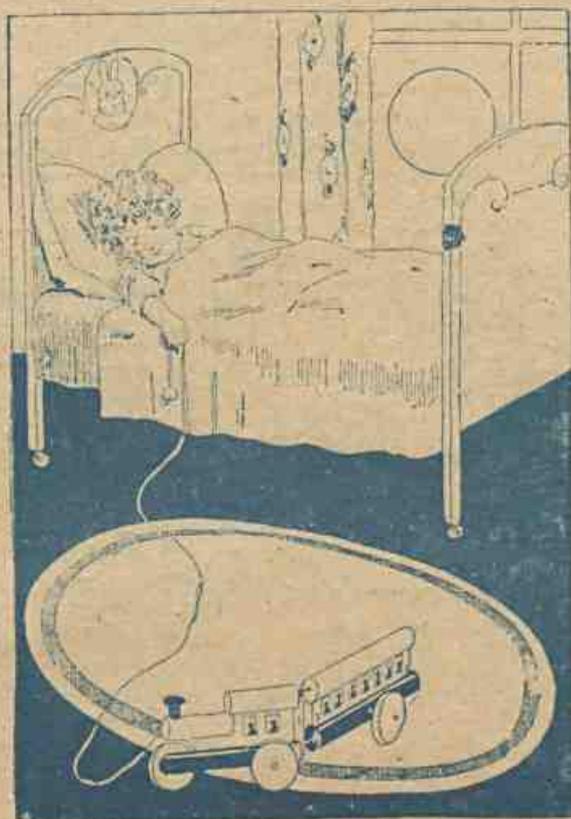
No mundo chamado christão, existirá alguem que não ame o Natal, que não n'o recorde, todos os dezembros, e não se aparte dos enfaros quotidianos, tocado pela graça destas horas ingenuas e consoladoras?

O Natal é a festa dos simples, dos humildes, dos pequenos. Quando o evocamos, resurgimos assim. Uma bondade unanime nos toma. Uma sympathia por tudo e uma confiança em tudo nos reunem, junto de Deus, aos nossos irmãos da terra. Instinctivamente, o cantico de São Francisco de Assis abre as azas em nosso coração: "Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas creaturas!"

E, se não collocamos, na noite linda, os nossos sapatos á janella, com medo talvez de achal-os vasios, ao vir do sol, nem por isso o dia piedoso amanhece em vão... Vaga uma felicidade na natureza. A claridade é mais radiosa. Os sinos cantam com voz mais alta, mais pura. As arvores, as aguas, as nuvens têm esplendores de primavéra. No chão, no ar, os animaes e as aves parece que vão abençoando a sua sina, com signaes de esperança e de prazer. As creanças abraçam, maravilhadas, os brinquedos que lhes trouxéram do céo... Os velhos abrem nos olhos uma admiração profunda...

Natal! Natal! Qu'importam os desentendimentos, as miserias, os pezares que nos desviam! Na belleza que nos circumda e nos envolve, descobrimos outros sentimentos, outros pensamentos. Dentro de nós despertam adormecidas verdades. Mudam-se as folhas do nosso sonho... As folhas mortas cáem silenciosas na memoria...

Cada Natal que parte nos deixa menos sós...

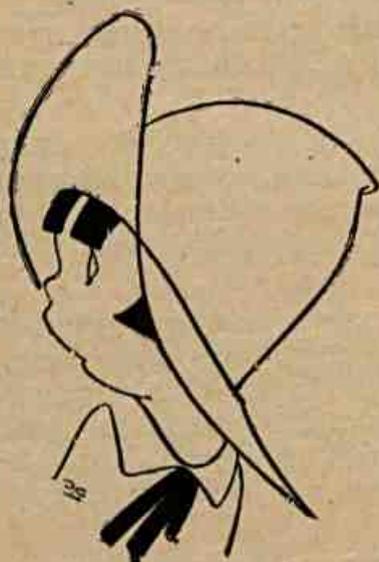
ALVARO MOREYRA

O somno de João

O João dorme... (O' Maria,
Dize áquella cotovia
Que fale mais devagar:
Não vá o João acordar...)

Tem só um palmo de altura
E nem meio de largura:
Para o amigo orangotango
O João seria... um morango!
Podia engulil-o um leão
Quando nasce! As pombas são
Um poucochinho maiores...
Mas os astros são menores!

O João dorme... Que regalo!
Deixal-o dormir, deixal-o!
Calae-vos, aguas do moinho!
O' Mar! fala mais baixinho...
E tu Mãe! e tu, Maria!
Pede áquella cotovia
Que fale mais devagar:
Não vá o João acordar...

O João dorme, o Innocente!
Dorme, dorme eternamente.
Teu calmo somno profundo!
Não acordes para o Mundo,
Póde levar-te a maré:
Tu mal sabes o que isto é...

O' Mãe! canta-lhe a canção,
Os versos do teu irmão:
"Na Vida que a Dôr povoa,
Ha só uma coisa boa,
Que é dormir, dormir, dormir...
Tudo vae sem se sentir."

Deixa-o dormir, até ser
Um velhinho... até morrer!

E tu vel-o-ás crescendo
A teu lado (estou-o vendo
João! que rapaz tão lindo!)
Mas sempre, sempre dormindo...
Depois, um dia virá
Que (dormindo) passará
Do berço, onde agora dorme,
Para outro, grande, enorme
E as pombas que eram maiores
Que João... ficarão menores.

Mas para isso, ó Maria!
Dize áquella cotovia
Que fale mais devagar:
Não vá o João acordar...

E os annos irão passando.
Depois, já velhinho, quando
(Serás velhinha tambem)
Perder a côr que, hoje, tem,
Perder as côres vermelhas
E fôr cheinho de engelhas,
Morrerá sem o sentir,
Isto é, deixa de dormir:
Acorda e regressa ao seio
De Deus, que é d'onde elle veio...

Mas para isso, ó Maria!
Pede áquella cotovia
Que fale mais devegar:
Não vá o João acordar...

A N T O N I O   N O B R E

IGOR, O PEQUENO CAMPONEZ

Milton era um pobre camponez russo, que tinha dez filhos. Como elle era muito pobre, e além disso, ainda tinha que trabalhar para o senhor das terras em que vivia, as creanças tambem trabalhavam, fazendo serviços pesados, mas isso não impedia que na choupana reinasse a maior miseria.

Eram, no entanto, creanças robustas, menos o pequeno Igor, que tinha sete annos.

Igor era o bode expiatorio da familia. Dotado de viva intelligencia, conseguira aprender a ler sózinho, num velho livro que encontrára a um canto, abandonado, pois na familia nem mesmo seu pae sabia ler.

Não se comprazendo com os trabalhos exhaustivos, elle vivia pelos cantos, a rabiscar letras na terra ou a escrever com carvões em pequenas taboinhas.

Cada vez que seu pae o encontrava distrahido na sua occupação favorita, Igor era severamente reprehendido e raramente escapava de pancadas.

Naquelle anno, o inverno estava sendo muito rigoroso. As magras colheitas tinham vindo aggravar a miseria, e a situação da familia de Milton era extremamente penosa.

Igor via todo o dia o seu pedacinho de pão negro disputado pelos irmãos, que chegavam a accusal-o como responsavel pela penuria que a familia soffria. Diziam-lhe que elle não trabalhava como elles, e por isso não tinha o direito de comer!...

Igor não tinha ninguem que o defendesse, pois sua mãe tinha morrido no inverno passado e elle era fraco e franzino, emquanto que os irmãos eram robustos e fortes.

Um dia, acossado pela fome, Igor apoderou-se de um pedaço de pão, ração de toda a familia para uma refeição e fugiu para a floresta.

Satisfeita a fome, teve medo de voltar para a choupana, pois sabia o que alli o esperava.

A noite começou a cahir; a neve cobria e igualava tudo com o seu branco lençol; e os lobos começaram a uivar. .

Igor tanto correu, que cahiu sem sentidos na neve. Nesse logar, estavam de emboscada tres bandidos, á espera de algum viajante desprevenido, para o saquearem.

Quando o pequeno cahiu, elles o rodearam e um delles quiz dar-lhe qualquer cousa para beber, afim de o reanimar.

— Não faças isso — replicou o outro — daqui a pouco ha de passar por aqui o trenó do Barão, que vem da cidade. Elle sempre costuma trazer muito ouro comsigo. Deixemos o pequeno no caminho. Certamente elle ha de ser visto, e quando o Barão e seu criado descerem do trenó para soccorrel-os, nós teremos uma boa occasião de surprehendel-os.

O plano foi achado magnifico Os bandidos abandonaram Igor no meio da estrada, e foram se esconder atraz das arvores.

Igor ouvira o plano dos malfeitores; fez alguns esforços para levantar-se, mas o o frio lhe entorpecia os membros e elle tornou a cahir. Nesse momento começaram a se ouvir as campainhas do trenó e duas luzinhas foram se approximando rapidamente.

De repente o cocheiro solta um grito de espanto, e pára rapidamente o vehiculo. O Barão e o criado iam apear-se em soccorro do menino que viam estendido na estrada, quando Igor, num esforço supremo, conseguiu pôr-se de joelhos e gritar: — Senhor! Senhor! os ladrões... Não desçam! Uma emboscada...

Os banddos, pensando que seu plano surtia bom effeito, já sahiam de seus esconderijos. Mas o Barão e o cocheiro, prevenidos pelos gritos de Igor, armaram-se de seus revólveres. O troteio foi rapido; os bandidos, vendo um dos companheiros cahir morto, fugiram; mas o pobre Igor ficara cahido na neve, prostrado por um tiro.

O Barão pulou rapidamente do trenó, e vendo que o pequeno ainda vivia, tomou-o nos braços e voltando para a carruagem, gritou para o criado:

— Volta para a cidade, Popoff, a toda brida! Certamente havemos de encontrar lá um cirurgião; este pequeno salvou-nos a vida!...

Grande foi o espanto do estalajadeiro, quando viu entrar pelo seu estabelecimento o poderoso Barão, que tão pouca importancia dava aos servos, trazendo nos braços um pequenino camponez ensanguentado e gritando que chamassem um cirurgião.

Igor foi tratado com desvelo e carinho. E quando restabeleceu-se o Barão levou-o para seu castello.

Igor, quando o Barão o interrogou para saber de onde era e quem eram os seus paes, receiando que o Barão o fizesse voltar para a choupana, onde sabia o castigo que o esperava, disse que era orphão e que não tinha familia...

A principio seu protector o empregava em pequenos serviços, mas pouco a pouco o Barão foi conhecendo a viva intelligencia do pequeno.

O Barão o encarregara de limpar e arrumar os livros de sua vasta bibliotheca, e muitas vezes Igor era surprehendido a ler algum livro. Perguntando quem lhe havia ensinado a ler, o Barão muito se admirou em saber que elle havia aprendido sózinho. Resolveu então mandal-o para um collegio. Collocou-o á sua custa na melhor Universidade da capital, onde Igor revelou tal applicação aos estudos, e sua intelligencia se desenvolveu de tal maneira, que no fim de quatro annos o Barãão satisfeito com as informações que tinha de seu protegido, resolveu mandal-o a Moscou, para estudar medicina, sciencia para a qual Igor demonstrava grande inclinação Antes de partir para Moscou, Igor veiu para o castello passar o inverno com seu protector. O frio era rigorosissimo e a estação tal, como

LIBERTADOR DAS AVES

Apanhadas de surpreza,
contra as leis da natureza,
as pobres rôlas sem sorte
lá vão, lá vão conduzidas
ao captiveiro ou á morte.

As pobres rôlas... coitadas!,
perninhas e azas atadas,
não soltam siquer um pio!
Foram roubadas dos ninhos,
onde a prole sem carinhos,
ficou de fome e de frio
tiritando...
chorando...

Leva-as um adolescente
unico, mas inconsciente,
autor de tanta maldade.
Se a mãe perdesse algum dia,
só então aprenderia
o que é soffrer na orphandade.

Fosse o filho quem morresse,
e a mãe chorava por esse,
como a mãe dos passarinhos.
— Filho ou orphão, não prosigas!
Por que, menino, castigas
as innocentes dos ninhos?

Mas eis que na estrada assoma
Francisco, que vem de Roma,
e approximando-se, ao vel-as,

as pobres rolas, coitadas,
perninhas e azas atadas,
enternece-se por ellas,
rezando...
chorando...

As pobrezinhas fitaram
o Pobrezinho e choraram...
e o menino tambem chora...
No capuz, como em sacola,
Francisco recebe a esmola
das aves, livres agora!

Suffocado pelo pranto,
o menino, aos pés do Santo,
redime o crime nefando
e corre em busca dos ninhos,
a salvar os orphãozinhos,
chorando...

Ao chegar ao seu aprisco,
em frente á porta, Francisco
finca no chão o cajado.
Este enraiza-se, viça,
folhas e galhos eriça
e faz-se roble copado.

Do milagre para prova,
nos galhos da arvore nova,
das rôlas o alegre bando
encontrou os proprios ninhos,
e nelles os seus pombinhos
cantando!

AUGUSTO DE LIMA.

---

no anno em que Igor fugira de casa; era penosa para os camponezes.

Igor, no conforto e na abundancia em que vivia, começou a se lembrar de seu pae e seus irmãos, e teve remorsos de tel-os abandonado. Vivia por isso muito triste.

Ao vel-o mergulhado naquella tristeza, o Barão começou a incommodar-se, pois tinha por elle grande estima e amizade.

Afinal, Igor confessou que faltára á verdade, apavorado com a idéa de ter de voltar para a choupana, e soffrer o castigo da má acção que commettera. Agora tinha remorsos de estar na fartura e na abundancia, emquanto os seus haviam de estar soffrendo a fome e o frio.

— Fizeste muito mal, meu filho — disse-lhe o bondoso protector; fizeste mal, porque mentiste e por isso privaste a tua familia do auxilio que certamente eu lhe levaria, em consideração a teres me salvo a vida.

Vejo, porém, com satisfação, que foi um pavor momentaneo e não um egoismo mão que occasionou o teu gesto infeliz. Manda preparar um trenó e carregal-o com tudo que fôr necessario. Não devemos tardar um momento em soccorrer a tua familia.

Igor, chorando de alegria e gratidão, ajoelhou-se aos pés de seu protector, beijando-lhe as mãos.

O espanto de Milton e de seus filhos a verem parar á porta da pobre choupana um rico trenó, puxado por quatro cavallos brancos, foi enorme. Delle sahiram duas personagens, um velho e um rapazinho, vestidos de ricas pelles. Um criado, tambem agasalhado, fizera uma grande reverencia, curvando-se até o chão ao abrir a porta do trenó.

Igor trepidava de impaciencia, por ser lançar nos braços de seu pae, mas o Barão fez-lhe um signal para que se contivesse e o deixasse falar.

Começou bondosamente por indagar do camponez, quantos filhos tinha e como vivia com sua familia.

— Ah! excellencia, tenho muitos filhos e a vida para o pobre é muito dura; mas assim mesmo eu choro e lamento o meu pequeno Igor, que os lôbos devoraram ha já alguns invernos. Igor, senhor, havia de ser um sabio algum dia, pois aprendera a ler sózinho num velho livro de orações que encontrára um dia na igreja.

Igor não se contendo, lançou-se chorando nos braços do pae.

O Barão contou, então, ao camponez, como encontrára Igor e como este lhe salvára a vida. O protector de Igor levou comsigo Milton e seus filhos e collocou-o como administrador em uma de suas fazendas, onde elles viveram na paz e na abundancia.

Igor estudou medicina e tornou-se um grande sabio, chegando a ser o medico do Imperador, que o condecorou muitas vezes, dando-lhe o titulo de conde.

Com grande alegria do Barão, que deixou-lhe todos os seus bens, mais tarde Igor casou-se com a sobrinha de seu protector.

Na provincia em que nasceu, Igor foi um grande protector dos camponezes, que nelle achavam sempre auxilio para as suas necessidades. E, graças á sua protecção, alguns de seus irmãos entraram para o exercito, onde chegaram a ser officiaes; outros arrendaram terras e tornaram-se prosperos lavradores. Toda a familia viveu d'ahi em deante no conforto e na felicidade

DECORAÇÕES

Em todos os tempos e em todos os paizes, o reino animal tem fornecido ao homem optimos exemplares e primorosas suggestões para desenhos de ornamentação. Os antigos egypcios tinham notavel preferencia na decoração dos palacios e monumentos pela aza dos passaros, notadamente do abutre.

O boi, o cavallo, o cão eram animaes que sempre appareciam nas decorações dos egypcios. Os romanos tinham preferencia pelo craneo do touro, symbolo de fortaleza na luta pelos lobos e pelas aguias. Os indús do Oriente adoravam as decorações onde appareciam as cabeças de elephante e utilisavam desenhos representando peixes, cobras e lagartos nos seus motivos ornamentaes.

Nos dias que correm o reino animal, mais do que nunca, offerece primores de ornamentação, principalmente ao vestuario feminino. Pode-se dizer que desde o sapato ao chapéo, a dama elegante de hoje utilisa recursos do reino animal. No sapato traz a pelle da cobra, na meia a sêda animal, o bezourinho encastoado em ouro no broche, a pelle da raposa no agazalho, a aza do passaro no chapéo, o marfim nas varetas do guarda-chuva.

A ASTUCIA NEM SEMPRE VENCE

LENDA ARABE

O Leão, o Rei dos animaes, tinha por Grão-Vizir um boi pachorrento e cauteloso.

Os negocios do reino, embora lentamente, marchavam com segurança. Todos os animaes gabavam o ministro poderoso, que sabia fazer justiça a todos. Só o chacal não o via com bons olhos, porque invejava a sua posição, e a consideração que todos os animaes tinham ao boi Grão-Vizir; emquanto elle que se julgava astuto e intelligente, era desprezado por todos, que o accusavam em voz baixa por trahir muitas vezes o retiro dos animaes, servindo de guia ao Leão nas suas caçadas.

Certa vez, sua Magestade, o Leão, não podia conter o seu máu humor, que manifestava com formidaveis urros.

Embora tivesse levado toda a noite a caçar, não conseguira matar nem um simples coelho. Appareceu nesse momento o compadre chacal, que conservando-se á distancia respeitosa, por deferencia, dizia, mas tambem por precaução... pois sabia que a fome é má conselheira:—Magestade, Magestade, tenho estado toda a noite a rebater a caça para o lado de vossa Grandeza, mas sem querer o boi o Grão-Vizir com o barulho que faz com seu passo pezado tem estragado todo o meu trabalho.

No emtanto, eu descobri um bello veado que está a beber na margem do rio; fique vossa Magestade por aqui, que eu vou imitar a vossa voz trovejante, e espantal-o para o vosso lado.

O chacal attravessou o rio e envez de imitar os urros do Leão, imitou o mugido do boi.

O veado ouvindo o mugido do boi e sabendo onde este andava, por ali havia de estar o Rei dos animaes, fugiu para o outro lado, o que vendo, o chacal começou a urrar como o leão, o que levou o veado a fugir mais depressa ainda.

Algum tempo depois o chacal voltou á presença do Leão, fingindo-se muito cançado.

— Aquelle desastrado lembrou-se de mugir, e espantou a vossa Real caça; não foi de proposito, não creio que elle ousasse. Mas por causa d'elle creio que vossa Magestade terá que passar fome; a não ser que... mas que ia dizendo Deus me livre; é assim que muitas vezes a minha dedicação por vossa Magestade tem me attraido a vingança dos poderosos; e, o boi Grão-Vizir é um dos mais poderosos senhores da côrte de vossa Magestade.

— Manda-o cá, amigo, responde o Leão preciso ter com elle uma conferencia sobre negocio importante de meu reino.

O chacal correu presuroso, e encontrou o boi que se banhava calmamente.

— Vou incorrer na ira de sua Magestade, começou, mas como sou teu amigo vou avisar-te para que salves tua vida.

Sua Magestade mandou-me procurar-te para te dizer que precisava ter comtigo uma conferencia; mas como elle está faminto, e como ouviu tua voz durante a noite, julga que espantaste de proposito um bello veado que elle tinha como presa segura. Eu não quero dar conselho a quem tem fama de sabedoria, mas... se fosse você eu creio que fugia.

O boi ficou com medo e, seguindo o mau conselho, fugiu para o deserto.

O chacal voltando para onde estava o Leão, disse-lhe em ar de mysterio.

Eu não quero accusar ninguem, mas "quem não deve não teme". Sua alteza o Grão Vizir, quando lhe dei o vosso gracioso recado, ao emvez de acompanhar-me como era sua obrigação, fugiu espavorido, realmente é esquisito!

— E' um trahidor aquelle maldito urrou o Leão; de hoje em diante, tu leal amigo, serás Grão-Vizir, e o teu primeiro acto será botar á premio a cabeça d'aquelle perverso.

Começou então para os animaes um regimen de verdadeiro pavor; ninguem tinha segurança, e nada se podia esperar da justiça do chacal, transformado em Grão-Vizir.

Formou-se então uma grande conspiração, para matar o Leão.

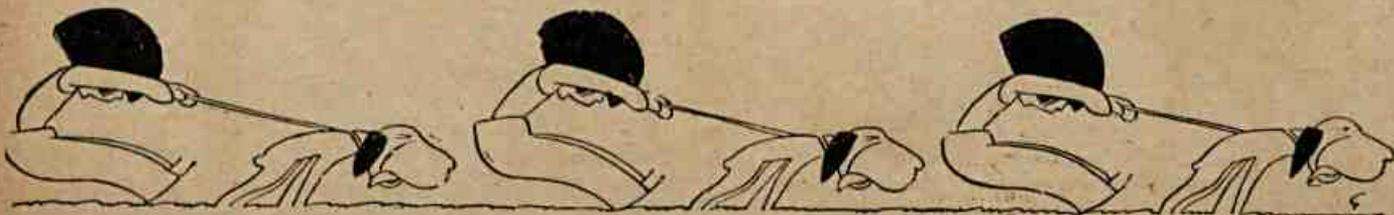
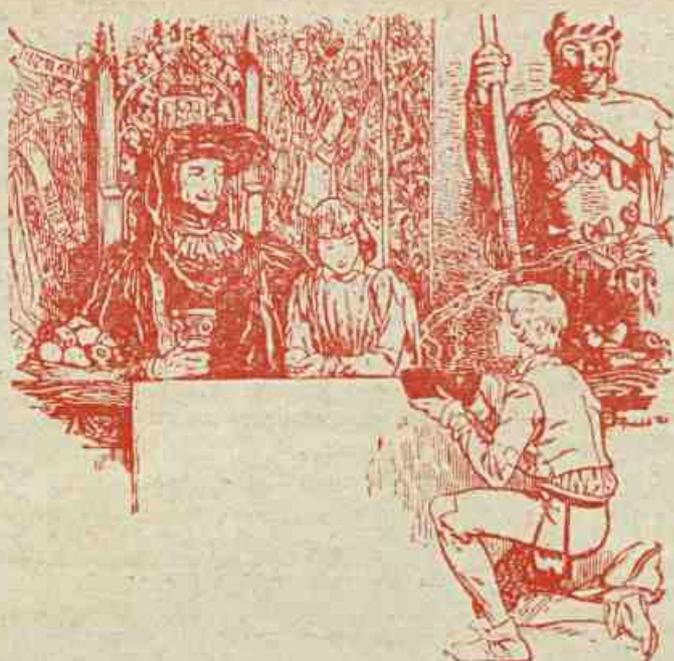
O chacal teve noticia do conluio, e envez de avizar o seu Senhor, insinuou-se entre os conspiradores, accusando o Leão de todas as crueldades, insistindo pela necessidade de sua morte.

Quando se discutiu quem seria o successor do Rei dos animaes, o chacal taes cousas fez, tantas cousas prometteu, que conseguiu ser escolhido pelos conspiradores para successor do Magestoso Leão.

O boi teve conhecimento da conspiração, e, embora sabendo estar a sua cabeça á premio, não hesitou em ir avisar o Monarcha do perigo que corria.

O Leão viu então quanto tinha sido injusto, em se deixar levar pelas palavras trahidoras do chacal.

O boi voltou novamente ás suas funcções de Grão-Vizir, e o intrigante chacal foi comido.

GEMMA D'ALBA.

O Grão de Feijão

Era uma vez um menino muito pobre que foi ao palacio do rei pedir um emprego. O rei perguntou-lhe se sabia algum officio no qual pudesse prestar qualquer serviço á mordomia da casa real.

Nunca aprendi officio algum, Majestade — respondeu o menino, mas serei capáz de fazer qualquer trabalho util, desde que me forneçam os elementos necessarios.

Ora, aconteceu que nessa occasião, achava-se junto do rei o principezinho herdeiro, menino muito intelligente e bom, que falou ao pae:

— Dae-lhe, então, amado pae, um grão de feijão e veremos se elle é capaz de realizar qualquer cousa com essa unica semente.

O menino olhou para o rei e o principezinho e disse:

— Um grão de feijão é um thesouro! Dae-m'o, amados soberanos, e eu, dentro de pouco tempo, vos mostrarei que não minto!

O rei entregou ao menino o grão de feijão. Numa reverencia cheia de respeito, o menino retirou-se e, tempos depois, quando o rei e o principe herdeiro iam sentar-se á mesa do almoço, o menino apresentou-se e pediu-lhes que provassem a sopa que elle fizera com feijões nascidos da semente que recebera tempos antes. O rei e o principe provaram a sopa, acharam-na excellente e perguntaram ao menino: — De onde tiraste tão saborosos feijões? — Do thesouro que VV. MM. me deram, do grão de feijão que guardei no coração de uma bôa fada chamada Terra e que me foi restituido, pouco depois, multiplicado. Um grão de feijão, Majestade, é um thesouro! O rei e o principe ficaram tão contentes com a conducta do menino que o nomearam chefe das plantações de feijão de todo o reino.

TIA THEREZA

A NAMORADA DO SAPO

Bohemio e noctivago, encontrei-me em noite linda, na qual o flammejar das estrellas dava illusão de pedras preciosas, com um sapo, grande cantador de serenatas, que levava a noite inteira em cantillena de romantico atrazado. A noite estava limpida, toda pontilhada de lanterninhas, ou, como disse certo poeta, cheia de scentelhas produzidas pelos sapos na bigorna do silencio.

Cheguei-me á beira do charco onde o corpo grosso e humido do sapo se accommodava para só levantar a cabeçorra ao céo, coaxando, coaxando...

Com certeza coaxava para alguma estrella. Elle é feio, rude, rastejante, ninguem o quer, ninguem o ama, mas por ironia do destino deve namorar a estrella!

Deve ter os defeitos humanos — ambicionar o que não póde attingir. Elle na terra... ella no céo... deve ser sua namorada... seu sonho... a ambição é assim mesmo.

Por isso, aventurei uma per perguntа:

— Então, illustre batrachio, sempre na serenata...

O sapo parou um instante, parecendo dar resposta, mas depois continuou a coaxar como se nada tivesse acontecido.

Persisti:

— O diabo é que a namorada não lhe dá confiança...

PARA ALVARO MOREYRA

O sapo parou outra vez de coaxar, voltou-se para mim todo humido e respondeu:

— Ella hoje ainda não veiu, tenho cantado bastante. Está custando. Talvez requinte de traje...

— Uê! Olha quantas dellas estão lá no céo piscando para você...

— Ellas quem? perguntou o sapo.

— Ora... as estrellas.

— Estrellas! Minhas namoradas?! Qual noctivago, você desarrazoa...

— Por que?

O sapo endireitou-se na lama, tomou attitude petulante e respondeu:

— Então estou em serenatas ás estrellas?!...

— Não é o que dizem?

— Dizem errado, retrucou com desdem o sapo. Então o senhor pensa que seria capaz de passar a noite inteira a cantar para quem está lá bem no alto, e, fóra do alcance? Os tempos de Verona já se foram... A minha Julieta é outra...

— Dizem até que vocês tentam chegar-se a ellas, dão pulos para o céo. No entanto, esborracham-se na lagôa.

— Cousas de poeta... esses poetas são uns esquesitões que, não contentes com as desditas nos amores, querem se intrometter nos amores dos outros. São uns linguarudos. Dizem que sou muito feio, um sêr horripilante, uma especie de Quasimodo do charco...

Um barbado chamou-me sapo, sapo, sapo, tres vezes! Não era preciso tanto, tenho o espelho da lagôa, não é tão polido como o outro, mais talvez, mais que os proprios homens...

— Afinal, os amores... a Julieta...

— Inventam muito... muita mentira...

Então eu com namorada aqui em baixo, ia cantar para a linda estrella, linda, mas lá no alto, tão longe...

E num tom de maldade:

— Qual... o barbado errou...

Aventura:

— E quanto aos saltos?

— Os saltos... e ia responder, quando passou perto um pyrilampo. O sapo deu um pulo e abocanhou o larpivoro. Fez o movimento de quem mastiga alguma cousa e depois engole.

Continuou:

— Os meus saltos são para andar mais depressa e alcançar a outra margem, onde mora a minha adorada. Esmeralda ou Julieta, essa é que é minha.

— Então, não é a estrella?

O sapo apagou mais os grandes olhos e tentando esforçar um sorriso, apenas careta, respondeu:

— Absolutamente, as minhas serenatas são para uma linda sapinhã, muito novinha de voz maviosa de soprano ligeiro...

O sapo parou de falar, ouvira um coaxar muito fraco na outra margem, e exclamou radiante:

— Ella.

E sem me dar attenção, firmou-se nas patas traseiras e projectou no espaço o grosso corpo agora mais esguio e, dado o pulo, sumiu-se no charco, a reflectir, então, todas as estrellas do céo...

SEBASTIÃO FERNANDES

FARINA E ZÉ-MACACO

A endiabrada Farina, negrinha terrivel, convidou Zé-Macaco para uma proeza.

Eram ambos muito pretinhos e tão levados que causavam terror á vizinhança.

Não havia horta, pomar ou quitanda que não fossem assaltados pelos dois terriveis garotos.

Moravam ambos na Praça 7 de Março e commettiam ambos as suas faltas e fugiam para o "Jardim Zoologico" onde ao lado do crocodilo e do Simãozinho, um macaco intelligente, devoravam bananas e outras frutas saborosas.

O crocodilho e o macaquinho, de tanto verem os dois endiabrados comerem a deliciosa fruta nacional, tambem aprenderam a devoral-as.

Mas Farina chamou Zé-Macaco e combinaram ambos um assalto a uma chacara vizinha onde vivia o Manoel Teixeira, um portuguez valente que cultivava hortaliças e frutas.

Sorrateiramente, á tardinha, iam os dois para o sitio e espreitavam cautelosamente o momento em que Manoel dormia um somno profundo, estirado num banco, á porta do casebre, para iniciarem a costumeira gatunagem.

Tantas fizeram e tantas pegadas deixaram que Manoel Teixeira os descobriu mas não quiz assustal-os e resolveu pregar-lhes uma boa peça.

E assim, esperou o dia seguinte e occulto atrás de uma folhagem, pois antes preparára a armadilha, aguardou o momento de tel-os seguros para dar boas gargalhadas.

Preparou duas bacias cheias de um liquido viscoso como colla, e fez dois buracos no solo, enterrando-as perto de um pé de sapotis, a fruta mais visitada pelos dois diabinhos, e cobriu-as com terra e folhagens.

Quando Farina cautelosamente approximou-se da arvore, zás... mette os pés numa bacia e fica segura e grita pelo companheiro que já está tambem na mesma situação ao seu lado.

Empregam todos os meios, mas inutilmente, estão bem seguros e então começam a chorar e a gritar aos berros...

Manoel Teixeira rindo a bom rir, se approxima:

— Olha, os "melros" estão a cantar e eu que não sabia que estes dois "vira-bosques" eram taludinhos!

Esperem meus marotos, vou engaiolal-os — pois estão á dar cabo das frutinhas maduras!

Ai! os marotos, cá estão, cá estão, vou depennal-os e amanhã antes do sol nascer ensopal-os com batatas...

Que negrinhos, estes "melros", e como cantam bem!

Farina tremia e chorava, pedindo que a soltassem por misericordia.

Zé-Macaco agarrava-se com seus santos, pois era bem capaz o homem de comel-o com arroz... e soluçava, pedindo: — Deixe-me, deixe me, "seu Manoel", pois o meu pae, sabendo disto, vae dar-me uma surra e eu sei que não resisto...

Mas prefiro morrer na mão delle!

E Farina arremata as lamentações entre soluços: — Deixe-me, porque eu sei que minha mãe fará de mim um torresmo.

Seu Manoel divertia-se: — Olha os maganões! Querem illudir-me, pois fiquem sabendo que quem vae saboreal-os sou eu!

Vocês comeram as minhas frutinhas doces, agora chegou a minha vez de comer jaboticabas.

E eu gosto tanto d'ellas!

Passava a mão na carapinha de ambos:, Ai! as minhas jaboticabinhas!

Farina dizia no seu intimo: — Se me salvar desta, nunca mais furtarei frutas.

Zé-Macaco:—Ah! meu Deus, liberta-me destas garras que nunca mais acompanharei Farina...

Manoel Teixeira prolongava o soffrimento de ambos preparando um scenario extravagante:

Pegou achas de lenha e fez uma fogueira, collocou junto dois tachos enormes — um sepo e um facão!

Zé-Macaco e Farina quando viram todo esse preparativo encommendaram a alma a Deus pois pensavam que iam morrer...

Seu Manoel que não era um homem máu, queria apenas ensinal-os, mostrando que não se deve invadir a propriedade alheia e que furtar é um vicio muito feio. Esse vicio deve ser evitado por todas as creanças.

E depois que as viu bem cansadas de chorar, com uma especie de oleo amoleceu o visco, tirando primeiro Zé-Macaco que lhe fez uma promessa solemne de nunca mais furtar uma fruta por melhor que fosse ella.

Seu Manoel, depois de lhe passar um sabão em regra, mandou-o para casa.

Farina, quando viu isso, julgou-se perdida, mas Manoel Teixeira sabia ser ella que induzira o outro a furtar; por isso castigou-a demoradamente.

Isso foi para Farina o supplicio de Tantalo e nunca mais se esqueceu.

Pois seu Manoel só a deixou depois de fazel-a jurar tambem que nunca mais furtaria.

E hoje, Farina e Zé-Macaco são duas creanças exemplares, pois estudam numa escola e nas horas vagas ajudam os paes.

Manoel Teixeira, que tem um bom coração, sabendo que elles aproveitaram a lição que lhes deu, manda sempre aos seus paes um grande cesto com frutas do seu pomar para que os dois garotos comprehendam que quando se é virtuoso, tem-se aquillo que se deseja: — E' o premio! —

RACHEL PRADO

"MANOELINHA"

Tréc... Tréc... Tróc, Manoelinha linda,
Vae trocando os bilros da sua almofada.
Como a praia é bella, quando a tarde é finda!
Todo o mar se cobre de uma luz doirada...
Só não vê a tarde Manoelinha linda.

Vae morrendo o dia todo se apagando ..
Vão descendo as sombras... Vae a escurecer...
Manoelinha tece .. Leva trabalhando
O dia inteiro, quasi sem se aperceber
Que já vae o dia todo se apagando...

Sua avó, velhinha, sempre ao lado della.
Tremula a velhinha, gosta de a ajudar;
Vae torcendo fios, que canceira aquella
Dos seus dedos velhos!... Ora a fiar, desfiar...
Anjo Bom da Vida sempre ao lado della!...

Manoelinha é noiva... Casa ao mez da festa
De São João Baptista, Milagroso João.
João tambem é o noivo... A renda fina apresta
Que é para o vestido feito á sua mão...
Que felicidade pelo mez da festa!...

Nasce branca a Lua como que das aguas...
Uma estrella espia... Abre uma outra... e mais...
Céo de azul saphyra. Céo de azul de maguas...
Sopra o vento e mexe pelos coqueiraes...
Branca e grande a Lua vae subindo as aguas...

Manoelinha sonha... Vae ficar bonita,
De vestido branco... De grinalda e véo...
Pelo braço delle!... Que risonha dita!...
Pisará na terra, ou pisará no céo?!...
As amigas todas a acharão bonita...

Cantam longe... longe... São os pescadores
Estendendo á praia as redes de pescar...
Cantam de saudades... Cantam por amores,
Que o luar é lindo! Faz-lhes bem cantar...
Pela noite clara! Cantae, pescadores!...

Manoelinha scisma. Scisma a avó com ella...
Tecelão, agora, o branco luar trabalha...
Sobre a noiva, moça, tece-lhe a capella.
Sobre a avó, velhinha, tece-lhe a mortalha.
E esquece a roca, a avó... E esquece os bilros, ella...

Ficam scismativas. Tudo é branco em flôr...
Cada olhar se alonga para o seu caminho.
Vê a avó a Morte toda linho alvor...
Manoelinha, a Vida, toda alvor de linho!...
E a Terra, ao luar, é branca de algodão em flôr...

ADELMAR TAVARES

O pastorzinho de Elos

Ha muitos annos, o rei Milo, de Elos, mandou que seus arautos aprégoassem por todos os recantos dos seus dominios a seguinte mensagem: "O povo da Laconia aprégôa que seus filhos são melhores corredores do que os de Elos. E' preciso contrariar essa opinião dos habitantes da Laconia e darei honras e riquezas áquelle que vencer, numa corrida a pé, os corredores rivaes".

Pedro, um louro pastor de Elos, que vivia nas montanhas do paiz a apascentar o gado, quando ouviu o arautos do rei aprégoarem a mensagem, exclamou, com enthusiasmo:

— Hei de vencer uma corrida para honra do meu paiz e do meu rei. Farei minhas pernas tão fortes e velozes, que os mais denodados campeões jamais me vencerão.

E feita essa promessa, Pedro começou, desde logo, a treinar em corridas. Levantava-se muito cedo, juntava suas ovelhas, levava-as para o campo e, ahi, exercitava-se, methodica e persistentemente na corrida a pé. Quando attingiu uma resistencia e velocidade raras, partiu para o palacio do rei e declarou que queria correr com o melhor campeão da Laconia. O rei, attendendo a seu desejo, lançou um desafio aos corredores do paiz vizinho.

No dia da corrida, havia grande ansiedade entre a multidão. Pedro, como era de prever, ganhou a corrida e o rei o cumulou de honrarias e riquezas. Como o pastorzinho de Elos devem ser todos os meninos: — persistentes e dignos.

Uma raposa e um gato do matto combinaram um assalto á um gallinheiro de um sitio onde havia muitas aves.

Caindo a noite, foram ao terreiro, mas nada conseguiram, porque as aves estavam fechadas no gallinheiro. Debalde procuraram um vão por onde pudessem penetrar porém foi tudo inutil.

A raposa como mais astuciosa teve uma idéa e communicou immediatamente ao seu associado, dizendo-lhe:

— Não podemos, esta noite, entrar no gallinheiro; mas não quer dizer que amanhã nos aconteça o mesmo; tenho já estudado um bom plano e vamos pol-o em pratica o mais depressa possivel.

— Como sabes, o tatú é um animal estupido; mas é habil para abrir um tunnel, e nós amanhã á noite o traremos aqui, e elle em pouco tempo abrirá uma passagem para nós, cavando a terra por baixo dos alicerces que são razos e por ella penetraremos no gallinheiro e escolheremos as melhores aves, e o enganaremos com uma promessa qualquer que nunca haveremos de cumpril-a.

— Está bem! respondeu o gato do matto. Vamos pois procural-o.

Encontrando-o, disseram-lhe:

— Viemos porpor-te um negocio que é de muita vantagem para nós todos, e é o seguinte:

— Sabemos que gostas de arrancar os grãos de milho nas roças, porém, fazes esse serviço á noite o que constitue um perigo para ti; pois sabes muito bem que os caçadores gostam de procurar-te á noite para te matarem.

— Achamos melhor tu vires comnosco á noite, para nos abrir uma passagem para podermos entrar em um gallinheiro cheio de bellas aves, e, em paga desse serviço, nós, durante o dia, ficaremos de vigia para ires á roça arrancar os grãos de milho e bem assim pegar bichinhos de que tanto gostas e que á noite não encontras, e poderás dormir as noites tranquillamente.

Acceita a proposta, foram os tres personagens na noite seguinte ao terreiro.

Lá chegados, o tatú poz mãos á obra e em pouco tempo abriu a passagem tão desejada pela raposa e o gato do matto.

Estes entraram, pegaram as aves que desejavam e sahiram muito satisfeitos.

— Agora, disseram ao tatú, durmas socegado que amanhã iremos te acordar para ires á roça e nós ficaremos de vigia e te avisaremos quando qualquer caçador ou cães se approximarem.

Despediram-se.

Mal o tatú se retirou, a raposa e o gato do matto deram risadas e disseram:

A VINGANÇA DO TATÚ

POR LEO PARDO

— Bem dizem que o tatú é estupido!

Veja se nós havemos de ficar feito uns idiotas, á espera que elle ande de cóva em cóva a desenterrar grãos de milho! Por muito favor poderemos ir chamal-o, e logo que elle entre na roça daremos o fóra e iremos saborear socegadamente a nossa caçada, e quando quizermos voltar ao gallinheiro não precisaremos mais delle porque a passagem está aberta.

Assim fizeram.

No dia seguinte foram acordal-o e, logo que elle entrou na roça, deram o fóra.

O tatú confiado no trato que fizeram entrou socegado na roça e começou a desenterrar os grãos de milho para comer.

Quando menos esperava ouviu latidos de cães que vieram pelo seu rasto e estavam já á pequena distancia.

Fugiu depressa, mas os cães o foram perseguindo e alcançando-o começaram a dar-lhes dentadas que lhe difficultavam a fuga.

Por felicidade encontrou um buraco antigo e poude nelle se refugiar, mas estava maltratado com as dentadas dos cães.

A raposa e o gato do matto não calculavam que o dono do gallinheiro taparia o buraco feito pelo tatú, e foram uma outra noite fazer nova provisão, mas ficaram desapontados quando encontraram a passagem bem tapada.

Lembraram-se do que haviam feito ao tatú, mas, agora, era preciso recorrerem novamente aos seus serviços e por isso foram á sua casa procural-o.

Deram mil desculpas; o tatú, querendo vingar-se, fingiu que estava acreditando em tudo, e promptificou-se a acompanhal-os.

Naquella mesma noite foram todos ao gallinheiro, e o tatú em pouco tempo restabeleceu a passagem.

Para ganhar tempo o tatú disse-lhes:

— Vocês entrem no gallinheiro e escolham a gallinha mais gorda e me tragam, mas quero que examinem uma por uma para eu não ser logrado, pois pode ser que a primeira que vocês pegarem esteja muito magra.

— Não ha duvida, disseram, podes ficar esperando.

Entraram e começaram a examinar as aves e não attinaram que o tatú dissera aquillo para ganhar tempo para lhes pregar uma boa peça.

Emquanto estávam entretidos, o tatú com o focinho veiu empurrando uma pedra e derrubou-a no buraco e começou a puxar a terra que tinha cavado e assim fechou novamente a passagem, deixando a raposa e o gato do matto prisioneiros no gallinheiro.

Para os molestar o tatú gritou:

— Fujam! porque o dono das aves vem vindo!

Raposa e gato correram em direcção á passagem, mas a encontraram entupida!

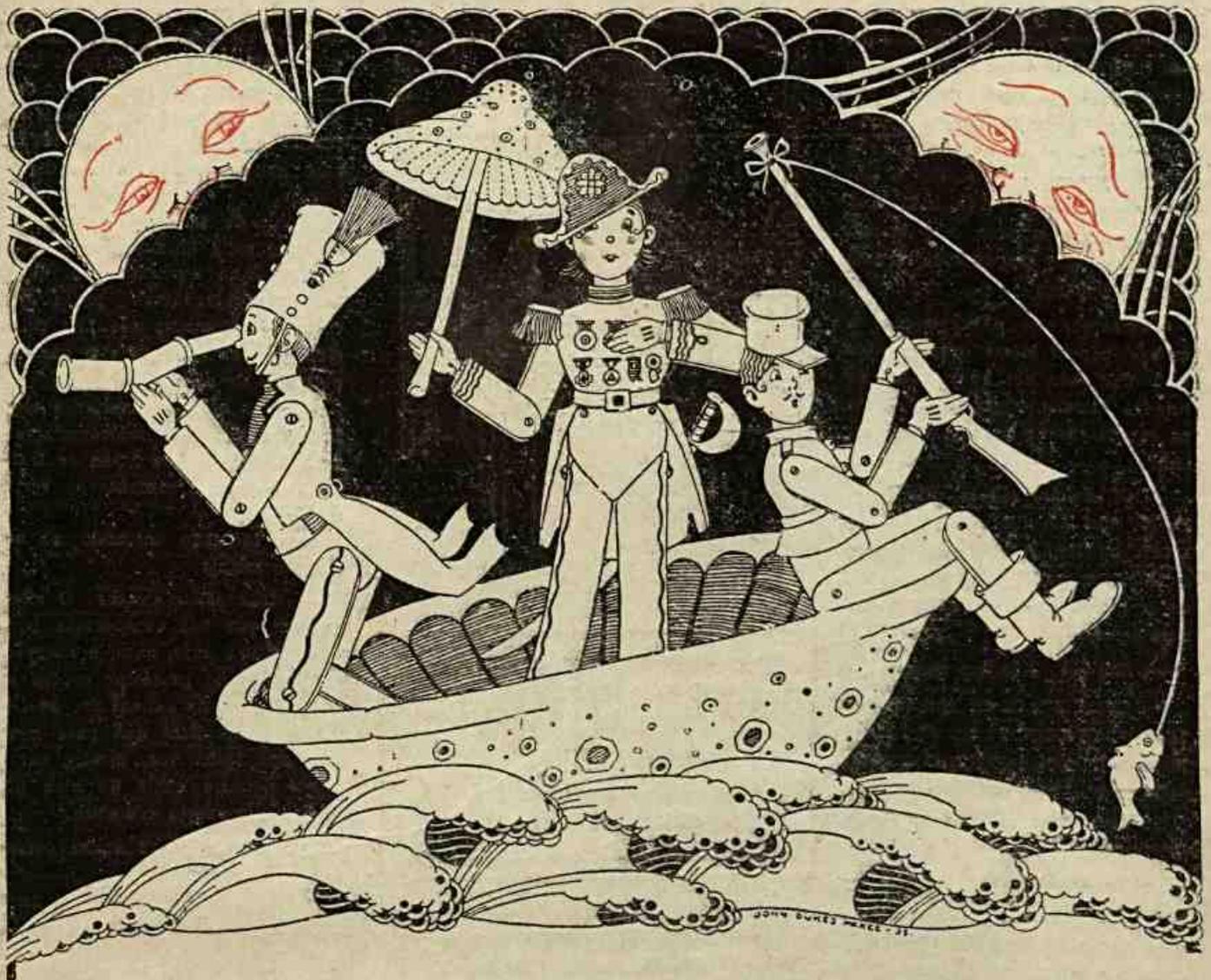
Pedidos, promessas, choradeiras e até ameaças não valeram ante a impassibilidade do tatú que se conservara indifferente e resolvido a não abrir de novo a passagem.

Por fim disse-lhes:

—Estou vingado! vocês foram tratantes, não cumpriram com a palavra! E' assim que se castiga os velhacos como vocês! Eu fiquei todo mordido, mas vocês não ficarão dando risadas!

— Eu me vou embora, e amanhã vocês terão de ajustar contas com o dono das aves e assim me pagarão a tratantagem que me fizeram, que ia me custando a vida.

Dizendo isto, desappareceu.

No dia seguinte pela manhã o gallo deu o alarme; e o dono das aves correu com a espingarda e os cães e foi ao gallinheiro. Lá encontrou os dois pegadores de aves que tiveram a morte que mereciam pagando com a vida a traição que fizeram ao tatú.

SUA MAJESTADE A RAINHA LUA

Assim como o Sol é o rei do dia, a Lua, a encantadora musa dos poetas, é a rainha da noite, é a pastora real do incontavel mundo das estrellas. A luz tenue, prateada, suave do luar é o symbolo da pureza. E' mais do que isso, é o eterno motivo das canções apaixonadas dos romanticos. No entanto, a Lua não tem luz propria e, se não recebesse os raios ardentes do Sol, seria um planeta escuro, a rolar pelo infinito, seguindo a rota da Terra, de que é satellite. Recebendo a luz do Sol, a Lua reflecte-a para a Terra durante a noite, sob a fórma de luar. Para que a Lua illuminasse a Terra, como o faz agora o Sol, seriam necessarias as luzes de seiscentas mil luas cheias brilhando todas ao mesmo tempo.

Sua Majestade a Rainha da Noite é o planeta mais proximo da Terra, pois a distancia que existe entre o globo terrestre e a Lua é apenas de trezentos e noventa e cinco mil kilometros.

O DESMENTIDO DA FABULA

POR E. WANDERLEY

No tempo em que os bichos falavam, disse o Sr. de Lafontaine, um francez que entendia o que elles conversavam na sua estranha linguagem,— que estava um dia o corvo com um queijo no bico, quando a raposa começou a lhe elogiar a belleza da voz, e o corvo indo cantar... abriu o bico e o queijo cahiu ao chão do alto da arvore onde elle estava.

Encontrando-se o corvo com a raposa depois dessa historia ter sido divulgada em quasi todas as linguas faladas e por quasi todos os estudantes do mundo, disse assim:

— O' senhora raposa, que historia é esta de um queijo que eu trazia no bico e que deixei cahir quando, enlevado pelos seus elogios á minha voz, pretendi cantar uma aria?

— Não sei. Não me recordo.

— Quem é que foi contar essa "patranha" a um tal Sr. de Lafontaine para que depois elle pretendesse me ridicularizar num seu livrinho de "caraminholas" a nosso respeito?

— Eu não fui; respondeu a raposa.

— Não podia ter sido outra senão a senhora mesma, que, ha muito tempo, tenciona expôr-me ao ridiculo.

— O senhor está enganado, mestre corvo.

— Não me chame de mestre, que eu não sou mestre de cousa alguma; e agora ficou descoberto e provado que foi a senhora mesma quem inventou essa fabulosa historia, e a foi contar, como verdadeira, a esse famigerado francez, ficando a senhora com o melhor papel na farça.

— Não sei como lhe poderei provar que estou innocente em toda essa historia, mesmo porque não gosto de queijo.

— Nem eu tão pouco. Nunca comi queijo na minha vida, nem hei de comer: mesmo que elle esteja podre, como dizem que os inglezes e os allemães gostam.

— Eu vou dar um desmentido publico de que essa historia do queijo é pura phantasia do Sr. de Lafontaine; serve?

— Pois não. Bem lembrado. A senhora tem de declarar, publicamente, que eu nunca larguei do meu bico queijo algum; está entendido?

— Perfeitamente. Vamos ajuntar os bichos todos na clareira da matta.

— Vamos!

E os dois começaram a convocar todos os bichos para uma grande assembléa na qual a raposa iria fazer uma solemne declaração.

No dia marcado, e muito antes da hora designada, a clareira da floresta já estava cheia de todos os bichos.

O corvo foi um dos primeiros a chegar, e era tambem o mais impaciente, trepado em uma arvore. Contando já com a demora, e como fosse muito guloso, havia levado, escondido em baixo das suas grandes azas negras, um bom quarto de frango.

Depois de se fazer esperar por mais de meia hora apparece a raposa. Vinha apressada; e, como faz todo retardatario, pediu desculpas da demora, que não tinha sido por sua causa, e sim por imprevistos de ultima hora...

O corvo que para matar o tempo e disfarçar sua impaciencia, estava beliscando sua perna de frango, ficou muito contente ao ver a raposa.

Esta foi logo entrando no assumpto assim:

— Meus caros amigos. O motivo por que vos convidamos para esta reunião hoje, aqui, é simples.

Trata-se de protestar contra as invencionices de um tal Sr. de Lafontaine, ao dizer que para mostrar sua linda voz, mestre corvo havia deixado cahir do bico um queijo que estava comendo.

Ora, mestre corvo nunca comeu queijo na sua vida.

Na tal fabula só ha de verdadeira a primeira parte em que se refere a linda e maviosa voz de tenor de mestre corvo...

Todos os animaes se entreolharam admirados, porque nunca haviam ouvido a "voz de tenor" do corvo.

— Aquelles que duvidam porque ainda não tiveram a ventura de o ouvir cantar, elle irá dar agora uma prova das suas raras aptidões musicaes e artisticas...

Lisonjeado por estas palavras o tolo do corvo abre o bico para se dar ao desfrute de cantar.

Immediatamente o quarto de frango cáe e a raposa, que estava em baixo da arvore, o abocanhou logo e sahiu correndo, tendo, porém, dito antes ao corvo:

— Vou contar mais essa ao Sr. de Lafontaine.

Genoveva e a Corça

(Por CHR. VON SCHMID)

HA muitos annos, vivia nas proximidades de Trier um notavel Conde chamado Siegfried. Era um homem bravo, e, por seus feitos de cavalleiro, tornou-se tão estimado pelo Duque de Brabante, que este lhe deu em casamento a sua filha unica, Genoveva.

Com harmonia e amôr viveu o casal na povoação de Siegfried, entre o Rheno e o Mosela. Desde a sua chegada ao logar, a condessa conquistou o coração de todos os seus subditos; sobretudo era adorada pelos pobres da região, como se fosse um anjo.

Aconteceu, porém, que, de subito, teve o Conde que partir para a guerra contra os turcos. Quando se despediu da mulher, esta ficou tão afflicta que começou a chorar.

O conde Siegfried procurou consolal-a, dizendo: "Fique socegada, Genoveva! Deus não nos abandonará. Meu criado fiel Golo, que nomeei mordomo, será teu protector e conselheiro, durante a minha ausencia".

Montou, então, no seu cavallo de guerra e partiu com seus guerreiros ao som das trombetas.

Depois de algumas semanas, chegou a noticia de que os turcos tinham sido batidos em batalha e encerrados em uma cidade chamada Agion. O conde Siegfried devia tambem tomar parte no sitio dessa cidade, não podendo portanto voltar logo para a sua aldeia, o que incommodou muito a Condessa, porque o mordomo Golo estava se tornando muito differente e grosseiro. Elle se portava como se fosse o dono da casa, mostrava tão pouca consideração para com a senhora, que ella muitas vezes lhe disse que havia de contar tudo ao marido.

Golo temia isso; a Condessa poderia mandar o seu criado fiel, o chefe da cozinha, levar uma carta ao marido, o que podia custar caro ao mordomo. Quando, pois, lhe disseram, um dia, que a Condessa tinha contado tudo ao mestre de cozinha, Golo atacou este ultimo e matou-o á espada. O cozinheiro deu um formidavel grito. Quando todos acudiram, começou elle a dizer toda a sorte de mentiras contra a Condessa, chamando-a de criminosa e fel-a trancar-se no quarto de uma torre afastada que parecia mais um tumulo do que a morada de um ser humano; mandava dar só o estrictamente necessario para que ella não morresse de fome. Genoveva, depois de estar presa muitos mezes, teve um filhinho, um menino. Apezar de ter ficado contente, chorou muito, logo após, porque não lhe deram nem uma caminha e o capellão não teve permissão para baptisal-o. Genoveva enrolou a creança na sua manta, baptisou-a com as suas lagrimas e deu-lhe o nome de Rico de Dôres.

Golo tinha supposto que Genoveva haveria de implorar misericordia; mas, quando viu que a Condessa continuava a desprezal-o, pensou em matal-a, para que o Conde não pudesse saber de todas as suas maldades. Mandou um dos seus camaradas á cidade de Agion, com uma carta, dizendo que o mestre de cozinha Drago tinha enfeitiçado a Condessa e

que por isso elle o tinha morto e posto a Condessa na prisão. Escreveu muitas outras mentiras sobre Genoveva.

O conde Siegfried, que era um homem de genio muito forte, ficou tão furioso, que escreveu a Golo: "Fizeste bem de matar Drago; mas vejas bem que eu não quero mais vêr Genoveva; eu não a reconheço mais como minha mulher"

Esta mensagem levantou grande agitação na aldeia de Siegfried, porque a maioria dos moradores estava convencida que a Condessa nada tinha feito de máo. Ao mesmo tempo a população não tinha coragem de censurar o procedimento de Golo, porque todos temiam esse homem terrivel.

Só a filhinha do guarda da porta da cidade foi uma noite, escondida, até a torre em que a Condessa estava presa bateu na janellinha de grade e contou á moça, amendrontada, o perigo em que ella se achava.

Quando Genoveva ouviu que estava condemnada á morte, pediu á menina que levasse depressa uma carta ao marido.

Logo após, escreveu com mão tremula essa carta, na qual despedia-se delle e protestava que era innocente e não merecia morrer

Assim que a menina se foi embora, entraram na prisão dois mascarados, atiraram sobre ella um manto e exigiram que ella seguisse com elles.

Genoveva tomou a creancinha nos braços e obedeceu.

Deixaram o castello pelo portão do lado e levaram-n'a á floresta proxima, pela noite clara e fria. Lá chegados, um delles sacou da espada e disse com voz rude:

— Condessa, ajoelhae-vos e preparae-vos, porque deveis morrer e tambem o vosso filho.

Genoveva ajoelhou e rezou; depois falou novamente aos homens; de modo tão tranquillo e tão convincente, que elles ficaram commovidos e lhe disseram:

— Nós acreditamos que sois innocente; mas deveis nos jurar que nunca mais sahireis desta floresta.

Conduziram-n'a, então, muito para dentro da floresta

e deixaram-n'a só! Ella cahiu desfallecida debaixo de uma arvore. Quando acordou, a manhã já raiava.

Genoveva levantou-se, tomou a creança nos braços e procurou um abr go na floresta, porque era uma manhã nublada de outomno e tremia de frio.

Tres longos dias passou errando, até que descobriu uma fontezinha, em cuja proximidade achou a cavidade de um rochedo. Ahi preparou um pouso para si e seu filhinho. Nutriam-se de raizes extrahidas do sólo, bebendo agua da fonte.

Pobre Genoveva! Quantas vezes quiz ella fugir dali, mórmente no inverno, quando o frio era muito intenso! Quantas vezes ella pensou na aldeia de Siegfried, distante d'ali!

Quando se sentou chorando sobre os rochedos uma certa vez, a caverna ficou muito clara e um anjo appareceu, dizendo-lhe:

— Tem coragem no teu soffrimento; o bom Deus conhece a tua dôr; tem confiança nelle, que sabe de tudo e te ajudará e ainda te dará muita felicidade na terra!

Em seguida desappareceu.

Genoveva ficou muito commovida e não perdeu mais a confiança em Deus, apesar de ter soffrido muito. E, quando, ás vezes, parava com a creança deante da caverna, consalava-se com as gralhas, os pardaes, as raposas e outros animaes da floresta que resignadamente supporta a necessidade que o inverno traz.

Apesar do cuidado de Genoveva, a creança estava ficando doente e, quando a primavera chegou, a sua vida perigava. A pobre mãe pediu muito a Deus que conservasse o unico bem que ainda possuia. Mas subitamente se ouviu um barulho na folhagem e surgiu deante da caverna uma corça com o ubre cheio. Genoveva viu nisso um resultado das suas orações a Deus. Acariciou o animal e, como este permittiu, resolveu extrahir o leite, que era tão abundante que

encheu logo a vasilha tres vezes.

Como agradeceu ella a Deus ter-lhe dado e ao filhinho tão precioso alimento!

Deu á corça algumas hervas, e esta nos dias seguintes vinha sempre trazer o leite. Ficou tão mansa e habituada, que até passeava pela floresta com a creança no dorso.

D'ahi em deante a creança começou a ficar mais forte. Depressa aprendeu a falar e a caminhar e, quando acompanhava a mãe pela floresta, aprendia com ella os logares onde se encontravam os morangos e os nomes dos animaes que por ali viviam, taes como cabras, esquilos, lebres, passarinhos, entre os quaes brincava.

Seis longos annos viveu Siegfried dessa maneira, em profunda tristeza. Depois desse tempo vieram visital-o uns cavalleiros. Embora ficasse contrariado de ver perturbarem a sua tristeza, mostrou-se amavel e hospitaleiro.

Para dar-lhes um prazer, organizou uma grande caçada.

Como era natural, elle tambem tomou parte no divertimento, pois lhe voltava o desejo de uma distração ao ar livre, e, quando avistou uma bella corça, começou a perseguil-a através dos arbustos, até que ella desappareceu num buraco.

O Conde não desistiu de perseguir a corça; desceu do cavallo e dirigiu-se á entrada da caverna. Quando olhou para dentro, viu duas creaturas humanas quasi núas.

Emquanto Genovevva vivia assim preoccupada naquelle buraco de uma rocha, voltou da guerra Siegfried. Mas não se sentia bem, porque tudo o que via lhe lembrava o tempo em que tinha sido tão feliz, naquella aldeia.

A's vezes pensava que talvez tivesse sido injusto para com Genoveva.

Esse pensamento se transformou em certeza, quando a filhinha do guarda da porta lhe entregou uma vez a carta que Genoveva havia escripto na prisão. Suas mãos tremiam emquanto lia essa carta.

De repente, pegou na espada enfurecido contra o indigno Golo, pensando em matal-o.

Golo, porém, desapparecera; ninguem podia dizer para onde elle levou a sua pesada consciencia. Pouco depois encontraram-n'o na floresta. Um galho pesado tinha cahido sobre elle, matando-o.

Foi esse o castigo de Deus!

O Conde pedia agora que ao menos lhe dissessem onde estava sua mulher com a creança.

Ninguem podia dizer, pois pessoa alguma conhecia o homem mascarado que a tinha levado.

Então o Conde tornou-se muito triste, evitando todas as alegrias do mundo.

— Se sois de Deus — disse elle — sahi deste buraco e dae-vos a conhecer.

— Então dae-me um vestido com o qual possa cobrir minha nudez — responderam lá de dentro.

O Conde atirou depressa o seu manto e viu sahir uma mulher muito pallida, com o cabello desfeito, emquanto a creança, com a corça, furtivamente passavam, junto della, procurando se esconder na folhagem.

A pobre creatura reconheceu logo o cavalleiro e disse:

— Sim, conde Siegfried, eu sou de Deus, sou Genoveva, tua mulher, que com teu filho, condemnaste á morte, innocentes!

O Conde teve a impressão de que só a imagem de Genoveva estava deante delle.

Seus cabellos ficaram eriçados de horror e só a custo exclamou:

— Espirito de minha mulher, volta ao teu tumulo e reza por mim, porque sei que sou um assassino e que não encontrarei mais socego na terra.

— Siegfried — disse Genoveva com voz fraca e

tremula — não és assassino, vê que eu e teu filho vivemos ainda! O homem que nos devia matar nos poupou. Então o Conde encarou longamente Genoveva, e exclamou afinal, como que acordando de um sonho máo:

— Sim, eu te reconheço, tu és Genoveva! Oh Genoveva! Poderás me perdoar?

E cahiu aos pés da sua mulher. Ella, porém, deu-lhe a mão, chorando, e disse:

— Deus misericordioso, perdoae a nós ambos nossos peccados!

Então conduziu-o á caverna e, emquanto Siegfried levantava nos braços seu lindo filhinho que voltava para dentro com a corça, contou-lhe Genoveva a sua historia de soffrimento.

Quando ella acabou, Siegfried sahiu da caverna e soprou na sua corneta, que ao longe resoou.

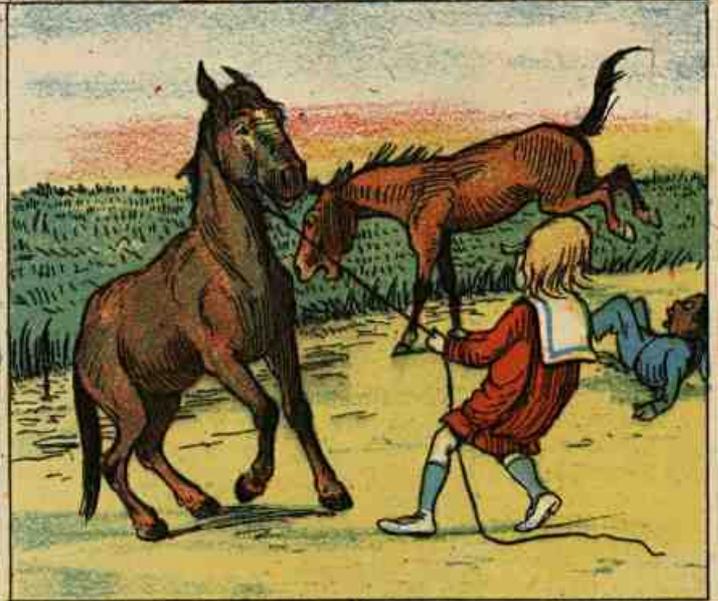
Immediatamente correram os companheiros de caça, de todos os lados.

O Conde contou-lhes o que houve, em poucas palavras. Todos ficaram alegremente admirados, e cada um procurava servir melhor á dona do castello.

O Conde despachou um emissario immediatamente ao Castello e mandou trazer os mais bellos vestuarios para sua mulher e seu filho.

E quando Genoveva sahiu bem preparada do buraco, todos os traços de seu cruel soffrimento tinham desapparecido, brilhando de novo em toda a sua belleza.

Genoveva, a creança e a corça foram carregados em triumpho e viveram depois em grande felicidade.

Conservou-se sempre uma grande amiga dos pobres e necessitados, que a adoravam, e fez construir precisamente no logar onde foi milagrosamente encontrada pelo Conde Siegrfried, uma sumptuosa capella, como recompensa a Deus pelo seu salvamento.

U M P A S S E I O

Chiquinho e Benjamin viram os dois cavallos do Sr. Manoel e pensaram num passeio pelos pastos do sitio.

Arranjaram umas cordas e fizeram barbicachos. Estavam promptos para a pandega. Não precisavam de arreios, iriam mesmo em pello, pois diziam que os cavallos eram mansos e o "seu" Manoel não era homem que se zangasse por tão pouco.

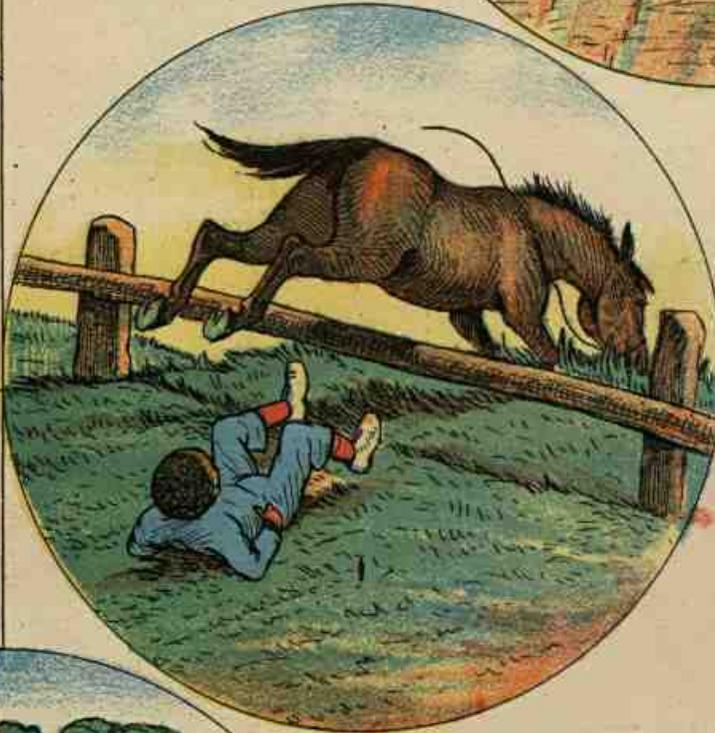
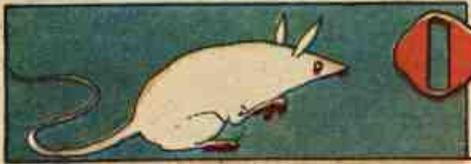
Pegaram os cavallos. O de Benjamin, logo atirando um par de couces, poz o cavalleiro *of side*.

O garoto, porém, não se intimidou por tal cousa e... montou.

Os cavallos partiram a trote, sacudindo os garotos. E lá iam pela estrada.

Jagunço, prevendo o mau resultado, fugiu para a casa e os cavallos em certa altura da estrada rumaram cada um para

A CAVALLO

seu lado, separando-se, em disparada. O do Chiquinho só parou á beira do rio, e de tal fórma, que cuspiu o cavalleiro dentro d'agua fugindo em seguida. O do Benjamin, depois de muito correr saltou um obstaculo, deixando o cavalleiro sentado na grama e assim perdidos um do outro iam ali permanecer os dois pequenos por muito tempo se o Sr. Manoel não estranhasse o apparecimento dos dois cavallos no mesmo logar em que os garotos montaram. Então penalizado com a sorte dos garotos, foi procural-os e levou-os para casa.

O que se passou, depois, ninguem sabe: ouviram-se, entretanto, muitas lamurias e gritos, promessas de que mais não fariam e *Jagunço* a arranhar a porta querendo soccorrer os seus dois amigos.

O RATINHO BRANCO
Illvstração de Cicero Valladares.
Jenny, linda menina, filha de paes pobres, foi um dia passeiar no bosque e viu, ao pé de uma arvore, um ratinho. Contente com o achado, ia leval-o para casa. — "Não me leves, Jenny, sou o *Rei dos Ratos* e teu gatinho preto me comerá. Pede-me tudo que quizeres...
— "Quero possuir uma bonita chacara", — disse a menina. — "Concedido"... E Jenny viu sua casa transformada em bonita chacara, com arvores, e jardins floridos, na frente.
Mais tarde, um fazendeiro rico a pediu em casamento. E quando já estava para casar, na igreja, Jenny foge e vae ao bosque procurar o ratinho branco.
— Meu lindo ratinho, não quero ser fazendeira, quero ser princeza, ter castello,
creados, carruagens, etc... — "Concedido"... disse o rato e Jenny tornou-se em uma linda princeza e appareceu um grande principe que quiz logo casar com ella. Mas a
ambiciosa fugiu de novo e foi procurar o ranho branco.
— "Quero ser rainha e casar agora com um poderoso rei!" Foi mais uma vez satisfeito o desejo da menina. Mas quan-
do o rei appareceu, Jenny abandonou-o e foi novamente ao bosque. — "Quero ser a Rainha do Universo, senhora absoluta de todos!...
— Desgraçada e ambiciosa menina!
Voltarás, para teu castigo, a ser pobre como eras, muito pobre. — Jenny voltou chorando para a casa, que se tornou em choupana.
— Quem muito quer, muito perde.

PARA O CARNAVAL DE 1930

MME
POMPADOUR

VESTIDO DE
ESTYLO

"EUGENIA"

DAMA
DE COPAS

"MARIA
ANTONIETTA"

PARA O CARNAVAL DE 1930

PARA O CARNAVAL DE 1930

PARA O CARNAVAL DE 1930

CAMPONEZA

PESCADORA

CAMPONEZA TCHECO SLOVENA

MANDARIM

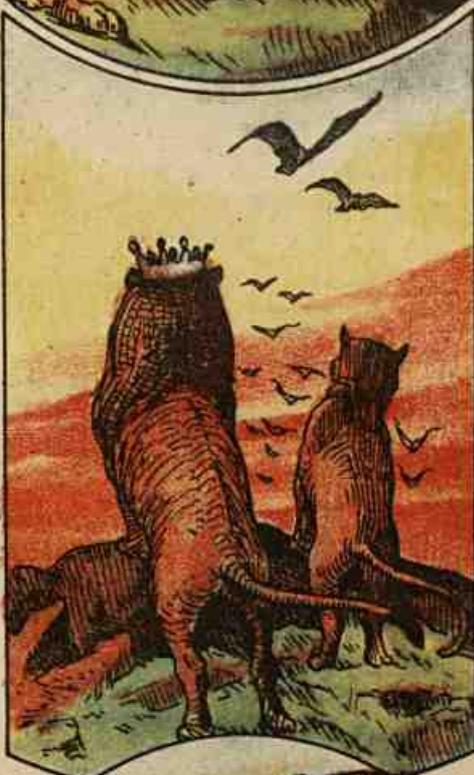
ARLEQUIM

CAMPONEZA CROATA

O REI DOS ANIMAES

DLEÃO, o rei dos animaes, estava furioso. Acabava de receber, por um emissario da Aguia, uma mensagem impondo dividir a sua soberania com ella, em virtude de ser ella a soberana das alturas. Elle continuaria a ser o rei dos animaes terrestres e ella a rainha dos voadores. Intimava a lhe entregar um sceptro e uma corôa.

— Não! — falou o Leão. Nunca o farei! Diga a sua pretenciosa e arrogante senhora que o rei Leão não acceita a sua proposta! Eu sou e serei o Rei, até debaixo d'agua! O reino é um só e o rei tambem o será! Os voadores pousam na terra e ahi comem, dormem e morrem, e por isso tambem são meus subditos!

E o Leão, espumando de raiva, a bater com a cabeça disse:

— Vae-te e diz a tua soberana de pennas que o reino é um só e o rei tambem! Vae-te, gavião de pennacho!

O Leão ainda nervoso levantou e caminhou para o cume da rocha onde se achava juntamente com o seu primeiro ministro e d'ahi viram, no horizonte, um bando de aves de rapina, de toda a especie, que voavam para a rocha em que se achavam. Do bando, á frente, vinha o emissario já conhecido e a seu lado uma grande Aguia.

O Leão comprehendeu então que ia ser atacado; quiz fugir, mas as aves de rapina não lhe deram tempo e cahiram sobre elle aos beliscões e unhadas. O Leão então limitou-se a dizer:

— Leva o reino dos ares e deixa-me em paz.

D'ahi por deante ficou a Aguia rainha dos ares.

JUJU', uma vez, ouviu falar que existia no m u n d o uma cousa muito bonita, chamada *felicidade,* que fazia a gente ficar alegre, com um contentamento que nunca tinha fim. E, um bello dia, Jujú, que andava sempre triste, resolveu ir procurar a felicidade...

Sahiu de casa pensando nella e foi andando. Havia já feito uma boa caminhada, quando viu umas arvores grandes, muito bonitas. Jujú ficou todo alegre, porque gostava muito das arvores, do verde brilhante das folhas, dos ramos torcidos,da sombra fresca, do sussurro do vento na ramaria... Então, Jujú pensou: "Quem sabe se as arvores é que dão a felicidade, como dão frutos gostosos?"

Mas Jujú se lembrou de que as arvores ficam feias e não dão sombra quando as folhas cahem, não dão frutos sempre. E a felicidade dá um contentamento que dura toda a vida... Não, não é isso a felicidade, pensou Jujú e resolveu continuar a sua jornada...

Lá longe, no horizonte, o sol nascia. E Jujú que gostava muito de tomar sol, parou para ver raiar a madrugada. De repente, veiu-lhe um pensamento: "E se fosse o sol que dava a felicidade?" Lembrou-se de que gostava muito de brincar e de que a gente brinca só de dia, quando o sol illumina a terra... E ficou muito tempo pensando que o sol é que era a felicidade. Depois reflectiu; mas, quando chove, o sol se esconde, e os dias ficam tristes... E de noite, tambem não se vê o sol... E a felicidade é uma alegria que dura sempre...

E Jujú, de novo, resolveu seguir o seu caminho...

Pouco adeante, pousando num galho, cantavam uns passarinhos. Jujú parou para escutar o canto melodioso. Estava encantado com os trinados e com a plumagem rica dos passarinhos... E de novo pensou comsigo: "E se a felicidade fosse o canto dos passaros, a belleza de sua plumagem?" Mas logo viu que não podia ser, porque nem sempre os passaros cantam, nem sempre têm lindas pennas. Os urubús, por exemplo, pensou Jujú, não são bonitos, nem sabem cantar, e pôz-se a andar.

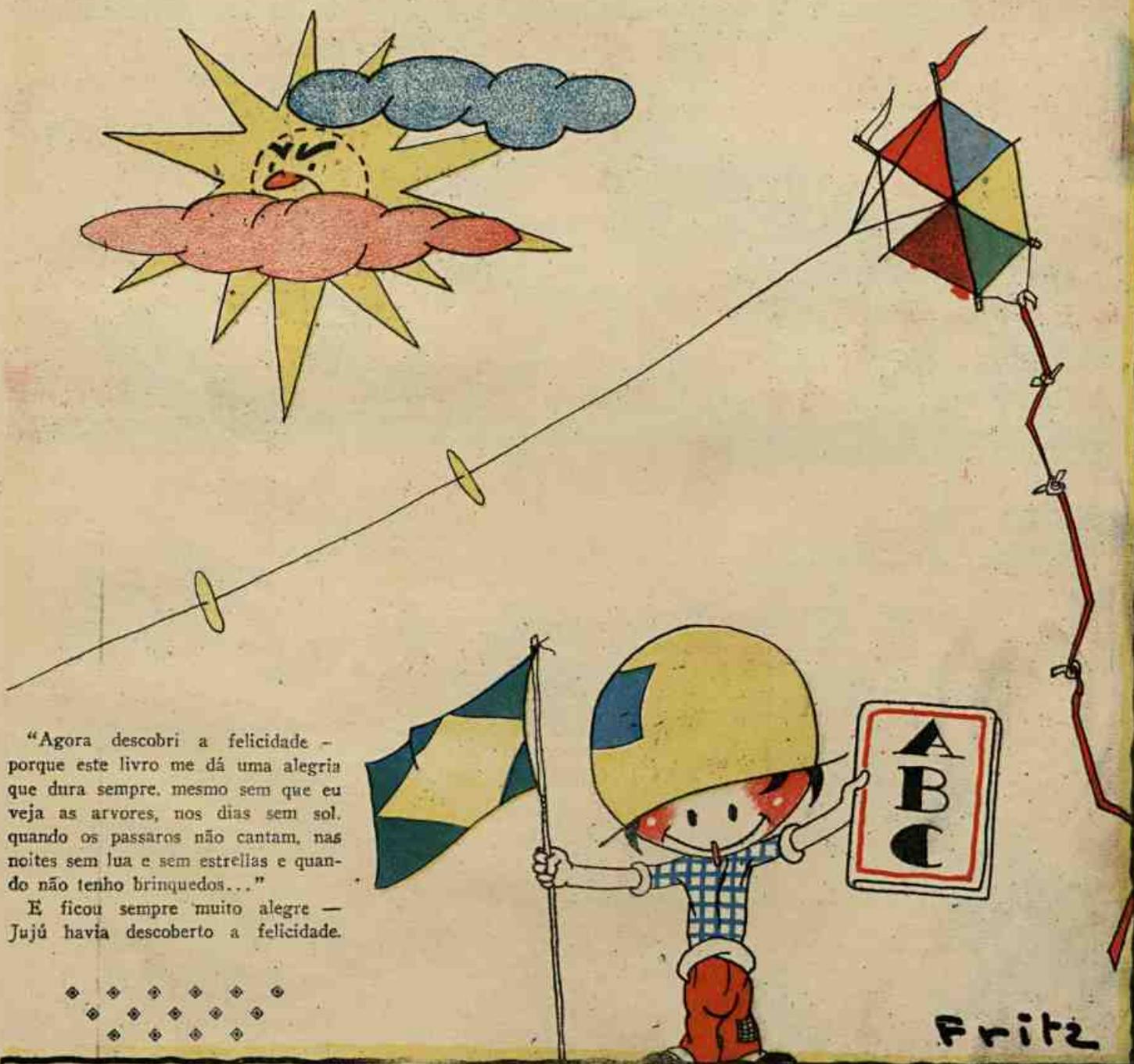
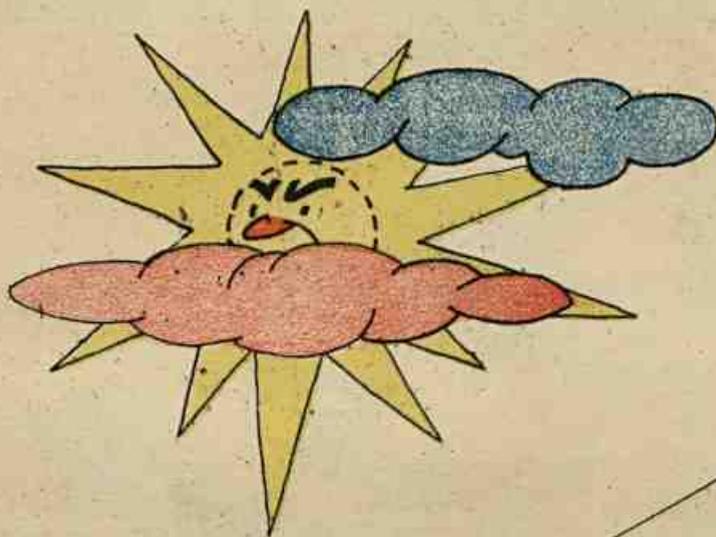
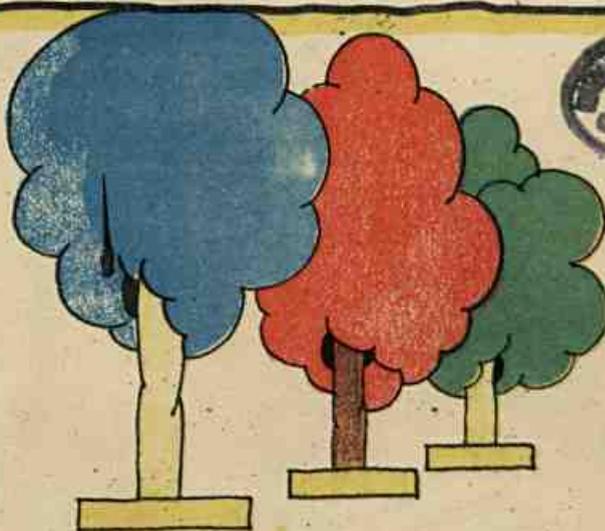
Já era noite e Jujú resolveu descansar para, no dia seguinte, seguir a jornada. No céo brilhavam as estrellas e uma lua crescente, recurva, fazia sua trajectoria. Jujú ficou encantado. E de novo lhe veiu a idéa de que a lua e as estrellas talvez fossem a felicidade... "Não podem ser, porém, disse elle, ha tantas noites sem lua e sem estrellas, e a felicidade dá um contentamento que sempre dura"... E dormiu.

No outro dia, levantou-se, tomou um banho num regato proximo e seguiu. Encontrou um garoto soltando, ao vento fresco da manhã, um bonito "papagaio". Jujú ficou muito tempo olhando, com prazer, o brinquedo do outro e pensando que um "papagaio" como aquelle devia

dar a felicidade. Lembrou-se, porém, de que a felicidade, além de dar uma alegria eterna, está ao alcance de todos.

Ora, um papagaio, nem todos podem ter, pensou Jujú, que nunca tivera um. E seguiu o seu caminho...

Jujú já estava quasi desanimado de encontrar a felicidade, quando achou, na rua, um livro de *A B C*. Apanhou o livro, levou-o para casa e aprendeu a ler.

E depois que aprendeu, ficou muito alegre porque sabia ler historias e mais uma porção de cousas. E então disse:

"Agora descobri a felicidade – porque este livro me dá uma alegria que dura sempre, mesmo sem que eu veja as arvores, nos dias sem sol, quando os passaros não cantam, nas noites sem lua e sem estrellas e quando não tenho brinquedos..."

E ficou sempre muito alegre — Jujú havia descoberto a felicidade.

AS MÁS COMPANHIAS

AS PYRAMIDES DO EGYPTO

A humanidade, nos tempos que correm, admira com verdadeiro espanto esses gigantescos monumentos de construcção que são as pyramides do Egypto e indaga, sem duvida, como puderam ser erguidas tão formidaveis edificações na infancia da humanidade, que se debateu na falta de recursos necessarios á cyclopica obra.

A verdade, porém, é que as pyramides do Egypto deviam ter sido construidas como indica a gravura que encima esta pagina.

Quando as primeiras pedras foram collocadas no seu logar construiu-se um terreno elevado e inclinado pelo qual foram sendo arrastadas as outras pedras e o terreno foi se erguendo á altura necessaria, á medida que as pedras iam sendo sobrepostas.

Encarregaram-se desse trabalho milhares de escravos que arrastavam os pesados blocos de pedras, indo atraz destas muitos escravos ajudando com alavancas.

A construcção das pyramides do Egypto durou trinta annos e dizem que ellas são o trabalho de cem mil escravos.

A CORTINA MARAVILHOSA

(De MARIA EMILIA)

Era uma vez um rei, já velhinho, mas tão bondoso e caritativo que todo o povo o adorava. No paiz desse monarcha a vida corria calma e feliz, pois o trabalho, feito na calma e suave convivencia do povo com o rei, fructificava em riquezas.

O rei de tão ditosa terra tinha uma filha, a princeza Yone, que passava os dias occupada na santa missão de instruir os meninos pobres do reino de seu pae. Assim sendo, o palacio do rei hospedava sempre grande numero de creanças, carinhosamente tratadas e instruidas pela bôa princeza.

Um dia, nas proximidades do Natal, a princeza Yone, de accordo com seu augusto pae, resolveu dar aos meninos que moravam no palacio real, os mais uteis e maravilhosos presentes que se imaginar pudessem. Mas, que presentes seriam esses? — indagavam muitos nobres que souberam das intenções da linda princeza. A princeza, porém, guardou o mais absoluto segredo, a ninguem disse em que haviam de consistir os presentes que ella daria aos meninos pobres que frequentavam o palacio do rei, os quaes, ansiosos, viam todos os dias, enormes caixotes entrar para as salas do palacio.

Na vespera do Natal, a princeza Yone chamou os meninos pobres e, levando-os para uma das enormes salas do palacio, mostrou-lhes uma enorme porta velada por uma cortina de velludo, dizendo-lhes:

— Atraz daquella cortina vocês vão encontrar os mais uteis e maravilhosos presentes que existem no mundo. Buscae-os! Os meninos precipitaram-se, correndo, para a cortina de velludo e, afastando-a, viram centenas de livros, ricamente encadernados. Apanhando-os, folhearam-nos avidamente, encantados com a leitura e as illustrações que seus olhos viam. A princeza Yone déra, de facto, aos pobrezinhos do palacio do rei, as mais uteis e maravilhosas prendas, dera-lhes livros, preciosos mestres, educadores emeritos que guardam e ensinam conhecimentos necessarios á cultura de toda a gente.

HYMNO NACIONAL

I

Ouviram do Ypiranga as margens placidas,
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da Liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céo da Patria nesse instante.

Si o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

O' Patria amada,
Idolatrada.
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céo, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela propria natureza,
E's bello, és forte, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céo profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Illuminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

O' Patria amada,
Idolatrada.
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja symbolo,
O lábaro que ostentas estrellado
E diga o verde-louro dessa flammula
— Paz no futuro e gloria no passado.

Mas, si ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á luta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

O S O R I O   D U Q U E   E S T R A D A

GATINHOS

Vocês sabem porque o gato, o lindo e pacifico animal que existe em quasi todos os lares, é inimigo decidido do rato? Certamente não sabem mas a lenda que se segue instruirá todos os leitores acerca da tradicional inimizade entre o gato e o rato.

No principio do mundo, o gato era escravo do homem mas essa condição de servo eterno não lhe convinha, nem lhe agradava. Por isso, o gato resolveu juntar dinheiro, vintem por vintem, e comprar a seu amo a carta de alforria.

Por muita necessidade passou o pobre gato, que economisava tudo o que tinha para juntar o dinheiro preciso afim de comprar a sua liberdade.

Chegou o dia, afinal, em que o gato teve a somma exigida para o resgate de sua liberdade.

Seu amo, em troca do dinheiro recebido, deu-lhe a almejada carta de alforria, e o gato, na mais louca das alegrias, nem sabia onde guardar o precioso documento que lhe assegurava a ventura de não ser mais escravo. Aquella carta era um thesouro precioso e elle teria de guardal-o com muito cuidado e em logar seguro.

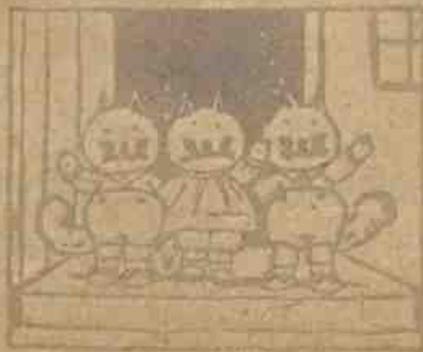
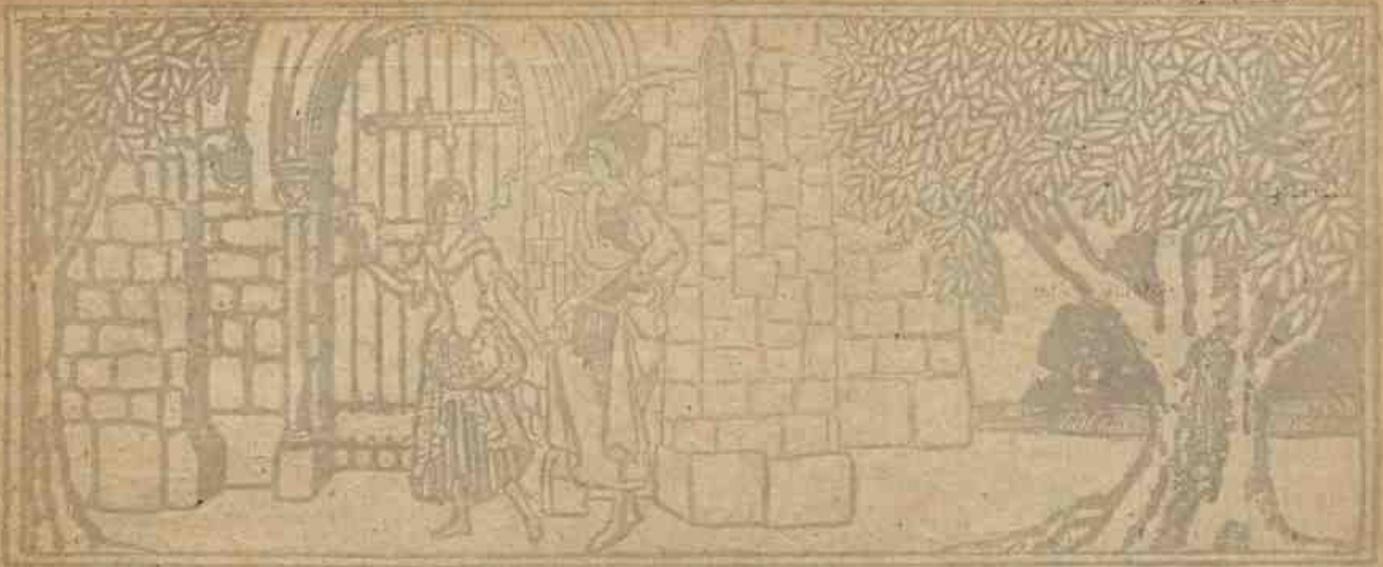
Mas o gato não tinha um cofre, um logar, emfim, capaz de esconder a carta querida.

E, nessa difficuldade, foi falar ao rato e pedir-lhe que guardasse, num buraco da parede, num vão qualquer que melhor encontrasse, a carta de tamanho valor. O rato accedeu e levou a carta para o buraco onde morava.

Mas rato róe tudo e o rato, que parecia tão amigo do gato, tambem roeu a carta que recebera para guardar.

Quando o gato, um dia, pediu a carta e viu-a toda ruida ficou tão furioso que comeu o rato.

E desde então não ha gato que não persiga tenazmente qualquer rato que lhe appareça sob os olhos.

JORGINHO

AS ESPEVITADEIRAS DE OURO

Havia, outr'ora, num paiz muito distante, cujo nome não sabemos, um majestoso castello com sete torres. Na mais alta dessas torres o rei do paiz havia encarcerado um feiticeiro que o tinha offendido. O castello estava situado junto de um caminho que levava ao palacio do rei e, uma noite, apesar do grande numero de soldados que vigiavam o feiticeiro, este fugiu sem que ninguem visse. E logo depois de sua fuga, todos viram que da torre onde estivera preso projectava-se uma luz verde, tão intensa que illuminava todos os arredores.

Os soldados viram, então, que um cãozinho que passara sob os raios da luz verde ficara immediatamente com o corpo da mesma côr da luz. Até o rei, que casualmente por ali passara a cavallo, ficou com a sua montada toda verde. — Isto é obra do feiticeiro! — disse o rei, que ordenou a seus soldados que subissem á torre do castello e apagassem a luz verde. Varios soldados chegaram até proximo do castello mas, antes de entrarem, ficaram com a pelle e as roupas todas verdes.

Ninguem era capaz de apagar a luz mysteriosa. Todos que tentavam essa empreza tornavam-se, verdes antes de chegarem ao castello. Até a princezinha, filha do rei, que estava brincando no campo, foi attingida pelos raios de luz que vinham da torre e ficou toda verde. Seu irmão, o formoso principe David, unico filho varão do monarcha, em vão pediu ao pae que o deixasse subir á torre. Esse heroico offerecimento trouxe como consequencia um estranho resultado. Na mesma noite em que o rei negou ao principe permissão para subir á torre do castello, apresentou-se a elle uma joven, andrajosamente vestida, que vendia flores nos portões do palacio.

— Majestade — disse a joven — entrarei na torre do feiticeiro para apagar a luz mysteriosa mas com uma condição: — dar-me-ás como esposo o principe David.

O rei poz-se a tremer diante daquella moça de aspecto miseravel, com os vestidos sujos e roidos e o rosto sujo de lama, emquanto o principe, a seu lado, mostrava-se lindo, esbelto e bem posto.

— Pae, disse o principe — eu me casarei com esta joven se ella apagar a luz que tanto damno tem causado a nosso povo.

O rei accedeu e a joven, tomando a mão do principe, dirigiu-se para a torre encantada.

— Não te assustes — disse a joven ao principe. E ao se approximar da torre tirou do seio uma grande chave de ferro. Ao abrirem a porta de entrada do castello, cahiram-lhes sobre as cabeças milhares de teias de aranha. Levando o principe pela mão, a joven subiu uma escada que levava á torre encantada. A luz era cada vez mais forte á medida que elles se approximavam. Por fim, chegaram a uma sala redonda cheia de fumaça mal cheirosa que se desprendia de uma lampada. A luz verde, intensa, feria-lhes os olhos e os corpos. No centro da sala, sobre a lampada, havia uma estranha lanterninha que mudava em verde os raios de luz.

— Prompto! — exclamou a joven. Põe isto na luz! — disse, entregando ao principe umas espevitadeiras de ouro. — São magicas! Anda depressa!

O principe, emocionado, chegou as espevitadeiras á chamma da lampada, que se apagou deixando tudo na mais profunda escuridão. Ouviu-se, então, um ruido ensurdecedor, estrepitos de vidros que se partiam e logo tudo volveu a completo silencio.

NOSSAS PAGINAS DE ARMAR

A FEIRA LIVRE

A gravura acima é o modelo do primoroso brinquedo de armar que vae publicado em outro logar deste Almanach. Acompanhando esse modelo poderão os meninos armar com facilidade a *Feira livre*.

O principe, levado pela mão da joven, desceu a escada apprehensivo porque, como havia promettido, teria de se casar com aquella mulher que, verde como elle, tinha um aspecto horroroso e repugnante.

— Agora, deves beijar-me, Principe! — falou a joven.

Vencendo a repugnancia que lhe causava beijar uma creatura tão feia e suja, o principe obedeceu. Instantaneamente, brilharam luzes por todos os lados e David encontrou-se entre as paredes do velho castello real, em frente a uma mesa de banquete de nupcias. Assombrado, David olhou para os lados e viu que a joven suja e feia tinha-se transformado na mais bella de todas as princezas. Olhou para um espelho e viu, tambem, que não estava mais verde e sim formoso e joven.

— Isto é um encantamento? — perguntou o principe.

— Sim, respondeu a joven. Minha avó, que me deu as espevitadeiras de ouro, tinha uns brincos de ouro e como não quiz dal-os ao feiticeiro, este me transformou na feia e suja joven que conheceste. O feiticeiro perdeu o seu grande poder com a extincção da luz verde e com um beijo de um principe bondoso.

Instantes depois, chegavam ao castello o rei, a rainha e toda a côrte. Para festejar tão grande acontecimento, fizeram-se festas, que foram coroadas com o pomposo casamento de David com a linda joven, que ficou conhecida pelo nome de princezinha Alvorada, por que tinha nas faces o rubor maravilhoso das madrugadas.

A URUBURETAMA

(LENDA INDIGENA)

Na taba longinqua dos indios selvagens a velha tapuia de face engelhada, contava de noite, em redor da fogueira, historias e lendas aos seus "columys".

E, emquanto os pequenos attentos ouviam os contos que a velha sabia contar, os homens, guerreiros da tribu, em silencio, lembravam que em tempo de quando crianças, as mesmas historias ouviram tambem.

E a velha dizia:

— Eu era menina no tempo em que a guerra maior que fizemos estava feroz. Dos nossos guerreiros o mais destemido, mais forte e mais bravo era Uruburetama.

Os brancos lutavam com raios de fogo que tinham estrondos iguaes ao trovão, ferindo, matando de longe, bem longe do alcance das settas dos nossos arqueiros.

Uruburetama consegue uma noite, de rastros rojando com o ventre no chão, entrar no reducto dos brancos audazes e a filha do chefe dormindo roubar.

No dia seguinte se viu a prisioneira que tinha nos olhos o verde das aguas; a pelle mais branca que o alvo "cará" e os longos cabellos da côr do ouro novo tirado do fundo das grotas das minas.

Pediu que a deixassem voltar para os seus, dizendo que a guerra faria cessar; porém o cacique a escolheu por esposa. Seria a rainha dos indios valentes, senhores das terras dez leguas em volta. Na vespera á noite do dia marcado p'ra o grande festejo que as bodas seriam, fugiu a prisioneira com Uruburetama que foi novamente leval-a aos seus paes.

Porém a "uyara", talvez com ciumes, na hora em que os dois atravessam o rio, virou a canôa que os fez ir ao fundo, não mais sendo vistos em parte nenhuma.

Affirmam diversos selvagens que, ás vezes, nas noites de lua, quem tem a coragem de olhar para dentro do fundo das aguas, avista lá longe, no verde palacio da "uyara", uma joven de longos cabellos da côr de ouro novo, tirado do fundo das grotas das minas...

De Uruburetama ninguem soube mais. As aguas do rio guardaram segredo do ponto em que o joven guerreiro ficou.

Mas uma ave negra que, ás vezes, esvoaça no campo em que havia o reducto dos brancos parece que é a alma de Uruburetama, penando o remorso de ter, uma noite, de rastros rojando com o ventre no chão, roubado dos brancos a filha do chefe que de desespero e saudades morreu...

TRANCOSO.

NATAL DE UMA ORPHÃ

Mary era uma creança tão docil como bella.

A belleza do seu rosto igualava-se á do seu coração e á da sua alma pura e immaculada.

Quem a visse sentir-se-ia enlevado ao contemplar aquelle rosto meigo e compassivel. O seu sorriso encantador penetrava no mais recondito d'alma como uma musica mysteriosa e divina. A sua falla tão doce cahia no coração maguado como gottas de um poderosissimo balsamo.

Emfim, era um anjo que, abandonando o céu, descera á terra, com o fim de suavizar a dor alheia, com palavras meigas e confortaveis.

Quando pequenina, após a morte de sua mãe, fôra entregue aos cuidados de um tio. Porém, depois da morte delle, a vida apresentou-se-lhe muito diversa do que ella imaginara. As primas, apesar de serem tambem creanças de sua edade, conheciam os predicados do seu bondoso coração e, não podiam conformar-se com a idéa de soccorrer os necessitados, sem os conhecer, tal era a ignorancia, que já corrompia os seus corações adolescentes. Ellas ignoravam que a caridade applicada a um conhecido como a um estranho, tem o mesmo valor.

Devotavam-lhe grande odio e mordiam os labios de despeito, quando alguem exaltava as bellas qualidades de Mary.

A tia era o seu verdugo, obrigava a pobrezinha a fazer os mais crueis trabalhos e, á noite, quando exhausta acabava a sua difficil tarefa, obrigava-a a fazer chales e capotes de lã para suas perversas filhas.

Todavia supportava com resignação aquelle supplicio, sem nunca ousar contar a ninguem a sua triste sorte.

Entretanto chegára o dia de Natal!

A manhã estava linda. O sol, mais bello do que nunca, derramava sobre a terra os reflexos dos seus raios dourados, inundando-a em caricias de luz. A brisa, amena e suave, embalava docemente as copas das arvores, agitando os mimosos ninhos, como mãe solicita e carinhosa embalando no regaço o filhinho adorado. Os passarinhos, fazendo uma algazarra alegre, esvoaçavam em revoada, imitando as creanças que sorriam satisfeitas com os brinquedos que Pápá Noel lhes deixára. Tudo coadjuvava para que a satisfação daquelle dia fosse completa.

Tambem na casa de Mary, reinava contentamento.

Suas primas haviam ganho uma infinidade de lindos e custosos brinquedos e muitos saquinhos de bombons e confeitos.

Brincavam em companhia de umas meninas ricas, e nenhuma dellas se lembrava de que existia em casa uma pobre infeliz, que Pápá Noel esquecera.

Nisto uma das primas de Mary, trocando um olhar de intelligencia com a irmã, sorriu ironicamente e exclamou em tom zombeteiro:

— Que teria ganho a pateta da Mary?

As meninas ficaram pensativas por alguns instantes e uma dellas propoz:

— Vamos ver?!

— Vamos — repetiram as outras em côro, e lá se foram, como um bando de inconstantes borboletas, perturbar a melancolia que reinava no espirito de Mary com palavras duras e crueis.

Ao chegarem á cozinha onde a pobre Mary desempenhava as funcções de cozinheira, uma dellas perguntou, escarnecendo:

— Minha menina bonita, que ganhaste de Pápá Noel?

Mary corou muito, ao ouvir as volatas sonoras e argentinas das gargalhadas, que repercutiam nos seus ouvidos, crueis e escarnecedoras; mas, cedendo aos impulsos do seu nobre coração, respondeu, erguendo os olhos para o céu:

— Nada!

— Com certeza, ella pediu algum disparate! exclamou alegremente, uma das meninas.

Mary fitou nella um olhar de terna censura e murmurou:

— Não, menina, eu pedi sómente, que me restituissem a minha mãezinha, que ha tempos está no céu... mas elles não m'a quizeram restituir...

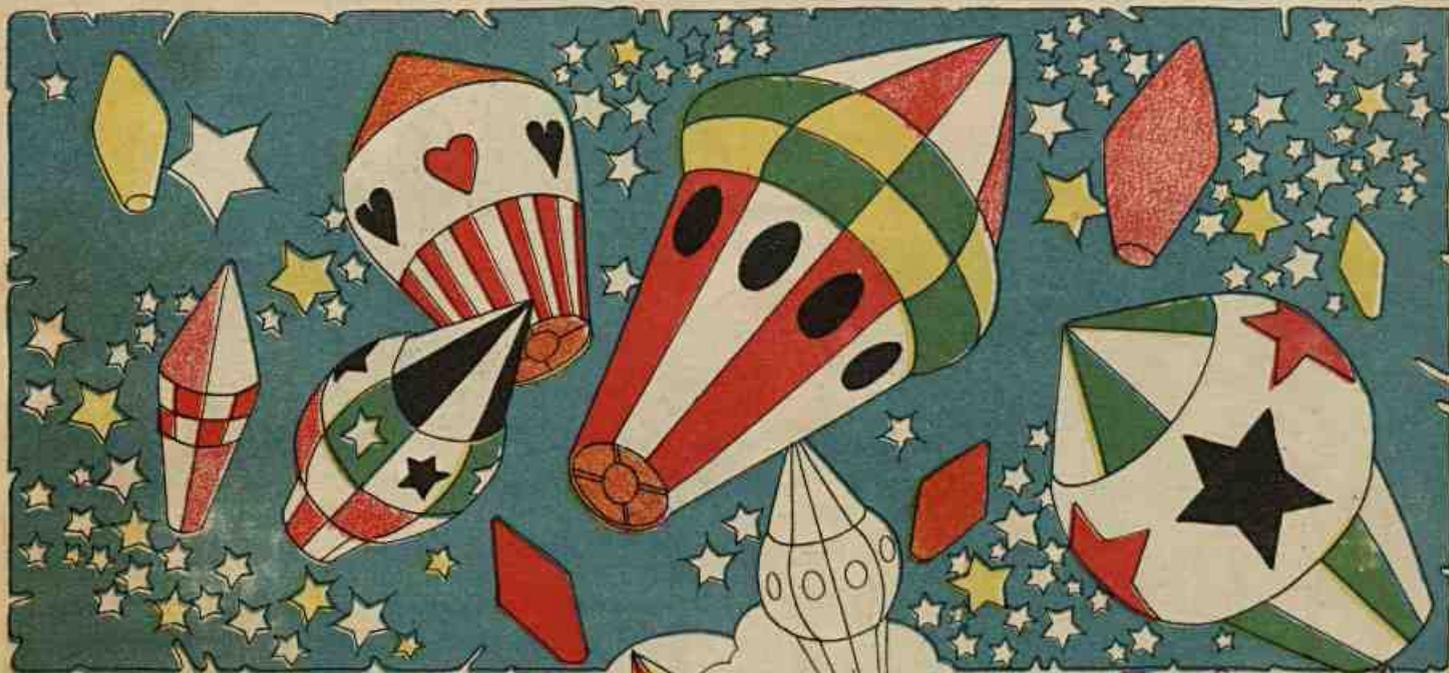
Mary, ao terminar as ultimas palavras, quedou-se pensativa, pallida e commovida.

O riso que ainda pouco fôra provocado pelas palavras chistosas da menina interessante cessou como por encanto e ellas viram deslizar pela face de Mary, uma lagrima silenciosa e triste...

Vendo que as suas amigas iam pouco a pouco se commovendo, as duas irmãs auxiliadas pela outra menina, trataram de convencer as outras, de que não deveriam dar ouvidos a uma pobre creança e desta fórma, a pobre Mary ficou esquecida e desprezada como sempre... pelas creanças que em menos de um minuto seguiram as outras, pois, as creanças são inconstantes e voluveis como as ondas do mar...

Na manhã seguinte, vendo que ella não se levantava a tia foi chamal-a e, qual não foi a sua surpreza, ao encontrar, não a linda e triste menina de outróra, mas um corpo frio e endurecido como a pedra marmore! Ali, como uma santa, jazia inanimada a gentil Mary. Ao fechar para sempre os meigos olhos côr do céu, para talvez abril-os na eternidade, o paiz do somno eterno, a linda creança esboçou um terno sorriso, no qual transparecia toda a sua meiguice e castidade.

Teria ella supplicado a morte ou seria o Creador, que, não podendo vel-a soffrer mais, viera buscal-a para o seu amantissimo seio?!

Heloiza Baptista.

CAE, CAE BALÃO!...

Na noite linda, na noite fria
Que foi a noite de São João,
As estrellinhas da Via-Lactea,
As estrellinhas da immensidão,
Fugiram todas do céo, a medo,
E aqui da Terra, toda em folguedo,
Toda cercada de fogueirinhas,
Subiram luzes e lanterninhas,
Azues, vermelhas, de mil balões!

Luzes que correm dos mil balões
São bem a imagem das illusões!...

Balão que sóbe, que o vento leva...
Vae, vae balão!...

Balão que desce, frio, apagado...
Cae, cae balão!...

Balão que sóbe, — sonho, anciedade,
E' a imagem viva da mocidade...

Balão que desce! — já alguem me disse.
Que é a tristeza de uma velhice...

Balão que sóbe...
Vae, vae balão!..
Balão que desce...
Cae, cae balão!...

CARLOS MANHÃES

A FEIRA LIVRE

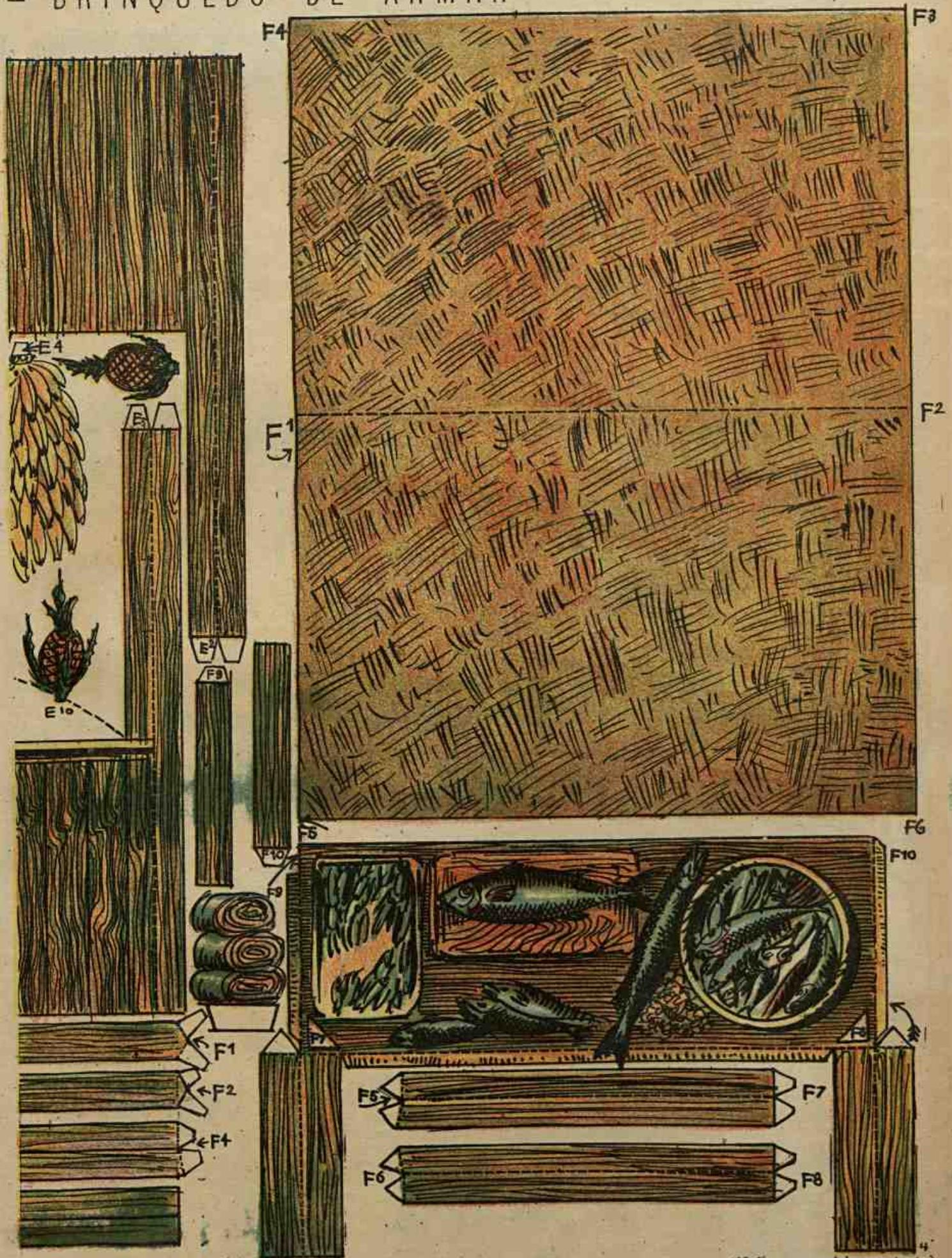
— BRINQUEDO DE ARMAR

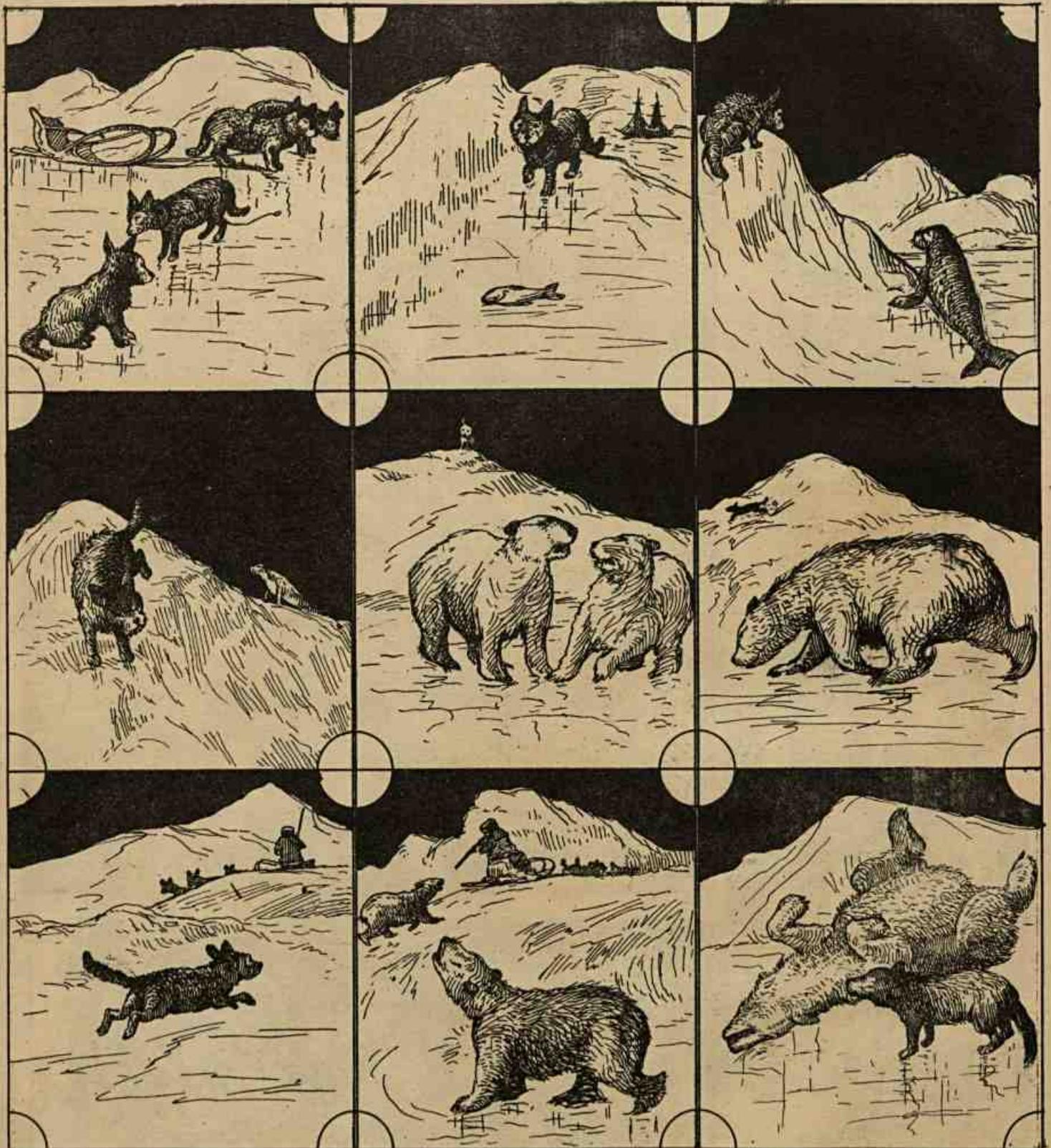
(Vejam o modelo no texto)

OS 5 CREADOS DO PRINCIPE BUSCAVENTURA
Illustrações de Cicero Valladares
O *Principe Buscaventura* ouviu, um dia, falar da maravilhosa belleza da Princeza Yvonne. Resolveu, pois pedil-a em casamento. Montou em seu bello cavallo e tomou a estrada que conduzia ao castello da Princeza.
No caminho, deitado sobre a relva, estava um homem enorme e gordo fazendo a sésta. — "Como te chamas, perguntou-lhe o Principe. — "*Engoletudo*, é o meu nome e procuro um emprego". — Segue-me, disse-lhe o moço.
Mais adiante encontrou um outro, com o ouvido encostado á terra. — "O que fazes ahi? — perguntou o Principe *Buscaventura*. — "*Ouvetudo*, me chamam porque ouço tudo que se passa no mundo e procuro um amo. — "Siga-me, disse o cavalheiro.
Busvaventura, mais adiante, encontrou um outro sujeito tão alto... tão alto... que chegava ás nuvens. Admirado, perguntou como se chamava. — "*Estica*, para o servir, pois tenho o dom de me esticar á vontade, se quizer como cria-
do!" "Siga-me..." disse-lhe o Principe.
Debaixo do sol, ardente, estava um outro homem a tremer de frio! — "Por que tremes de frio, quando tanto calor faz?!
Tremetreme. No calor. — "Chamam-me de sinto frio! — Quando gela, tenho medo de morrer queimado!" — Vem, commigo, disse-lhe *Buscaventura*.
No cimo de uma montanha encontrou mais um outro homem que estava a espiar para todos os lados. — "Que fazes ahi e como te chamas?... —"*Espiatudo*, é meu nome, porque descubro e vejo
tudo o que está escondido em qualquer canto da terra! — "Magnifico... tomo-te como meu creado". Em seguida o Principe *Buscaventura* e seus cinco creados tomaram a direcção do castello da Princeza Yvonne, que já estava na varanda á espera do moço pretendente á sua mão. A Rainha, madrasta e inimiga da Princeza; exigia, como primeira condição, que o noivo lhe restituisse um annel precioso que tinha perdido. *Espiatudo*, o descobriu ao pé de um rochedo do Mar Vermelho e *Estica*, estendendo o braço, seguiu á direcção dada, apanhou o annel e o devolveu á Rainha!
A Rainha exigiu, em seguida, que o moço Principe comesse, em uma só refeição, cem bois e bebesse cem tonneis de vinho. *Engoletudo*, antes

meio dia, tinha devorado e bebido tudo e ainda pedia mais!
A Rainha, que na feitiçaria, impoz que o Principe *Buscaventura* e seus creados guardassem a Princeza na camara do Castello, dizendo que iriam roubal-a... e meia noite, menos um quarto, adormeceu todos os guardas da camara e mandou seus genios maus raptar a joven...
Desesperado ficou o principe, quando cinco minutos antes de bater as doze horas, acordou e viu que tinham roubado a Princeza Yvonne!
Espiatudo, porém, a descobriu sentada num rochedo e *Estica*, percorrendo 7.800 kilometros por segundo, a devolveu ao Principe, faltando 5 minutos para meia noite!
Furiosa, com o insuccesso e com os creados do Principe, a Rainha jurou vingar-se.
E ordenou ao Principe que um dos seus creados fosse atirado á fogueira e sahisse vivo, era da vontade de Deus ser a Princeza Yvonne esposa do Principe *Buscaventura!*
Tremetreme, immediatamente se sujeitou á prova.
E tanto frio sentiu que sahiu vivo da fogueira, porém batendo os queixos — completamente gelado! —
Nobres fidalgos, de todas as nações, vieram ás bodas dos principes.
Buscaventura e Yvonne viveram muito felizes, sempre servidos fielmente pelos seus cinco originaes creados!

A FEIRA LIVRE

— BRINQUEDO DE ARMAR

(Vejam o modelo no texto)

CÃES DE TIRO

Nas regiões antarcticas um cão de tiro fugiu dos arreios que o prendiam ao trenó e sahiu a correr, desprezando o conselho dos companheiros que, a latir, diziam que voltasse e não se afastasse dali, que aquellas regiões eram perigosas e infestadas de muitos inimigos. O fujão não quiz ouvir os bons conselhos, como fazem alguns meninos mal educados. O que elle queria era correr, passear, libertar-se do trabalho de arrastar o trenó.

Como acontece, porém, aos desobedientes, não tardou a se arrepender. Primeiro encontrou um peixe morto; o cão tremeu, mas foi cheirar o peixe e mais além uma phoca. Essa o assustou de tal modo que elle fugiu aterrado e foi parar perto de dois ursos polares. Ahi o susto ainda foi maior, porque os ursos lhe sahiram atraz em perseguição. O cãozinho para se ver livre dos ursos correu para o trenó. O patrão, que tudo vira, póz o trenó em movimento e a tiros de carabina abateu os ursos.

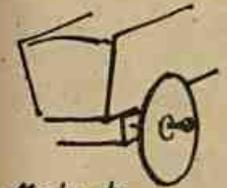
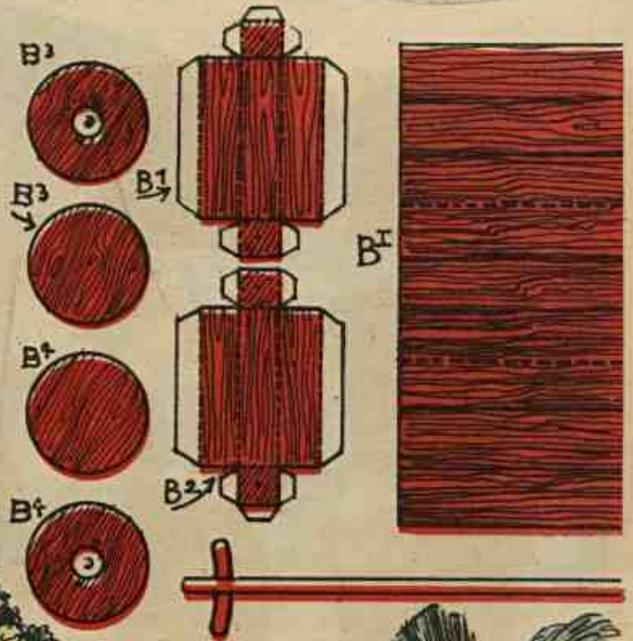
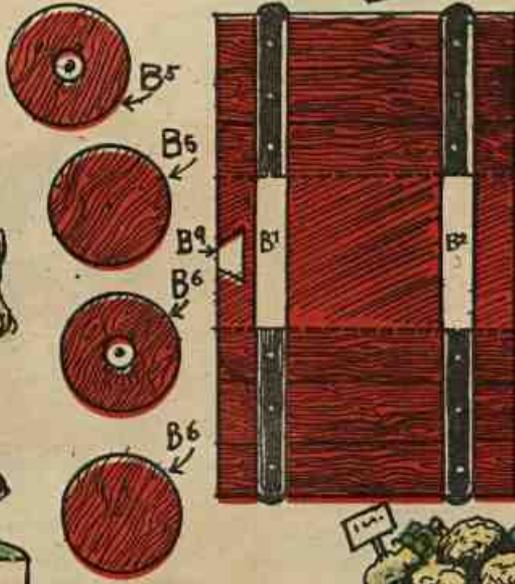
O cãozinho viu o quanto lhe ia custando a brincadeira e jámais desobedeceu ás ordens do patrão.

Aos meninos teimosos e desobedientes tambem acontece cousas como estas.

Pela primeira vez
em sua vida
Chiquinho esquece
as suas
diabruras e
SONHA
com uma posição
brilhante
no futuro.
ENGENHEIRO?
ADVOGADO?
MEDICO?
NEGOCIANTE?
Qualquer pae
pode garantir
a realisação
deste SONHO
instituindo um seguro
no plano
DOTAÇÃO DE CREANÇA
na
"SUL AMERICA"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA
Peça Informações

A FEIRA LIVRE

— BRINQUEDO DE ARMAR

B B5 B5 B9 B1 B2 B6 B6 B3 B3 B1 BI B4 B4 B2,1 D1 D2 C C C

Modo de pregar as rodas do carrinho com alfinetes.

(Vejam o modelo no texto)

Z É P A C A

O Zé Paca acordou muito cedo para caçar e ao chegar no matto encostou-se a uma arvore e adormeceu. Sonhou, então,...

...que estava cercado de caças: macacos, onças, coelhos, veados e até cobras.

Era um verdadeiro pesadelo e o pobre mal respirava, ansioso. Afinal, aquella bicharada depois de passar-lhe...

...muitas vezes por cima do corpo, amarrara-o pelos pés arrastando-o como se fosse um pedaço de madeira. O Zé Paca estava afflicto, a gemer, e via-se agora...

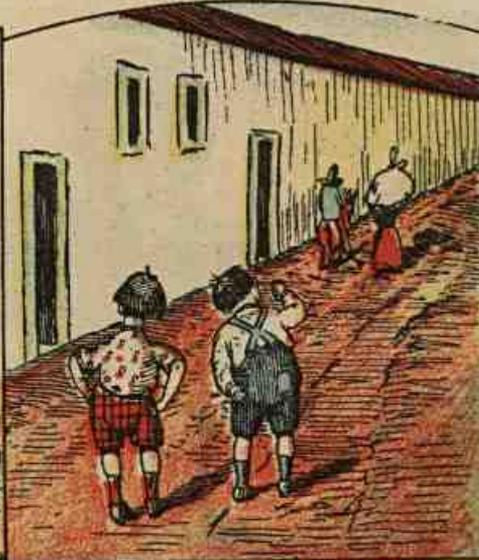
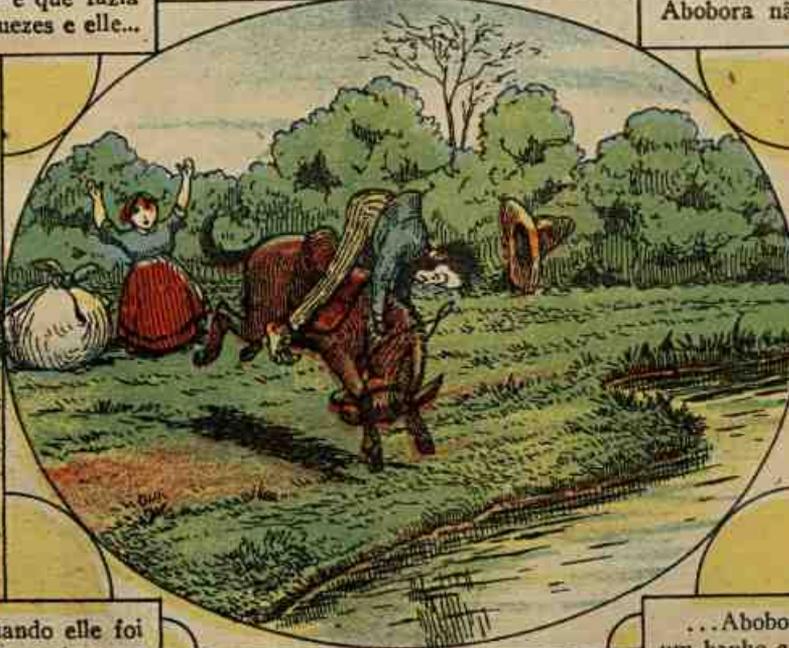
...rodeado das caças, que, de mãos dadas, urravam e dansavam em torno de seu corpo e, não havia duvida, iam agora devoral-o. Elle já sentia os afiados dentes da onça...

...rasgar-lhe as carnes. Num supremo esforço o Zé levantou-se e sahiu a correr. Tropeçando, cahiu,...

...sentindo os pellos da sua propria bolsa roçar-lhe no rosto. Pensando que...

...fosse uma féra, gritava. E ouviu uma gargalhada. Era um seu rival, caçador, que se ria á sua custa.

"SEU" ABOBORA

"Seu" Abobora era muito pobre e muito preguiçoso. A mulher é que fazia tudo: levava roupa aos freguezes e elle...
...montado, quasi a dormir, acompanhava-a. Os garotos faziam-lhe troça, mas elle não se incommodava. Um dia...
...os garotos puzeram algumas pedrinhas meudas debaixo do sellim e "seu" Abobora não viu, porque estava...
...dormindo na rêde. Quando elle foi montar, a besta sentindo as pedras no lombo, pôz-se a corcovear e a dar...
...couces e, encaminhando-se para a margem de um ribeiro, atirou o "seu"...
...Abobora n'agua. O homem tomou um banho e depois ouviu a mulher dizer que aquillo era castigo porque elle não...
...trabalhava. Dessa hora em deante "seu" Abobora mudou por completo Dava gosto vel-o engommando, lavando,...
...carregando trouxas de roupa. A sua pequena lavoura augmentou. a mulher tornou-se alegre e já lhe sobrava tempo...
...para coser e cuidar da casa. A felicidade tinha-lhe entrado no lar. O *seu* Abobora até já não tinha cara de chuchú
A. Rocha

A FEIRA LIVRE

E6

C2

BRINQUEDO DE ARMAR

(Vejam o modelo no texto)

ARVORE DE NATAL DO LABORATORIO BIOCHIMICO BRASILEIRO
Ladeira do Leme, 6
Rio de Janeiro
HEMOPATOL
BIONIL
HEMOPATOL
=ELIXIR E GOTTAS=
O extraordinario depurativo e anti-rheumatico poderoso
=BIONIL= ELIXIR=
O mais completo e o mais energico fortificante conhecido
MINORATIVAS
=PASTILHAS=
O especifico da Prisão de Ventre, grande auxiliar therapeutico nas molestias do figado e do baço.

O DEUS MENINO E OS MENINOS MÁOS

(CANÇÃO MINHOTA)

Inda o sol doura de leve
As folhinhas do pomar:
Já se vê o Deus Menino
Na sua officina entrar.

Chegam Anjos á porfia,
Com grande espanto no olhar;
"Que fazeis, Menino Deus,
Que assim vos estaes a cançar"?!

Menino Jesus calado,
Sempre, sempre, a trabalhar;
E das suas mãos divinas,
Lindas cousas a brotar!

Os corações das crianças
Sentem jubilo sem igual,
Ao receber os brinquedos
Do amigo celestial.

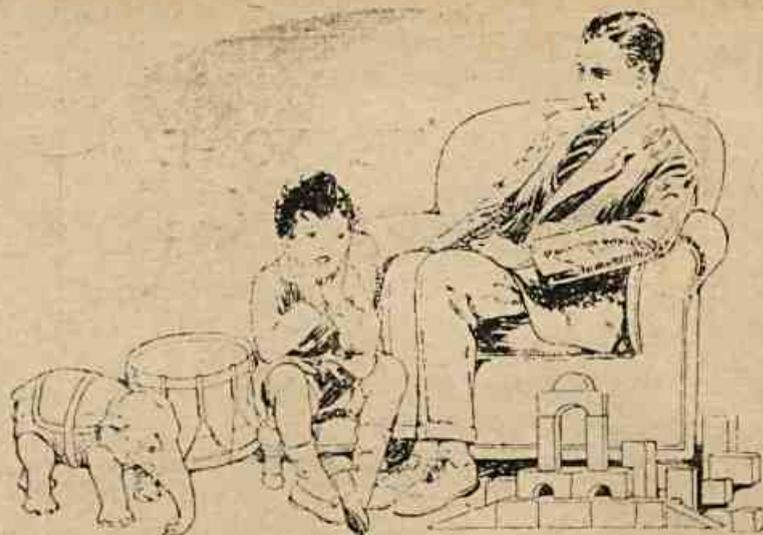
Já o sol morde as campinas,
Banha as casas do logar,
Em volta do Deus Menino,
Vão-se as crianças juntar.

"Vinde a Mim, vós, pequeninos,
Que inda não sabeis peccar;
E' santo o vosso folguedo.
Vinde commigo folgar.

Os brinquedos que eu vos trago,
Hão de ensinar-vos a amar!
Bemditos vós, pequeninos,
Que não conheceis o mal!..."

Mas ha meninos maldosos,
Por falta de educação...
Não são daquelles, ditosos,
Guiados por meiga mão.

Por isso, a Virgem Maria
Está sempre, sempre a chorar,
Sabendo que esses meninos
A seu Filho hão de matar!...

São meninos desgraçados,
A quem ninguem fez ouvir
A voz divina, coitados!...
Por elles vamos pedir!

OS MANDAMENTOS DE PAPÁ NOEL

No dia de Natal Walter acordou cêdo e ficou muito contente quando viu os seus sapatinhos cheios de brinquedos, porém, dentro de um lindo automovel achou um papel azul muito dobradinho. O menino desdobrou-o e viu que era uma carta, mas como não soubesse ainda lêr direito, entregou-a a sua mãe que, pacientemente leu para que elle ouvisse. Tratava-se de uma missiva de Papá Noel que estava escripta nos seguintes termos:

Walter,

Como tens sido um bom menino, deixo-te esses brinquedos, mas para que sejas sempre muito estimado deves seguir os "Meus mandamentos" que são:

1.° *O amor á familia*.

Respeitarás pae e mãe porque são os teus melhores amigos; se lhes dedicares apenas muita amizade, farás a felicidade delles mas não a tua, porque essa depende do respeito e da educação; por exemplo: se tiveres ensêjo para offender alguem e elles estiverem presentes, lembra-te sempre de que não deverás fazel-o e assim irás educando o teu genio, conseguindo dominal-o se o tiveres excessivo; mas, á vista de teus paes, nunca profiras uma palavra má ainda mesmo que te pareça necessario.

Para os teus irmãozinhos, deverás ser sempre meigo e generôso, protegendo-os quando te fôr possivel, caso elles necessitem de amparo, porque o "dever do forte é defender o fraco"; emfim, a todos a que estejas ligado pelos laços de sangue e affeição, deverás respeitar e acarinhar, mas não sejas interesseiro... pois isso abre o caminho á felicidade e para que sejas um homem de bem deverás proceder sempre com toda a lealdade!

2.° *A instrucção*.

Deverás estudar bastante, pois sem isso o homem pouco vale e o saber, a par da educação, ajuda-o a galgar elevados postos vencendo muitas injustiças!

Quando tiveres occasião de lêr um bom livro, nunca deixes de o fazer porque "o livro é o nosso melhor amigo..."

Assim, estarás apto para vencer!

3.° *A indulgencia*.

Deverás tel-a para com as faltas de outrem porque — lembra-te sempre — todos nós erramos e os erros alheios que hoje censurares poderão ser os teus de amanhã; por isso, vae aprendendo a desculpar pois o "bom julgador por si julga" e "quem muito fala muito erra..."

4.° *A caridade*.

Deverás pratical-a sempre que se offereça opportunidade, pois suavisarás muitas dôres e uma simples moeda, que não te faz falta, poderá ser a portadôra de alegrias para algum desgraçado; e, lembra-te sempre de que "o bem que hoje fizeres, recebel-o-ás amanhã."

5.° *A religião*.

Esse é um dos principaes, porque te dará coragem para vencer!

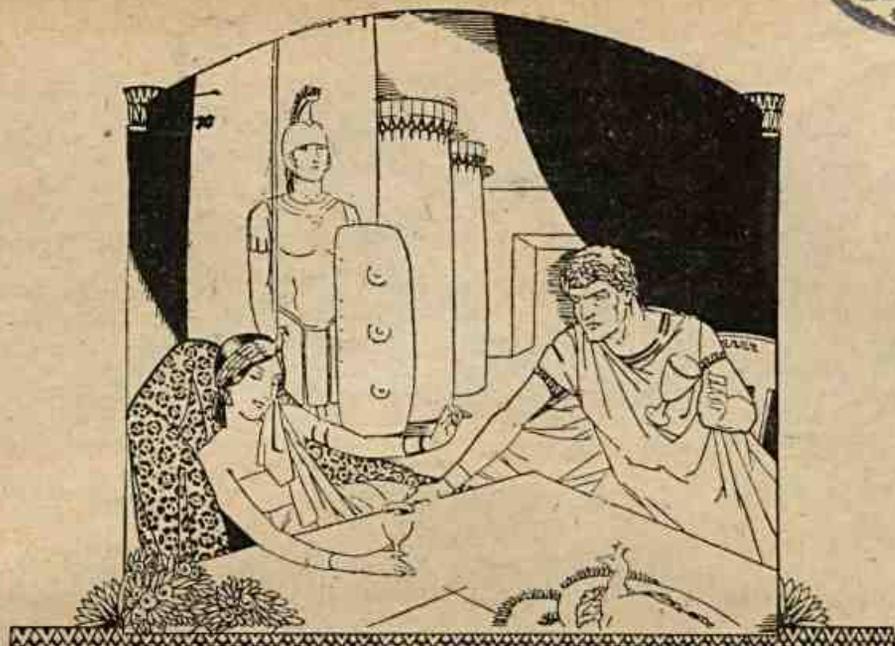
Nós precisamos respeitar um "Ente Superior" para enfrentar com doçura as tempestades da vida!

Não imaginas como conforta conversarmos com o Christo quando nos vemos em desespêro; Elle, que soffreu tanto — dando-nos o exemplo para a Redempção, é sempre tão indulgente e confortador que, quando estou prostrado a seus pés, sinto-me resignado e venturôso!

Seguindo os "Meus mandamentos" serás um homem de bem e terás feito a tua felicidade que é o que de coração deseja a todos os amiguinhos da terra o velho

Papá Noel

Walter, que já era um bom menino, seguiu aquelles mandamentos e é hoje um mocinho feliz e estimadissimo pelas suas virtudes.

MARIA ALDA

AS FAMOSAS PEROLAS DA RAINHA CLEOPATRA

Ha muitos annos, centenas de annos são passados, existiu uma rainha do Egypto, chamada Cleopatra e dotada de fascinante belleza. Conta a historia que essa rainha herdára de reis antepassados duas enormes perolas, em fórma de peras, tão perfeitas e grandes, que foram avaliadas numa somma fabulosa de dinheiro. Eram tão primorosas as duas perolas, que foram consideradas as mais famosas do mundo. A rainha Cleopatra usava taes perolas como se fossem brincos.

Um dia, a rainha Cleopatra deu um banquete em honra de um grande general romano chamado Marco Antonio. Durante a festa Marco Antonio relatou varios feitos da sua vida de guerreiro, sendo ouvido absortamente pela bella rainha. No meio da palestra, Cleopatra chamou um dos creados e ordenou que lhe trouxesse uma taça de ouro com vinho. Quando a taça foi collocada deante da rainha, esta, com surpresa de todos os convidados, tirou uma das perolas famosas que lhe serviam de brincos e atirou-a dentro da taça. O proprio Marco Antonio, que era considerado o mais extravagante dos homens do seu tempo, não atinou com o gesto incomprehensivel da bella soberana. Mas Cleopatra tinha em mente exceder em originalidade o famoso general romano e, assim, sorrindo e levando a taça aos labios, sorveu o vinho e enguliu a joia riquissima, a perola mais rica que o mundo conheceu.

A menina que tinha frio

A menina pequenina, com uma carinha brejeira mas muito sujinha, chegou-se á mim: — Moça, abraça-me; tenho frio! Deixa-me ao seu lado, sim?

Acariciei-a, ficou commigo no mesmo banco e muito prosa falava sempre.

— Tendo seis annos! Vivo com aquella senhora velhinha que vae por ali apoiada ao bordão! Está procurando por mim!

E a velhinha andava devagarinho, curvada, procurando entre a multidão a netinha garota e esperta!

— Rosinha, Rosinha, gritou a velha!

— Ouviu? E' por mim que ella chamou vou esconder-me estou bem aqui ao seu lado, não sinto mais frio... é tão macio o seu paletot — e passava as mãozinhas nervosas na peliça do meu casaco.

— Olha, Rosinha, a avosinha está afflicta vou chamal-a e dizer que você está aqui!

— Não; não a chame, vóvó leva-me e eu não vejo a festa!

A garota da rua não tinha hora certa para se recolher mas, a avó, comtudo, vinha procural-a por entre o povo que esperava a "festa escoteira" na praça publica.

— Coitada, da menina disse a minha filha.

Ruth: — Não tem sapatos, nem meias, nem calcinhas, nesta noite chuvosa e tão fria...

—E tua mãe Rosinha? perguntou-lhe.

— Não tenho *mãe* nem pae!

Quem me tratou foi a avosinha que vem ali. Ella, já me viu... e encostando-se mais a mim: — Péde para ella não me levar, sim?

A avó divisando-a: — Ah! estavas aqui?

Malandrinha... pequena terrivel! Sujas a moça com essa cara suja!

— Não faz mal, é melhor deixal-a aqui!

Está abrigada e fique a Sra. tambem!

A velha encostou-se ao banco e ficou embevecida olhando a fogueira e a Rosinha...

— Moça, compre-me uns sapatos, umas meias, tenho frio, tenho fome tambem...

— Fome, é possivel? Indagamos da velha.

— E' isso mesmo: minha senhora: eu e ella ás vezes passamos fome...

— Mas onde vivem, o que fazem?

— Eu tenho 64 annos, não posso trabalhar — disse num gesto de desalento a pobre velha — e por isso esmolo e ella faz a mesma cousa.

— Oh! era horrivel aquelle contraste!

Desolou-me — a velha — aniquilada, vencida, — a desesperança e quasi a morte.

A creança — um botão mal aberto para a vida, um sorriso que esponta gracil, uma esperança, uma linda flôr á estiolar-se...

N'aquelle momento desejei ter um abrigo para recolhe-las.

Mas tratei de syndicar pela piedade que ambas me inspirou.

De facto, eram ambas mendigas... viviam do soccorro publico e dormiam ao relento no tal abrigo que a Prefeitura deu aos habitantes da Favella!

Coitadinhos! Vou vêr se os salvo do abysmo que é a miseria das ruas — a pobre Rosinha — a linda flôr do lôdo, e a velha hei de accomodal-a dignamente, como exige a velhice, num abrigo tranquillo. Por hora a pequena Ruth deu á Rosinha um casaco, meias e sapatos.

RACHEL PRADO.

ARVORE DE NATAL

No dia em que eu nasci tu nasceste commigo,
Oh arvore encantada!

No principio,
a tua alta coma esgalhada de sol refulgia longe,
longe do meu olhar medroso e do meu braço curto
de infante.
E os teus pomos de oiro e as tuas lampadas accesas
não os attingia a minha mão pequena,
a minha mão pequena e fina
— nervosa estrella de carne
a tremer
em cinco dedos de luz.

Adolescente, porém,
eu bebi de mais perto o teu fulgor, com os olhos,
e de mais perto toquei os teus frutos doirados,
adivinhando-lhes o gosto e a maciez da polpa.

E — homem — nao me deslumbra apenas a visão
da tua fronde luminosa e loira,
e rio e choro á tua sombra augusta,
porque nasceste commigo e cresceste commigo.

E amo-te mais que outr'ora, hoje, que as minhas mãos te [attingem
e a minha bocca sente, a um tempo,
a doçura e o amargor dos teus frutos possuidos
— Oh arvore encantada do sonho,
Oh arvore encantada da Vida!

RAFAEL BARBOSA

(Do "Caixa de Musica).

A Felicidade

No seio duma floresta escura, onde sussurrava alegre regato, muito solitarios, viviam tres irmãos.

Ainda pequeninos, haviam perdido os queridos paes. Agora, homens feitos já, aborreciam-se na quietude do bosque fechado e mysterioso. Uma noite, mais aborrecidos ainda, como de costume, reuniram-se bem junto ao fogo reconfortante do lar, onde achas de lenha crepitavam numa dansa fantasmagorica.

O mais velho, os olhos vagos, sonhadores, com uma voz triste que resoava estranhamente na sala silenciosa, disse:

— Contam aquelles que raramente aqui vêm ter, que, além do escuro assustador da floresta deserta, fica uma cidade maravilhosa o "Paiz dos Sonhos..."

O outro accrescentou:

— Dizem tambem que na "Cidade Maravilhosa" a vida é calma e feliz... Goza-se apenas...

O mais velho ajuntou:

— Pois bem: partirei á procura da felicidade.

E o segundo replicou:

— Constatarei o que por ahi contam; seguirei para a "Terra da Felicidade" e voltarei rico.

O ultimo, o mais joven dos tres que tudo ouvira silenciosamente, sem ousar uma opinião, com o coração confrangido, abaixou a linda cabeça cor do sol, diante da vontade dos irmãos.

A manhã ainda não surgira, a noite tudo envolvia com seu manto negro e já os tres estavam na estrebaria: sellaram os bellos e fogosos cavallos, montaram empunhando as lanças que luziam ao pallido reflexo da lua e partiram silenciosos, cada um com seu pensamento, em busca da felicidade....

O mais velho, por montes e valles, chegara ao "Paiz dos Sonhos", vasto e maravilhoso; e em pouco saturou-se das festas, envelheceu, acabrunhou-se e não teve a ventura que almejava...

O segundo, remando pelo mar encapellado em um mui fragil batel, tão fragil quanto a felicidade que procurava, penetrou na cidade sumptuosa e teve o mesmo destino do primeiro.

O mais moço dos tres, entretanto, não se distanciára do bosque cerrado. Como num sonho, sentia-se docemente embalado pelo palpitar do coração.

Com a alma em festa, acariciando o bello alazão, falou-lhe:

— Muito bem andariamos voltando á nossa choça da floresta.

E o animal, como se o entendesse, sacudiu as orelhas, trilhando em seguida o caminho que os reconduziria á casita antes abandonada.

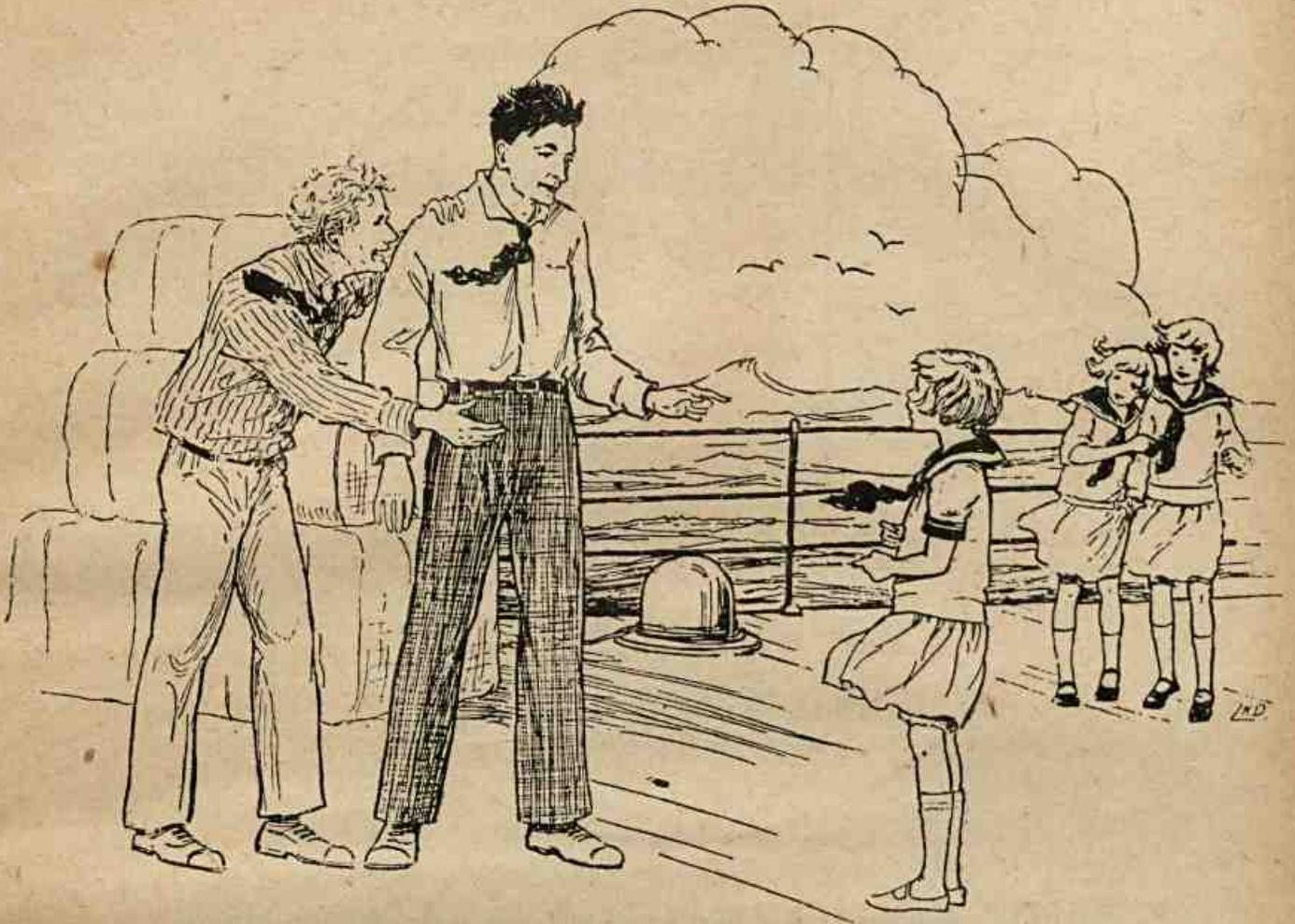
O sol já apparecera e numa onda de luz envolvia a natureza: as arvores, á sua passagem, inclinavam-se como para lhe dar as boas vindas, sussurrando-lhe aos ouvidos ternas saudações...

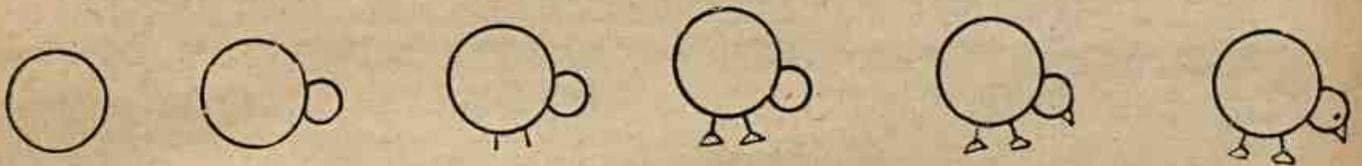
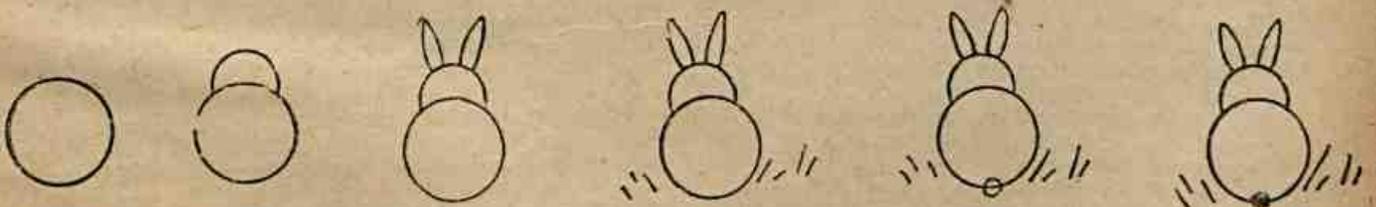
E os passaros gorgeando, alacres, pareciam cumprimental-o pela volta á casa paterna. Sentada num banco, junto á choupana da floresta, encontrou o joven mancebo uma moça de douradas madeixas, que o fitou ternamente. A seus pés, meio occulto nas dobras do seu vestido de prata, um gato negro dormia.

— Quem és tu? — perguntou, entre encantado e receioso, á maravilhosa joven.

E ella, envolvendo-o na caricia de seus mysteriosos olhos castanhos, com um sorriso encantador, lhe respondeu:

— Sou a "Felicidade!....

LAURA LIMA PASSOS

DESENHOS PARA COLORIR

COMO SE DESENHA UM PINTO

COMO SE PINTA UM COELHO

O IMPERADOR DO MANTO AZUL

Trique-Trique dava voltas numa folha, comendo sem cessar. Vocês hão de pensar que se trata de um glutão, mas tal não se dá. Trique-Trique era uma lagarta e estas devem comer muito para viver. Estava Trique-Trique, que vocês agora já conhecem, um dia occupado em comer como de costume, quando viu uma bellissima borboleta pousando, nervosa, sobre umas flores. Trique-Trique não poude conter uma exclamação:

— Oh! como eu gostaria de ser assim!

E todos os dias que se passaram trouxeram a Trique-Trique maior desejo de ser borboleta. Resolveu, por isso, visitar a imperatriz das borboletas e confiar-lhe a sua preoccupação. E nesse mesmo dia poz-se a caminho do palacio imperial.

A imperatriz foi muito amavel para Trique-Trique, promettendo-lhe convertel-a em borboleta.

— Mas, ajuntou, um gnomo máo levou comsigo a varinha de condão com a qual transformo as largatas em borboletas. Se conseguires recuperar essa varinha magica poderás casar com minha filha e serás rei de todas as borboletas.

Trique-Trique ficou radiante com o que ouvia e prometteu á imperatriz partir o mais breve possivel para o castello do gnomo. E no dia seguinte, despedindo-se da imperatriz, deu começo á sua aventura.

A viagem foi longa. Depois de dois dias de viagem, Trique-Trique avistou o castello do gnomo a cuja porta bateu com força.

O gnomo appareceu e perguntou com voz terrivel:

— Que desejas?

— Venho em missão secreta — respondeu Trique-Trique. Sae para o caminho para ouvir-me!

— Muito bem! — respondeu o anão com curiosidade.

Trique-Trique começou, então, a falar:

— A imperatriz das borboletas offerece a mão de sua filha á pessoa que lhe devolva a varinha de condão que tem em seu poder!

— Então essa pessoa sou eu! — respondeu o anão dando um salto de contentamento.

— E eu te carregarei nas minhas costas — proseguiu Trique-Trique, porque não tenho azas para te levar mais depressa!

— E' verdade isso?

— Claro que sim, senhor gnomo. Só uma borboleta ou uma lagarta podem usar a varinha de condão. Dá-m'a para que eu consiga azas e te carregue mais ligeiro!

— Toma-a! — disse o anão.

Tomando a varinha de condão, Trique-Trique transformou o gnomo em uma flor e dirigindo-lhe um ultimo adeus partiu levando a varinha magica.

Andou muito e sentindo-se cansado, Trique-Trique fez uma cama de fios de seda e deitou-se. Dormiu muitos dias e, ao despertar, notou, com surpreza, que já não era uma lagarta e sim uma linda borboleta de azas azues.

— Que lindo é o meu novo vestido! — exclamou. E sem esperar um só momento, emprehendeu o vôo para o paiz das borboletas. Alli chegando, apresentou-se á imperatriz que ao vel-o carregando a varinha magica cumpriu a promessa que fizéra dando-lhe a mão da filha em casamento. Que linda era a princezinha! Dias depois realizou-se o casamento e nunca se viu um cortejo tão lindo, formado de milhões e milhões de borboletas de todos os tamanhos e de todas as cores.

Trique-Trique, desse dia em diante, ficou co-

Trique-Trique, desse dia em diante, ficou conhecido pelo nome de Imperedor do Manto

"Vá dizendo
a toda gente"
que o
ELIXIR DE
INHAME
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

A Jandaia e a serpente

(POR LYCURGO NEGRÃO)

Na espessura d'uma matta, uma linda Jandaia fazia seu ninho, trazendo no bico, pausinhos seccos, folhas e pennugens.

Depois de o ter construido, a graciosa Jandaia, sobre elle se deitou. Tres ovinhos ali deixou. Não demorou dias, tres avezinhas nasceram. Implumes e tremulas, do ninho não sahiam.

Todo dia vinha o passaro, pelos ares, trazer alimento aos filhotes com alegria maternal.

Um dia a pobresinha vinha voando, em busca de seus filhos, quando viu no seu doce ninho, uma enorme serpente enrolada, dormindo tranquillamente. A pobre desventurada, de susto, deixou cahir os insectos que aos filhos trazia. Gemendo ao lado da tyranna serpente, com tanta angustia ficou, que da frondosa carnaúbeira cahiu e sobre a terra morreu.

.. ..

Meteoros

Em noite limpida, amena,
estrellada, sem luar,
quando repoisa a verbena
e dormita o nenuphar,
quando sopra o vento sul,
e o bando dos pirilampos
como sua lanterna azul
vagueia errante nos campos...

Não tendes visto uma intensa
luz branca de vez em vez,
riscar a abobada immensa
com pasmosa rapidez?

Essa luz, que antigamente
prognosticava desgraça,
é uma estrella cadente,
é um bolide que passa,
e vae sumir-se fugaz
no horizonte duvidoso,
não deixando para traz
mais que um rastro luminoso.

São como estrellas errantes
os dias da mocidade:
passam fugazes, brilhantes
deixando uma rastro: — a saudade.

MANOEL SUBTIL

LUZ ENTRE SOMBRAS

Por Machado de Assis.

E' noite medonha e escura,
Muda como o passamento
Uma só no firmamento
Tremula estrella fulgura.

Fala aos écos da espessura
A chorosa harpa do vento,
E num canto somnolento
Entre as arvores murmura.

Noite que assombra a memoria,
Noite que os medos convida,
Erma, triste, merencoria.

No entanto... minh'alma olvida
Dôr que se transforma em gloria,
Morte que se rompe em vida.

A Princeza Esmeraldina

Magda Donato

(FIM)

ser agua perfumada. Vou deitar um pouco em mim a ver a que cheira.

E deitou por cima de si metade do conteúdo do frasco. A agua não tinha cheiro algum.

Esmeraldina continuou a andar, algumas horas, quando de novo sentiu appetite. Dispunha-se a beber o que tinha ficado no frasco, quando de repente viu um passarinho que intentava sorver umas gotas de agua depositadas pela chuva numa folhinha do caminho. As gotas desappareceram pela absorpção da terra, e Esmeraldina pensou commovida:

— Pobrezinho!... Tem sêde e o rio está longe.

Apanhou o passarinho, e esvasiou-lhe o frasco no bico. Quando o passaro desappareceu, a princeza notou que o seu appetite não havia diminuido, mas no frasco não havia mais uma pinguinha de agua.

Pela primeira vez na sua vida, Esmeraldina se dispunha a desesperar-se seriamente, quando viu chegar uma legião de passarinhos, trazendo todos uma migalha no bico. Em poucos momentos, a princeza teve deante de si um montão de migalhas, equivalente a um pão enorme Comeu-as, e seguiu seu caminho, cantando.

Levava já tres dias e tres noites de viagem andando, quando de subito lhe occorreu que não sabia sequer por onde se achave e o que procurava. Deteve uma velha, que passava, carregada com um feixe de lenha e perguntou-lhe com uma graciosa reverencia:

— Senhora, poderia dizer-me onde posso eu encontrar o senso commum, que me falta?

— Tenho ouvido dizer que o pouco disso que ainda ha nesta terra se encontra numa gruta daquella montanha, guardado pelo dragão do fogo.

Esmeralda tomou a direcção indicada e chegou, com effeito, á famosa gruta. A' entrada vigiava um dragão com cabeça de tigre, corpo de leão, cauda de serpente e que deitava fogo pelo nariz e bocca.

A princezinha estava um pouco assustada. De repente, ouviu que o dragão lançava um rugido de dôr e se espadanava pelo chão. Espetára um espinho em cima das patas.

Se Esmeraldina houvesse tido algum dia senso commum teria sabido, ao menos por ouvir dizer, que um dragão é um bichinho perigoso, mesmo quando lhe dóe uma pata. Mas, como não tinha nem um niquinho disso, approximou-se tranquillamente, e com mil precauções para o não machucar, tirou-lhe o espinho. No mesmo momento o dragão se ergeu abriu uma bocca enorme, lançou uma torrente de chammas e... transformou-se num formoso principe.

— Ha mais de mil annos, disse elle, offendi uma bruxa que, para se vingar, me transformou em dragão, me deu a guardar a gruta do senso commum e me condemnou a permanecer aqui, sob esta horrivel fórma, até ao dia em que alguem viesse em busca do que eu guardava. Até agora não tinha vindo ninguem.

— Então, perguntou a pobre Esmeraldina, toda gente tem bastante senso commum?

— Não, mas toda gente julga que o tem. O resultado é o mesmo.

— Vaes dar-me um pouco a mim? — tornou a perguntar a princezinha.

— Olha, disse elle, está ahi na gruta. Mas escuta uma cousa... Apezar de ser pouco volumoso pesa que é um horror. Para que queres tu carregar com tanto peso? Que falta faz o senso commum, quando se tem um coração como o teu? Casa-te commigo e verás que seremos felizes, muito felizes.

Esmeralda não se deteve a reflectir, naturalmente. Acceitou, encantada, a proposta e os dois voltaram ao palacio rindo e cantando. Casaram-se e foram, com effeito, muito ditosos.

GERMANIA
MARCA REGISTRADA
PARA TINGIR SEDA
LÃ E ALGODÃO
A'VENDA
EM
TODA
PARTE
GERMANIA
Sylvio

O PASSARINHO FELIZ

(F I M)

IV

E fez-se noite. A Natureza povoou-se de mysteriosos murmurios O vento parecia gemer entre as ramarias. Mas, lá em cima, brilhava, magnificô em toda a sua formosura, maravilhoso disco de luz, que uma infinidade de astros mais pequenos, mais pequeninos, rodeavam como zelosos guardas... Era a lua! Eram as estrellas!... O passarinho feliz julgou tudo aquillo um sonho... E embriagado pela belleza dessa noite, cantou... Um canto dulcissimo... estranho. Um canto de amôr para a lua!

A luz do sol surprehendeu-o cantando, e a sua ultima nota foi como um grito de dô

V

As sombras envolveram o coração do passarinho.

— Passarinho feliz! Por que estás triste?

— Oh! Fonte amiga! E' que eu vi a lua e quizera acarical-a com as minhas azas e commovel-a com o meu canto!

— Passarinho feliz! Pretendes uma loucura!

— Fonte amiga, por que?

— A lua está muito longe de nós. Não poderás chegar junto della. Fizeste mal em vel-a! Muito mal, passarinho feliz!

— Então, não sou feliz... não o posso ser... não posso!

A fonte suspirou, gemeu com o passarinho.

VI

Veiu de novo a noite.

Lá em cima, sempre formosa, a lua com as suas estrellas. O pobre passarinho não resistiu. Abandonou o cálido ninho.

— Lua! Póde acaso, a distancia, a teu lado? Lua, eu vou para ti!

E batendo as azinhas, emprehendeu o vôo...

Subia, subia, subia...

— Lua, eu vou para o teu lado!

Achou-se entre as nuvens... Mas, como ella estava distante ainda, santo Deus! Entretanto, parecia dizer-lhe:

— Sóbe! Sóbe passarinho!

E estimulado por esse chamamento mudo, continuou subindo!...

— Lua, eu vou para junto de ti!

— Coragem! Acima! Avante! Mais... Mais ainda!

— Eu vou! Eu vou!

Mas... Não póde mais... O cansaço e o desanimo venceram o seu organismo As forças abandonaram-n'o. Dobraram-se-lhe as azas lutadoras e elle, já nos braços da morte, deu como uma pedra contra a terra! O seu ultimo vôo!

Um pallido raio de lua lhe serviu de mortalha!

VII

Assim, o meu coração, mamãezinha! Um passado louco!... A solidão, a noite, o nada, apoderaram-se delle, porque, como o passarinho, pretendeu uma loucura... Sabes? Eu a amava muito... queria-lhe muito... muito! Para que havemos de nos enamorar, mamãezinha? Por que é que existem differenças de posição e de classe? Mamãezinha, tenho o inverno no coração... Comprehende-me?

VIII

Boa mamãezinha, não chores! E como nos dias felizes da meninice, aquelles venturosos, fugazes dias que se fundiram na nebulosa do que jámais volta, deixa-me soluçar contra o teu coração de santa...

Deixa, mamãezinha! E enquanto desabafo no pranto, conta-me uma daquellas historias lindas que a sabias contar-me... Lembras-te Era uma vez um principe... Vá... mamãe, começa!

A morte da Grippe

— A minha cestinha está cheia de fructas, que vóvó me deu!

— Mas o meu presente foi melhor! Vôvô me deu uma garrafa cheia de "BRYONILLA", que cura tosses, constipações e grippes em poucas horas ... Agora, não ficaremos mais doentes!

O MEDO

O Bicho Carrapatú
o negro velho do surrão
— foi o medo que passou.

Mas depois chegou o medo,
o medo maior que houve
que as negras velhas contavam:
era a mula sem cabeça,
era a cabra cabriola,
lobishomens, bestas-feras.

A gente sadia quem era a mula sem
[cabeça.
O lobishomem era o Zuza-fogueteiro.

Pelo signal da Santa Cruz...

E a vovózinha: Reze a oração de
Nossa Senhora do Desterro.

A gente rezava,
O medo tremia o queixo da gente,
mas lá ia...

O engenho de minha avó
era cheio de almas penadas
que vagavam nas senzalas abandonadas

O engenho de minha avó era tão triste!

No tempo do cholera
morreu gente como bala.
Na secca de 77 não ficou raiz de imbú...
As pedras do rio tinham letreiros de
[botijas
que ninguem descobriu.

Quando a vózinha morreu
o resto da gente partiu para o Joazeiro

Pelo Signal da Santa Cruz...

JORGE DE LIMA

A VOZ DAS CRIANÇAS

Jesus, que foste menino
como nós,
ao te entoarmos um hymno,
conheces a nossa voz.

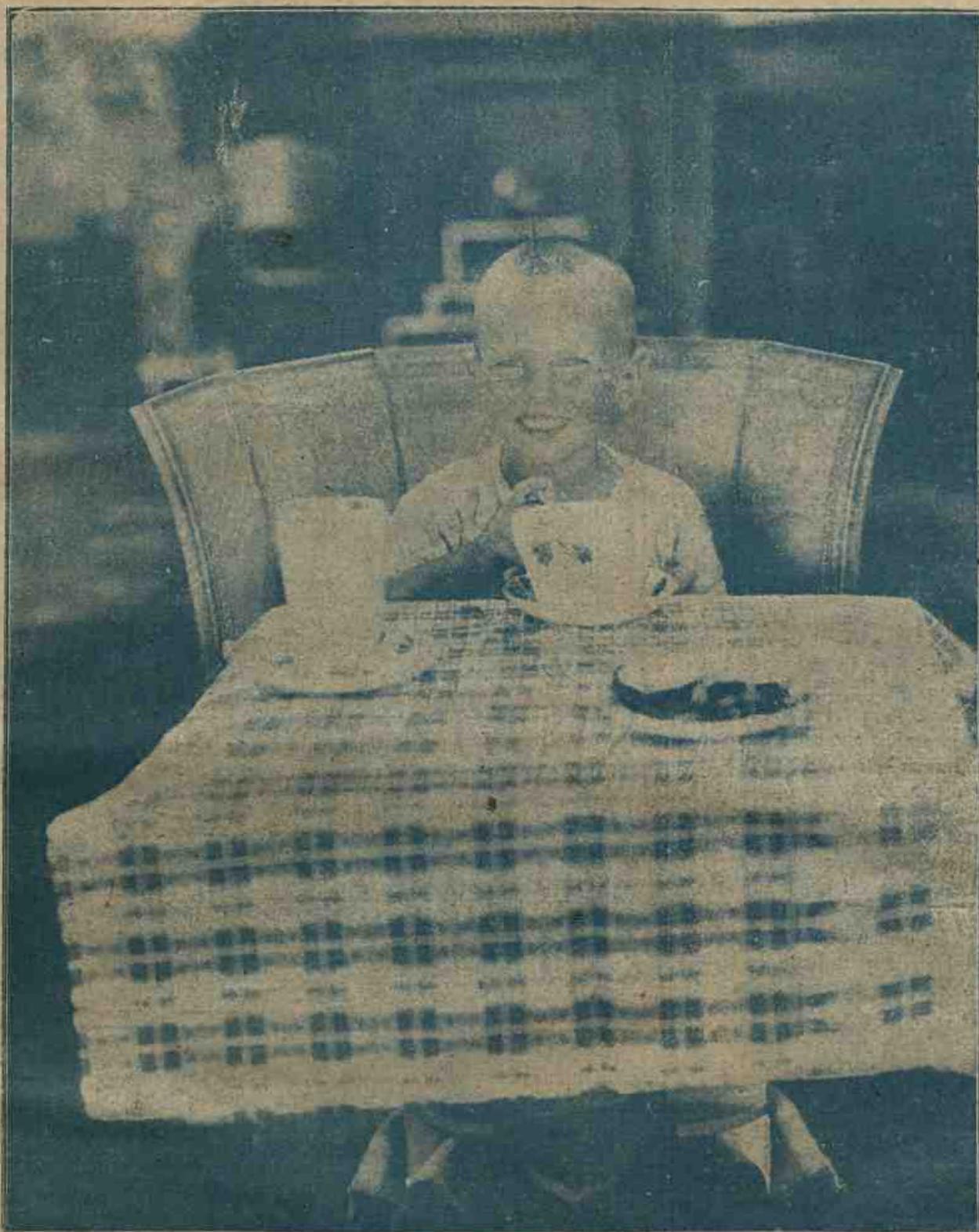
— Deixae-os (disseste um dia)
vir a mim.
E hoje vê com que alegria
nós te aclamamos assim.

Tu, que amavas as crianças,
recebe o preito infantil:
nós somos as esperanças
do Brasil.

Jonathas Serrano

NOITE DE NATAL!

Noite de Natal... Quanta saudade
Na minh'alma revive. Noite de bondade,
Que enche de alegria toda a natureza
Em flôr... Noite divina; quanta riqueza
Encerras!... É a voz dos sinos, mansamente,
Nesta noite sublime, trazendo, docemente
A minh'alma sonhadora, a esperança
Que faz viver em minha lembrança
Immorredoura saudade...
Natal!... Noite encantadora, cheia de luz!
Noite em que nasceu Jesus!...

ALBERTO J. TORRES.

O PEQUENO — Minha saude e alegria constante provêm do Chocolate Bhering — o delicioso alimento que a mamãe nunca se esquece de me dar!

O Chocolate "Bhering", fino e substancioso alimento de um paladar incomparavel, não está ao alcance só dos ricos: o seu custo medio por chicara grande é apenas de **60** *réis!*

As razões do Porco

Lá ia para o mercado a carroça de um sitiante. Dentro, tres animaes: uma cabra, um carneiro e um leitão. Cabra e carneiro iam em silencio, muito socegados. O porquinho, não. Inquieto, a suspirar, volta e meia, espiava pelas frestas, cheio de apprehensões.

E quando avistou o mercado não se conteve: abriu a bocca e berrou como si estivessem a sangrar-lhe o coração.

— Para que isso? disse a cabra. Tambem eu vou para a feira e a ninguem incommodo com esse berreiro descompassado...

Tambem eu assim penso, ajuntou o carneiro.

Vamos ser vendidos, quer dizer mudar de dono. E' tolice lamuriar dessa maneira por cousa tão sem importancia.

O porquinho berrou ainda mais e por fim explicou-se:

— E' verdade vamos ser vendidos os tres. Mas tu cabra, teu destino é dar leite; tu carneiro, tua funcção é produzir lã. Mas eu? — eu só presto para ser comido e ir para o mercado, não significa sómente mudar de dono, mas sim mudar de mundo.

Vou para o açougue — coim, coim. Como então quereis que me conforme com a sorte e vá nesse socego de cabra ou nessa indifferença de carneiro?

Tivesseis o meu destino e havias de berrar ainda mais forte... Disse e continuou a botar a bocca no mundo...

E com muita razão coitado!...

Waldir Soares.

FELICIDADE

— Vóvó, o que é a felicidade?

— Felicidade é uma cousa que se sente filhinho, e não se diz...

Tudo o que ha de bom no mundo, resume-se nessa palavra que inconscientemente pronuncias, sem saber os thesouros que ella encerra!...

Mas a felicidade é ingrata meu anjo... depois que a conhecemos e que ella derrama em nosso seio a alegria de ser feliz, ella vae-se embora, meu filho... vae-se embora para nunca mas voltar! E a gente fica triste... com a saudade da felicidde passada!

— E já tiveste a felicidade Vóvó?

— Já, meu netinho, ella se foi, mas voltou encarnada em ti, que és a minha vida, a minha unica felicidade na terra!...

Dulce Pereira.

ASSIM

POR CAUSA D'UMA TERRIVEL TOSSE

CHEGUEI A FICAR

QUASI

ASSIM

MAS GRAÇAS AO JATAHY PRADO

CONSEGUI

FICAR

ASSIM

CURADO E ATÉ MAIS FORTE PORQUE O

JATAHY PRADO

É O MELHOR REMEDIO PARA

TOSSE ★ BRONCHITE ASTHMA ROUQUIDÃO

Á VENDA EM TODA A PARTE E NOS DEPOSITARIOS: ARAUJO FREITAS & C.ia - R. DOS OURIVES 88-RIO.

A IDADE DO CATAVENTO

O mais antigo catavento parece ter sido o que o architecto Macedonio Andronio estabeleceu em Athenas, no alto do monumento chamado "Torre dos Ventos". Em França, durante a idade media, collocavam-se cataventos nas torres dos castellos, nos campanarios das igrejas, attribuindo-se, porém, ao primeiro uma significação especial. Era o catavento um signal de nobreza, sendo por isso vedado o seu uso aos burguezes. A sua forma variava segundo a hierarchia feudal. Nas igrejas, tinham tambem um valor symbolico. Eram o emblema dos prégadores que como elles affrontavam o vento e não hesitavam perante as almas rebeldes.

CALENDARIO PARA 1930

JANEIRO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31	..	..
..	..	..	..	..	..	..

FEVEREIRO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	..	..	..	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	..	..
..	..	..	..	..	..	..

MARÇO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	..	..	..	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	..	..	..	..	..	..

ABRIL

S	T	Q	Q	S	S	D
..	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	..	..	..	..
..	..	..	..	..	..	..

MAIO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	..	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	..
..	..	..	..	..	..	..

JUNHO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	..	..	..	..	1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	..	..	..	..	..	..

JULHO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	..	..	..
..	..	..	..	..	..	..

AGOSTO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	..	..	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
..	..	..	..	..	..	..

SETEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	..	..	..	..	..
..	..	..	..	..	..	..

OUTUBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31	..	..
..	..	..	..	..	..	..

NOVEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
..	..	..	..	..	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
..	..	..	..	..	..	..

DEZEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	..	..	..	..
..	..	..	..	..	..	..

Paschoa, 20 Abril. Ascenção, 29 Maio. Pentecostes, 8 Junho. Corpus Christi, 19 Junho.

FELICIDADE

O homem andava sempre triste.

Nos olhos do homem havia uma luz dormente dos inconsolaveis.

Não sorria. Nunca sorriu. Odiava a humanidade.

Olhava, indifferente, para a Natureza. As mais lindas flores, não o encantavam.

Os canticos dos passarinhos não lhe davam alegria.

O homem era sempre triste. Tinha muito dinheiro. Muita saúde.

Viajou muito. Viu cidades maravilhosas.

Possuia lindos e ricos automoveis.

E o homem era sempre triste.

Um dia lhe perguntaram:

— "Por que vives sempre triste, se tens tanto dinheiro, tanta saúde e tudo o que desejas?"

E o homem respondeu:

— "Não sou feliz. Vivo á procura da felicidade e não encontro a felicidade."

E a felicidade vivia com o homem. Elle era a felicidade.

Sampaio Junior

O negro e o seu senhor

Um ricaço comprou um negro, persuadido de que, obrigando-o a lavar-se e assear-se, fal-o-ia perder a cor escura que, na sua opinião, era proveniente, apenas, da falta de limpeza.

Para isto, obrigou-o a tomar uma infinidade de banhos e o lavou de mil maneiras, mas ao invés de conguir que o preto se tornasse branco, acabou por tornar doente o infeliz.

Moralidade:

Difficil, se não impossivel, destruir as coisas que provêm da natureza.

Machado de Assis

O labio do homem não é como a pata do cavallo de Attila, que esterilizava o solo em que batia: é justamente o contrario.

Machado de Assis

Festas Nacionaes no Brasil

1º de Janeiro — Fraternidade universal.

24 de Fevereiro — Promulgação da Constituição Federal (1891).

21 de Abril — Execução de Tiradentes (1792).

1º de Maio — Festa do Trabalho.

3 de Maio — Descobrimento do Brasil (1500).

13 de Maio — Extincção da escravidão (1888).

14 de Julho — Commemoração da liberdade e da Independencia dos povos americanos.

7 de Setembro — Independencia do Brasil (1822).

12 de Outubro — Descobrimento da America (1492).

2 de Novembro — Commemoração geral dos mortos.

15 de Novembro — Proclamação da Republica (1889).

25 de Dezembro — Nata[illegible] S. Jesus Christo.

ANEMIA
NEURASTHENIA
DEBILIDADE
TUBERCULOSE
BIOTONICO
FONTOURA
SANGUE
MUSCULOS
NERVOS
O BIOTONICO
É EFFICAZ EM AMBOS OS
SEXOS E TODAS AS EDADES
INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA & SERPE
SÃO PAULO BRAZIL
BIOTONICO
FONTOURA
O Mais Completo
FORTIFICANTE